

ANTOLOGÍAS HOMENAJE A ANDERSEN



**TOMO 3
CUENTO
J– M**

MARIÉ ROJAS TAMAYO

Portada: Melissa Santamaría, 6 años, Italia-México

Pedrinho e o balão



Já devia ser bem tarde da noite, Pedrinho tinha certeza. Mas o barulho estridente das sirenes dos carros na rua- que iam e viam- o acordaram. Assustado, resolveu ver o que estava acontecendo. Desceu da cama e calçou os chinelos de coelhinhos.

Quando foi em direção da porta, que sempre ficava entre aberta, deu uma rápida olhada no espelho. Percebeu que

os olhos azuis assumiram um tom acinzentado. Fato que sempre acontecia quando levantava no meio da noite ou nos fins de semana quando ia com seu pai visitar o vovô e a vovó na chácara, e tinha a obrigação de levantar bem mais cedo.

O rosto estava todo amassado...e os cabelos bagunçados, com alguns fios ainda em pé. E no pijama azul concluiu que parecia muito com o espantalho da chácara do vovô.

Mesmo assim, empurrou a porta e foi para a sala. Receoso que seus pais lhe dessem uma bronca. Pois não gostavam que Pedrinho ficasse acordado até tarde, seguiu com cuidado. Um pé na frente do outro. Não fosse o sono, desviaria do cachorro que estava no meiodo corredor- só de passagem, pois José o pai de Pedrinho sempre punha Bola-de-neve e Estrela-da-manhã para fora de casa.

Bola-de-neve, o cachorro, era um vira-lata grande e bem peludo. Que gostava demais de almôndegas(bolinhas de carne). Pelo menos era o que Pedrinho achava, pois quando não queria comer seus bolinhos, enrolava Lucia- sua mãe- e bem disfarçadamente os jogava para o cachorro embaixo da mesa. O cachorro era muito esperto- pensava Pedrinho- pois sempre estava escondido embaixo da mesa nos horários próximos das refeições. E nem José, nem Lúcia conseguiam tira-lo dali. Porém, sempre foi muito desajeitado e Pedrinho estava certo de que por isso dormia fora de casa.

Já com Estrela-da-manhã, o gato, a conversa e o problema era bem outro. Teimava o felino em dormir o dia quase todo, no mínimo, e a noite perambulava pela casa no escuro derrubando vasos, subindo em cima da mesa e bagunçando os papéis de José.

Até que numa noite de verão, Lúcia perdeu a paciência e o pôs para a rua.

— Agora já é demais...esse gato vai dormir na rua, disse Lúcia naquela noite.

Pedrinho não entendeu muito bem, afinal de contas o gato dormia o dia inteiro-ou quase- e por mais que tentasse brincar com ele durante o dia, o bichinho sempre fugia e procurava um lugar sossegado para dormir.

Por vezes, no sofá da sala. Outras vezes flagrado saindo de um dos quartos da casa sorrateiramente. Ou ainda, assustava a mãe de Pedrinho escondido no meio da roupa suja na área de serviço. Mas todos amavam os dois bichinhos. Já eram considerados da família.

Foram presentes dos avôs de Pedrinho para ele e seus nomes foi ele mesmo quem escolheu.

Ainda lembrava-se de quando os ‘batizou’, primeiro Estrela-da-manhã e lhe deu esse nome por que aprendeu com o vovô que o outro nome pelo qual é conhecido o planeta Vênus era esse mesmo.

O avô de Pedrinho gostava de observar as estrelas no céu todas as noites. E prometeu que um dia acordaria- o bem cedo para verem o planeta Vênus- a estrela da manhã- junto ao sol, que subindo devagarinho, mas ininterruptamente, cobre com seus raios dourados o brilho do planeta.

Como se o apagasse, para antes de ir embora o acender novamente para fazer companhia á Lua.

A neve, ele ainda não tinha visto de perto, só conhecia pela TV. Mas ao ver o filhote de cachorro todo enrolado num pano velho, miudinho e tremendo de frio- no dia em que o vovô o deu para ele- não teve dúvida.

— Bola-de-neve! proclamou Pedrinho, e em sua cabeça o vira-lata peludo nunca poderia ter tido outro nome. Foi nisso tudo que Pedrinho pensou, quando tropeçou no cachorro e caiu no chão da sala. Fazendo muito barulho.

Bola-de-neve saiu correndo assustado, e seus pais correram para ver se Pedrinho não se machucara.

— Engraçado, eu tinha certeza que o cachorro já estava lá fora-disse José, enquanto ajudava Pedrinho a se levantar.

— Se machucou, Pedrinho?- perguntou sua mãe, enquanto apalpava-o para ter certeza de que estava tudo bem.

Aperta daqui, aperta dali e aperta um pouco mais na barriga para constatar que fora o susto não havia nada de errado com o menino. Passo o susto restabeleceu-se o falatório e, assim, Pedrinho descobriu a causa de tanto barulho na rua e dentro de casa: caíra um balão, desses de festas juninas, na favela próxima a casa de sua família...o fogo lambeu famintamente vários barracos, não houve vitimas fatais até aquele momento. Mas o número de feridos e de pessoas que tudo perderam era muito alto!

Na televisão da sala os pais de Pedrinho e o menino acompanhavam o trabalho dos bombeiros e da defesa civil. Olhos atentos e preocupados, sufocados não pela fumaça mas pela impotência que toma conta do coração do homem em meio á tragédia.

— Temos que fazer alguma coisa!- diz-se Pedrinho, interrompendo o falatório dos pais! Enquanto puxava a perna da calça do pijama de José.

Consternados com a preocupação do caçula, José o levou para o sofá enquanto sua mãe foi para a cozinha preparar um chá quente para a família.

— Sim, filho, temos que fazer alguma coisa...mas não agora! Vamos conversar, em momentos assim temos que confiar em Deus e nas habilidades de pessoas que são treinas, preparadas, para lidar com essas situações extremas! Como os bombeiros e o pessoal da defesa civil...

Inconformado, Pedrinho ficou ainda mais agitado e pôs-se a berrar:

— Não, não, papai! Temos que fazer algo agora!- insistia. E insistiu até às lágrimas escorrerem por seu rosto e molharem quase toda a camisa do pijama. Os olhos inconformados e atentos não conseguiam desviar-se da TV, onde passavam imagens da tragédia. O repórter insistia em que as pessoas não deviam dirigir-se para lá, e sim, quem quise-se ajudar deveria concentrar seus esforços no auxílio as vítimas nos abrigos providenciados pela prefeitura.

De ouvir o choro desesperado do filho Lúcia voltou correndo da cozinha com as xícaras a pingar chá pelo corredor e inquiriu:

— Mas o que está acontecendo aqui?

O desespero do menino aumentou e com ele a perplexidade dos pais...depois de muito insistir, conseguiram acalmá-lo e entre um gole e outro de chá com bastante açúcar o convenceram a contar o motivo de todo aquele pânico.

— A culpa é minha! – sentenciou Pedrinho, os olhos perdidos voltavam vez ou outra a procura de imagens na tela do aparelho já desligado.

— Culpa? De que? Inquiriu Lúcia, preocupada com a resposta e lembrando-se que ainda outro dia o menino acreditava ser o culpado da morte de um dos vizinhos mais velhos. Pois uma ou duas vezes deixara a bola com que brincava cair no quintal da casa do homem. Um doente em convalescença e que sucumbiu de uma moléstia ignorada até pelos médicos!

— Eu...fiz o balão que caiu lá!- afirmou Pedrinho.

— Como assim? Perguntou-lhe seu pai.

— Outro dia eu e Silvio estávamos fazendo balões. Para a festa da escola! Disseram que nunca, nunca os soltariam. Mas alguém deve ter esquecido e soltado um...que caiu lá, na favela, e agora meus amigos não tem mais casa-disse o menino caindo outra vez nas lágrimas.

Com muita paciência, José retomou seu lugar de costume no velho sofá. Passou a mão na cabeça de seu filho e pôs-se a falar:

— Filho... as coisas não são bem assim! Os balões que você e seu irmão fizeram na escola, naquele dia, nunca saíram de lá. Eram só pra compor a decoração da festa de São Pedro.

Antes que pudesse concluir, o menino abriu outro berreiro que com muito custo e mais alguns biscoitos de chocolate foi contido.

— Filho, o santo não ficou com raiva de você e fez algum daqueles balões voar e cair aceso na favela. Isso é besteira sua, digo, é imaginação-concertou José, pois vira o olhar apreensivo de sua esposa.

— Pai, o senhor acha que não mesmo?- inquiriu desconfiado.

— Não filho, não acho! Tenho certeza, afirmou seu pai.

— Mas, então, quem fez isso? Na escola falam que soltar balão é crime! Só que todo o ano a gente assiste á um verdadeiro desfile de balões no céu!- questionou.

José procurou as palavras adequadas e disse:

— Filho, soltar balões é crime. É nosso dever coibir, denunciar, essa prática que leva muita gente a perder o pouco que tem. Incluindo a própria vida, sem contar no prejuízo- muitas vezes irrecuperável- da natureza. Só que muita gente não tem esse tipo de consciência. Acha bonito ou acha que nunca vai acontecer nada com eles.

Mais calmo, Pedrinho aceitou retornar a ser quarto. Ao longe o burburinho seguiria horas a fio. Pela manhã, um lindo dia de Sábado, todos iriam até a favela ver no que poderiam colaborar. Lúcia voluntaria-se para cuidar dos pequenos por algumas horas no abrigo, o que daria fôlego e um pouco de descanso as mães. José informaria-se sobre como poderia trabalhar no rescaldo e, assim, ajuda-los a recuperar alguma coisa. E, Pedro brincaria um pouco com seus amigos. Tirando-os por breves momentos de sua dura realidade.

José Carlos da Silva

Brasil

e-mail: zecasaobernardo@bol.com.br

Ilustración: Ernesto Benítez

7 años

Escuela Tomás Romay, Cuba

ideasz@jovenclub.cu

Burbujas de café en un semáforo de Caracas



Transitaba sobre el rayado blanco de un semáforo situado en la ciudad de Caracas.
[en color rojo,
como los pájaros tibios que revolotean los minutos del atardecer]

Territorio de asfalto donde una niña de vestido imborrable, celebraba pausadamente un acto circense.

Soplaba, con una suerte de travesura en los labios, la espuma de una taza de café como si
soñara provocar
un desorden de
burbujas en el aire.

No sabría explicar de forma convincente si fue que logró arrancarlas con la fuerza ingobernable de una carcajada o si fue que me las inventé con una cabriola de nostalgia,
pues florecieron como una bandada de globos de cristal sobre la inmediatez del tránsito urbano.

Apenas me pregunté en voz baja:
¿qué impresión ofrecerá colgarse secretamente sobre una de ellas?

Y la caricia inesperada de un breve resuello, enganchó sobre el borde de mi nariz el olor dulce de las hojas de un mini atlas, que representaba, en las calladas horas infantiles de soledad, un rinconcito para la fantasía que invitaba a la imaginación a recorrer ciudades con el roce de los dedos: Barcelona, Lima, Salzburgo, Praga, La Habana.

Durante ese paréntesis flotaron en mi pensamiento un puñado de mapas de todos los colores,

[Rojos, Amarillos, verdes: también azules semejantes al agua de mar]

Como si la geografía del planeta colgara frágilmente en mis pestañas.

Aproximándome a la posibilidad de gravitación de la piel,
y todo se volvió
espacio.

Burbujas de café en un semáforo de Caracas

Juan Carlos Linares Rivero

Santiago de León de Caracas, Venezuela.

timbalaye@cantv.net

elsuenodelfin@hotmail.com

Ilustración: Carlos Eduardo Delgado Gutiérrez

Diseñador Gráfico Y Fotógrafo

México

Carlos.Delgado@inegi.gob.mx

EL FANTASMA DE LA CARA BLANCA



Mis grandes amiguitos son “Javi” que también le decíamos “súper ratón” ya que era el más rápido para correr entre nosotros y las competencias de la escuela, su verdadero nombre era Javier, “Quique” (Enrique), “Nacho” (Ignacio), “Cui” de Cuitláhuac y “Sindi” (Sindientes, a pesar de que éramos muy chicos, él parecía tener como ochenta como un abuelito que mastica con las encías, también le decíamos “Jeorch” pero su nombre era Jorge; y junto con mis siete hermanos “Güero” (Adán), “Cheve” (Severanio), “Ale” (Alejandro), “Aza” (“La chilis” de Chilindrina = Azalía), “Gato’s” Araceli y “O-o”,

(Coco = Ariel), nos encantaba jugar en el edificio en la vecindad que vivíamos ubicada la calle de Dr. Martínez del Río, en la ciudad de México, que más bien era como un castillo, ya que la entrada principal y en el interior su construcción era colonial o al menos daba la apariencia, data de finales del siglo XIX.

En el interior de la vecindad había cuatro entradas, en la cual cada uno daba a cuatro departamentos, cuando subía a la azotea conectaba a todo el edificio, las entradas eran como laberinto ya que de una salía a otra. Debajo de las escaleras en la covacha en la planta baja, había una puerta cerrada que nos dirigía hacia la “zotehuela” (hoyo que tiene la azotea para no huela feo- jijiji-) esta puerta sólo las tenían los departamentos de abajo, por lo que era muy oscuro esa parte y más cuando anoecía. Mucho vecinos no se percataban de la oscuridad en las escaleras y eso lo aprovechamos para seguir jugando al “bote” o “escondidillas”.

Era un sábado por la tarde cuando nuestro afán era seguir jugando a las escondidillas, nuestros padres no llamaron para la merienda y hacer la tarea que nos faltaba, ya que como era costumbre los lunes tendríamos que ir a la escuela. En lo que parecía el último juego de nuestras vidas a Quique, Cui, Güero, Cheve, Ale y a mí, “Jean” =Juan se nos apareció en uno de los magníficos escondites debajo de las escaleras donde daba a zotehuela La Cara blanca si cuerpo.

Recuerdo que eran como las seis treinta de la tarde aproximadamente y pocos minutos antes nuestras mamás nos llamaron para ir a comer algo -nos la

pasábamos jugando todo el día, y en muchas ocasiones no queríamos ni desayunar por ir a jugar nuestros amigos- luego para hacer la tarea que nos faltaba y aprovechar para el domingo ir de visita con mi abuelita “Regis” (Regina) y sus hijas en un pueblito en el Estado de México.

Entonces tocó el turno a Javi, quien era muy bueno y rápido para correr, pero malo para esconderse, siempre lo encontrábamos primero. Aventamos el “bote” y fue tras el, mientras más lejos lo aventaras más oportunidades había de escondernos, en esa ocasión era la primera vez que casi llegaba a la entrada principal, lo cual nos dio tiempo esperarlo un poco para hacerlo más interesante el juego y una vez que se fuera acercando salir corriendo a escondernos -lo padre del juego era que todo mundo chocaba contra todos, pellizcos, jalones, gritos y se generaba las grades carcajadas- cuando Javi regresaba de recoger el bote de espaldas para no ver dónde nos escondíamos, a unos cuantos metros de llegar echamos a correr unos por un lado otros por el otro, pero me tocó en el tumulto ir delante hacia la covacha de la entrada de mi casa Quique, Cui, Güero, Cheve y Ale, y fue cuando se nos apareció el fantasma de La Cara Blanca sin cuerpo y sonriendo, dejándonos paralizados del miedo, para posteriormente echarnos a correr cada quien a su casa. Comencé hacer la tarea, los pies me temblaban, mi rostro era tan pálido que cuando me vi al espejo creí que el fantasma de la cara blanca me había seguido hasta la casa, a duras penas podía comer lo que me había servido mi mamá y como pude terminé mis tareas. Fue la noche más larga de mi corta vida (seis años de edad) no pude pegar los ojos para dormir del miedo de la oscuridad y la soledad que inundaban el cuarto, sólo pensaba en La Cara Blanca que me perseguía con la imaginación hasta mi cama y arrepintiéndome de no haber obedecido a mis padres, fue hasta que decidí taparme la cabeza con las sábanas y pensar que mi papá estaba cerca de mí y mis hermanos no nos pasaría nada, fue como logré descansar un rato.

Después de varios días estuve temeroso de la entrada de mi casa y más debajo de las escaleras la covacha, me era muy difícil poder entrar y subir, tenía que hacerlo con alguien o esperar a alguien que me acompañara, no podía seguir mucho tiempo así: con miedo, hasta que decidí poner fin a esa situación ya que no podía seguir sin jugar que era lo más valioso del universo y por supuesto del mundo, después de la parte de las responsabilidades –jijiji-. Un buen día me arme de valor y decidí bajar a enfrentar al fantasma de la cara blanca con la espada de He-man (de plástico) que era de mi amigo Javi, conforme bajaba un escalón las piernas se me iba doblando más de los nervios y el corazón latía cada vez más fuerte y los ojos se me pelaba como dos huevos estrellados en un plato; al llegar al fondo, el corazón se me quería salir del pecho, pero al ver que no pasaba nada o más bien que no se aparecía el monstruo descanse y me regresé a mi casa más tranquilo.

Así pasaron varios días, buscando reclamar el derecho de espacio y propiedad física presente digna del juego de las escondidillas, poco a poco fui perdiendo el miedo, pero no desistí hasta que un día se me olvidó por completo pensando que lo que había era producto de una alucinación. Un buen día mí mam (mamá) me mandó a traer pan para la cena, todavía había luz, se me había ido el tiempo vi que ya había oscurecido y no había comprado lo que se me había encargado, cuando regresé me percaté de que ¡Se habido ido! en varias manzanas, desde la entrada principal hasta la entrada de mi casa era oscuro o más bien estaba negro y yo más por el coraje del porqué en ese momento se tenía que haber un apagón y lo más lamentable es que no traía mi espada especial He-man para defenderme contra los fantasmas de La Cara Blanca.

Me quede paralizado por unos minutos por el miedo estaba putrefacto y paralizado, como si mis piernas estuvieran pegadas al pido, lo peor de caso es que no pasaba algún conocido para pegármele e ir llegando como juego de nitendo ni se asomaba alguien por las ventanas para pedirle que bajara por mí, entonces me di nuevamente valor recordando lo hermoso de la naturaleza, pero me acordaba “chin” (expresión de jijole, a que la molamos, me lleva, etc.) por no haber obedecido nuevamente rápido. A fines de cuentas el valor me hizo enfrentar, claro pensaba si muero de un infarto o paro cardiaco o de bilis o de un susto que la pagara La Cara blanca.

Como pude y poco a poco con los ojos entre abiertos y cerrados, pero más pelados por los ruidos que se oían por todas partes, con poca calma pero temerosa, atravesé el pasillo hasta la entrada de mi casa donde se nos había aparecido el fantasma de La Cara Blanca. Ahora era esa nueva barrera pasar las escaleras de la covacha, pero nuevamente mi cuerpo se llenaba de todas las emisiones que puedan existir, no podía aplicar la salida emergente (salir corriendo como rayo) mis piernas no me respondían para subir corriendo y mis ojos no funcionaban por tanta oscuridad. Miré al cielo y estaba la luna en cuarto menguante y las estrellas brillaban mucho y eso me dio valor, tome aire como si fuera a aventarme del trampolín de 10 metros a la alberca y comencé a subir poco a poco.

Al subir el primer escalón no paso nada, el segundo y nada, en el tercero la manga pensé que se me había atorado, me volteé para desatorarla del barandal de madera y cual fue mi sorpresa que La cara Blanca me había agarrado, de nueva cuenta sonriendo, quedé anonadado sin llegar al desmayo, ya no podía hacer nada, sólo la comunicación me iba a permitir saber que deseaba le pregunté con mucha pompa e inclinando la cabeza, nada más porque no traía sombrero sino me lo hubiese quitaba, no le di la mano porque llevaba el pan, además que no se me había ocurrido en ese momento:

¿Qué deseaba y en que podía ayudarle?

Sólo se me quedó viendo y pelando los dientes con una gran sonrisa, se me ocurrió decirle que sí lo que quería era jugar escondidillas, y me contestó con movimientos de cabeza: con un sí. Las facciones de su cara eran más alegres y la blancura de su cara se convirtió en una luz aguamarina brillante. Con más confianza le reiteré mi postura de jugar juntos y le comenté que sólo iba a dejar el pan y regresaba para que juguemos, emocionado volteé y añadí con una condición: ¡Que nunca más volvería a asustar a los niños, si no que los protegiera y que en situaciones difíciles como en la oscuridad y la soledad les proporcionara fuerzas a través de los rayos de las luces brillantes de colores y mucho amor. Con su cabeza me dijo que sí, me soltó y rápidamente fui a dejar el mandado y cuando regresé ya no estaba, se había ido, dejando en el piso una rosa realizada con ases de luces, la que recogí y guardo en mi corazón.

Juan Carlos Martínez Nava

México Distrito Federal

Jeancarleon@yahoo.fr

Ilustración: Ray Respall Rojas

17 años

Cuba

OJOS DE PAPEL



Había una vez una niña muy alegre y demasiado inquieta que padecía de insomnio por lo que desarrollo la peculiaridad de soñar despierta, imaginaba aventuras maravillosas cada noche, nacidas de las fuentes literarias de ilustres escritores; maravillas y tesoros escondidos entre pino y roble que ella intrépidamente rescataba del olvido. Su más grande anhelo era convertirse en escritora de cuentos, curiosa por naturaleza, añoraba

explorar el mundo más allá del umbral de su casa. Sin embargo, la niña tenía que conformarse con descubrirlo por medio de los libros y enciclopedias que solicitaba de una gran biblioteca pública ubicada cerca de su casa; los leía a escondidas, pues tenía prohibido desperdiciar el tiempo en lecturas vanas y juegos intrascendentes. Sus progenitores querían que aprovechara su inteligencia privilegiada en estudios más provechosos para su formación y carrera, deseaban que fuera una eminente científica como su madre o un inventor famoso en el área de la ingeniería como su padre. Sobrios y metódicos, ellos no comprendían a su hija y su gusto por la Literatura. De nada valieron regaños y castigos, la niña siempre se las ingeniaba para acudir a la biblioteca.

Todas las noches la niña veía a través de su ventana el cielo estrellado, en busca de su hada Azul y pedirle que le prestara su alas de plata o las zapatillas rojas para recorrer el mundo, pero NO seguiría el camino amarillo ni al conejo blanco, ¡No Señor! sería como el unicornio azul, corriendo libre de arco iris en arco iris, y así noche tras noche pedía con fe un milagro.

Una tarde, que sus padres estaban ausentes ella se encontraba como siempre en la biblioteca, leyendo ávidamente una de sus novelas favoritas. Fue entonces que sucedió algo muy extraño, quizás fueron las horas de continua lectura que provocó que su vista quedara momentáneamente enceguecida por unos destellos multicolores, sintió un fuerte viento que la envolvía en un ruido ensordecedor de silbatos y sirenas. Súbitamente todo quedo en un completo silencio, como si el mundo entero y el tiempo se hubieran detenido y no supo si fueron unos cuantos segundos o una eternidad, cuando su visión por fin se aclaró.

Frente a ella, estaba el personaje más estrafalario que haya podido conocer en los libros que había leído, era de baja estatura, rechoncho; parecido a un niño bonachón con barbas de judío color púrpura, tenía unos ojillos traviesos y sonrisa de arlequín, llevaba un enorme gorro de maquinista, que en sí, parecía

un extraño sombrero en forma de tren con una pantalla electrónica al frente, donde destellaban diferentes frases y palabras constantemente, vestía una camiseta color neón, un pañuelo azul pastel atado al delgado cuello, pantalones de pechera metálicos de colores caleidoscópicos y calzaba unas enormes botas de minero color caramelo con ruedas. Empezó a deslizarse alrededor de ella mientras voceaba a pleno pulmón:

¡Hoooola, hola, hola!, primera llamada, primera llamada, niña de las flores, reina de la primavera, que es lo que tu corazón desea...

¿Qui...qui...quién eres Tú? – preguntó la niña asombrada e incrédula de lo que sus ojos miraban.

El curioso personaje volvió a dar más vueltas alrededor de la niña y gesticulando con impaciencia dijo:

¡Segunda llamada! - ¡segunda llamada! que se va el tren y pierde su parada- se acercó por detrás y le dio tres coscorrónes- ¡Toc! toc! toc! Quién esta allí, gira la rueda de San Miguelín, tín-tirin-tintin, Juan pirulero, el que se mueva pierde su juego...

¡Oye! No sea grosero ¡- dijo la niña molesta- y deja de moverte tanto y dime quién eres!

El maquinista de ilusión se congeló en una posición cómica y murmuró entre dientes:

Estatuas, estatuas...- de inmediato prosiguió su inquieto deambular imitando a un tren- Uuu, uu, uuu! Quién es? La vieja Inés ¡ese oficio no le gusta matarililirilo, ¡Soy tu HADO PADRINO! el silencio es un riesgo extremo que te hace envejecer, un dos tres por mí, pide tu Deseo...

¡Esta bien, esta bien!- dijo la niña sonriendo contagiada por la excéntrica alegría de aquel extraño- si esto es un sueño, no pierdo nada con intentarlo, deseo...deseo... ¡deseo ser la mejor escritora!

El ser estafalario se regocijó enormemente y sus ojillos brillaron con una chispa de misterio y conjuró:

¡Será melón, será sandía, deberás abordar el viejo tranvía, tía, tía, tía; un, dos, tres por el hombre con ojos de papel, encontrarlo debes!, ¡tercera llamada! Tercera llamada ¡cooomeeenzaaamooos....!

La niña, vio con pavor cómo las yemas de sus dedos se transformaban en teclas tipográficas.

¡¿¿¿Qué me está pasando??!! – interrogó espantada la niña, pero el maquinista de ilusión solo contestó con socarrona tonadilla:

¡Al ánimo, al ánimo! aquí se rompió una taza y yo me voy para mi casa...

Sin más, desapareció con un ¡POP! Multicolor. La niña, trato de recobrar la serenidad y pensar con lógica, cerró los ojos y se dijo a sí misma:

¡Cálmate!, esto es solo otro de tus sueños, respira, ¡uuuff!- abrió los ojos y para su desesperanza, sus dedos seguían pareciéndose a teclas de máquina de escribir.

¡Oh, No! ¡¿Que voy a hacer ahora?! tiene que ser un sueño, esto ésta de Locos, y hablando de locos, ¿que dijo ese extraño duendecillo ? mmm... ¡Ah , sí ; que abordara el tranvía... ¿qué tranvía?

Sus dedos comenzaron a girar, la niña se incorporó de la silla horrorizada y sus pies se enredaron en las patas de la silla, trastabilló y fue a dar de bruces contra la pared, puso sus manos instintivamente delante de sí para amortiguar el golpe, y sus dedos escribieron en la pared la siguiente leyenda:

“ACCESO AL TRANVIA LITERARIO”

Al instante, apareció una entrada de estación de ferrocarril, traspuso el umbral mágico y al frente se materializaron unas vías doradas por las que venía un hermoso tranvía de estilo antiguo, de colores metálicos y luces de neón. Un auto parlante invisible con voz cantarina recitaba:

“Tranvía Literario, expreso turístico, paradas continuas....”

Otra voz parecida a la del maquinista de ilusiones susurró a su oído:

- ¿A dónde irás? ¿Te atreverás a viajar? ¿Vivirás la aventura de tu sueño?

El altoparlante continuaba recitando: *“...pasajeros favor de abordar... nos vamos...”*

La niña no vio a otros pasajeros en el andén y tomando valor musitó:

¡Qué más da!, si quiero lograr mi sueño tengo que arriesgarme y encontrar al hombre con ojos de papel y en alguna parada, él subirá y me convertiré en la mejor escritora de todos los tiempos...

La niña saltó al tranvía en movimiento, rumbo a su aventura, llena de ilusiones, viajo y viajo, y en cada estación conoció los más diversos y extraños personajes: el hombre cabeza de Libro quien le dijo:”la sabiduría no solo la obtienes mediante fórmulas y números, también se da a través de las palabras y la vivencias”. En otra parada se topó con la mujer con cara de revista, muy coqueta y sofisticada, que sin más le aconsejó: “mira preciosa, muchos dicen que la vanidad es superflua; yo digo que para saber vivir y disfrutar de esta vida y sus maravillas, tienes que empezar por quererte a ti misma”. Y el viejo con orejas de periódico le sermonó: ” ¡Escucha primero niña !, si no sabes escuchar te perderás de aprender en cabeza ajena y cometerás muchos errores, además de que no estarás atenta a las oportunidades que la vida te presenta” y así, una multitud de fantástico seres que acrecentaron su acervo cultural, conocimientos del mundo y la vida, y asimilando sensaciones y emociones.

Estación por estación, la niña fue creciendo y cada vez creía que encontraría al hombre con ojos de papel, hasta que poco a poco fue perdiendo las esperanzas de encontrarlo y fue muriendo poco a poco la ilusión de ser escritora. Sentada, envejecida, abatida, veía sin interés a los pasajeros que subían y bajaban en las diferentes estaciones, a unos ya los conocía, otros eran nuevos, pero ninguno con los ojos de papel. La voz del tranvía anunció:

“...última parada, Estación Central, fin del viaje...”

La niña-anciana se quedó sentada en el tranvía, con la mirada fija en el suelo metálico, perdida en sus pensamientos, se veía agotada y desolada, sin

percatarse del tiempo ni de su entorno, de pronto, una voz cordial y amable la sacó de su mutismo:

¿Disculpe señora? ¿Podría decirme por favor si éste es el tranvía de los escritores? Busco quién me pueda describir el Mundo y la Vida.

La niña-anciana levantó lentamente la cabeza y al encontrarse con la mirada velada de aquel señor sintió escalofrío y un vuelco en el corazón, sentimientos encontrados pugnaban en su interior y con voz entrecortada dijo:

Tú... finalmente eres tú... que ironía, cuando al fin te encuentro, ya es tarde para mí....

Nunca es tarde para realizar los Sueños- le aseguró el Hombre con ojos de papel- yo llevo una eternidad buscándote, viviendo en la oscuridad y el vacío... ¡por favor! déjame ver el mundo a través de tus manos...

El hombre con ojos de papel se arrodilló; ante aquella súplica sincera y ver la profunda pena en esa estéril mirada, la niña-anciana escuchó en su interior “*EXPRESATE, EXPRESATE*”, y al fin, la niña-anciana comprendió que todo en lo que confías, todo lo que sabes y lo que vives ¡Vale Oro!, ahora entendía cuando los extraños personajes de su viaje le decían:

“que rápido pasa la vida...”, “*¡atrévete a jugar!, para que al final digas ¡que feliz Soy!*”

La niña-anciana se conmovió y dijo: - lo haré...

Al oír esto, el hombre con ojos de papel rió, entonces, de su ojos brotaron a raudales hoja tras hoja de papel inmaculado, que la niña-anciana llenaba con sus memorias y experiencias, hoja tras hoja, las vocales volaron sobre el papel, y letra por letra creo una sinfonía literaria, sublime, bella, espiritual y mágica, llena de colores brillantes y sonidos profundos, vibrantes, y hoja tras hoja, la niña-anciana fue rejuveneciendo.

La niña sonrió dulcemente cuando vio una multitud de arco iris en la mirada agradecida del hombre con ojos de papel. Ella cerró los ojos con plácida tranquilidad, y al fin pudo soñar de verdad...

Y colorín, colorado, este cuento, ha comenzado...

La Oruguita Mari

Había una vez una oruguita que se llamaba Mari y era amiga de todos los animalitos del Bosque, tenía un gran corazón y a todos ayudaba. Ella era muy curiosa y siempre estaba explorando el bosque y soñaba con volar, admiraba a las aves y su majestuoso vuelo y deseaba ser como ellas.

¡Si tan siquiera tuviera las alas de las abejas! -decía suspirando la oruguita- volaría sin descanso entre las flores, los árboles y por el Cielo azul.

Mari también amaba a las flores por sus colores y aromas. Las abejas eran sus más queridas amigas, ellas la estimaban mucho por que les informaba dónde encontrar flores para su miel.

Una tarde que exploraba una parte desconocida del bosque, Mari escuchó que alguien pedía ayuda desesperadamente.

¡Auxilio, auxilio por favor ayúdenme!

Entre las ramas de un arbusto había algo que Mari veía por primera vez, se trataba de una hermosa redcecilla transparente y brillante, como si estuviera hecha de hilos de lluvia; en ella estaba atrapada una abeja que luchaba desesperada para liberarse. Mari vio que era una de sus amigas. Sin pensarlo la oruguita trepó por el arbusto hasta la rama donde estaba fija aquella redcecilla. Mari se detuvo unos momentos y admiró fascinada aquella maravilla tan bella, pero se dio cuenta que era una terrible trampa y comenzó a cortar los hilos para liberar a su amiga.

- ¡Mari gracias por venir a rescatarme!- dijo la abejita, pero en eso, velozmente descendió una gran araña colgando de un hilo.

- ¡detente ladrona! esa abeja me pertenece- dijo furiosa la araña.

Mari, sorprendida se detuvo y curiosa como siempre preguntó:

¿Quién eres Tú? y ¿qué es esto tan hermoso pero tan peligroso?

De nada te servirá ser lisonjera, yo soy Lisa la araña y esto es mi telaraña, aquí atrapo a los incautos que serán mi comida.

¡¿Tu Comida?!- exclamó horrorizada la oruguita- como puedes comerte a un semejante? Para eso existen las plantas, ellas te dan parte de su ser para alimentarte...

¡Ja, ja, ja! ¿comer plantas? ¡guácala! yo no como plantas, tengo tres días sin comer, esta abeja será mi comida, ¡no dejaré que la liberes!-dijo amenazadoramente la araña.

¡Cómo puedes ser tan cruel! ¡ella tiene familia!

¿Y qué? ¡eso no me importa!, si la libero yo me moriré de hambre.

La oruguita veía el sufrimiento de su amiga la abeja y la crueldad de la araña, recordó su sueño y pensó que era injusto que un ser que nació para volar acabara de esa forma. Mari tomó una decisión:

¡Por favor Lisa, la araña- imploró Mari- libera a mi amiga y cómeme a mí!.

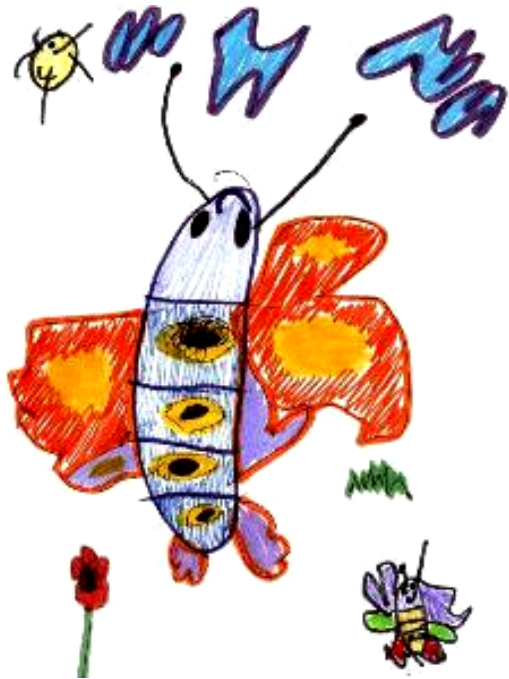
¡¿Qué?! Eso es un truco- contestó desconfiada la araña- en cuanto libere a tu amiga, tú escaparás.

No, no escaparé, te lo prometo- dijo con aplomo Mari.- yo confío en tu palabra y para que veas que es verdad yo misma me enredaré en tu telaraña...

Y diciendo y haciendo Mari comenzó a amarrarse con los hilos que ya había cortado. La araña sorprendida y desconcertada por la acción valerosa de la oruguita se apiadó de la abeja y la liberó, además, la oruga representaba dos semanas de comida; pero no se confió y también enredó con más hilos a la oruguita, y como estaba tan grande y gordita, la araña se llevó mucho tiempo y esfuerzo en atarla y dejarla enredada por completo. Cansada, la araña se retiró a su guarida y dijo:

Bueno aunque estoy hambrienta, no tengo fuerzas para comer, mañana la oruga estará muerta y me llenaré hasta reventar.

Así, la oruguita quedó atrapada y desolada, lloró por su triste suerte, poco a poco sintió que se ahogaba y su cuerpo le dolía intensamente, fue tanto sufrimiento que se desmayó. En ese momento el Hada Naturaleza apareció y le dijo al capullo:



¡Oruguita Mari, por tu noble acción te concedo tu más grande deseo!

Al instante, el capullo brilló con una intensa luz fosforescente; comenzó a llover, y así pasó toda la noche. A la mañana siguiente los animalitos del Bosque y las abejas se reunieron junto al arbusto de la telaraña, la abejita les había avisado para tratar de salvar a la oruguita.

Justo al amanecer, la araña descendió a su red para darse su gran banquete pero ¡Oh sorpresa! el capullo comenzó a abrirse y de él emergió un ser maravilloso y hermosísimo, de cuerpo delgado que desplegó unas alas bellísimas como si estuvieran hechas de los pétalos de muchas flores.

La araña pasmada preguntó: - ¿Quién eres tú... ?

Soy Mari, la oruguita. ¡Gracias Lisa la araña por liberarme!

¿Qué.... estas loca? yo no te liberé y tú no eres esa gorda oruga que yo atrapé, ni siquiera se qué eres...

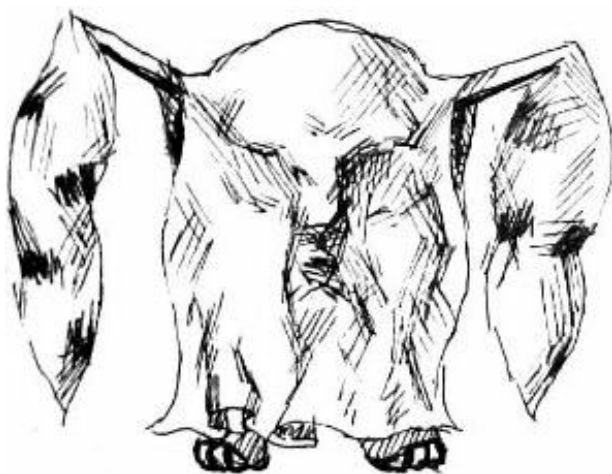
Un destello multicolor deslumbró a todos, hizo su aparición el Hada Naturaleza y explicó:

Ella, ella es Mari la oruguita, que por su sacrificio de dar la vida por su amiga la abeja, le concedí su deseo de volar. Desde hoy para que su noble acción sea siempre recordada, todos sus descendientes tendrán que pasar por el mismo dolor y sufrimiento del capullo de seda y también llevarán su nombre, les llamarán mariposas.

Desde entonces Mari voló feliz por los cielos y entre las flores que tanto amaba.

...Y ésta es la Leyenda del origen de las Mariposas.

EL DUENDE QUE NO TENIA OLLA MAGICA



Había una vez un duende llamado Chiripa, fue el último duende creado y nació el mismo día que el ser humano inventó la primer canica de cristal, por lo tanto era el más joven de los duendes y tenía poco en la tierra: no conocía muchas cosas. Era alegre, amigable, juguetón y muy curioso. Sus únicas pertenencias eran los restos de la primer canica de cristal y un viejo cascabel que había cocido a su gorro,

que ni siquiera era de oro ni de plata, sino de cobre opaco y que sonido tan feo tenía, parecía un chirriar de grillos. Chiripa fue creado de chiripazo de allí su nombre y debido a esto, desafortunadamente no recibió su olla mágica.

Y por eso lo discriminaban en la aldea de duendes y nadie quería jugar con él, pues un duende sin olla es un duende sin magia y por lo tanto no puede hacer travesuras en el mundo de los humanos, ya que pueden atraparlo y obligarlo a decir donde ocultan los demás duendes sus ollas mágicas. Los duendes de la aldea se burlaban sin parar y el pobre duendecillo solo, triste, sin amigos, se lamentaba de su suerte, ni los animalitos del bosque lo invitaban a jugar, puesto que no podía desaparecer o transformarse en planta, animalito, o insecto y los habitantes del bosque pensaban que un duende sin poderes era un duende aburrido.

A Chiripa le gustaba caminar por el Bosque siempre con la esperanza de encontrar un amigo que quisiera jugar con él. En uno de esos paseos se topó con unos niños humanos que estaban burlándose de un niño pequeño al cual le estaban mudando los dientes de leche.

- ¡Ejele, éjele! ¡chimuelo cara de viejito!-le gritaban a coro los demás niños- Ja, ja, ja, chimuelo, chimuelo...

El duendecillo se compadeció del pequeño niño que lloraba por la burla de los otros. Enfurecido y olvidándose de que podían verlo por que no tenía poderes les gritó con potente voz:

- ¡Niños crueles y abusivos ahora lo verán, los voy a castigar!

Los niños sorprendidos buscaron por todas partes de dónde había salido aquella terrible voz chillona; para su buena fortuna, Chiripa pasó inadvertido por sus ropas verdes y se confundía entre las plantas y además estaba verde del coraje. Los niños al no ver a persona alguna, se asustaron y echaron a correr pensando que aquel bosque realmente estaba embrujado como sus abuelas ya les habían advertido. Solo quedó el pequeño niño, Chiripa salió de entre las plantas y le

dijo que no tuviera miedo. El pequeño no se asustó, al contrario estaba maravillado por tener frente a sí un duende de verdad.

- ¡Gracias Duendecillo por ayudarme!

- No te preocupes, esos niños ya no te molestarán, y la próxima vez que se te caiga un diente te llevaré un regalo.

El niño agradecido le preguntó cómo avisarle cuando se le cayera. Chiripa contestó:

- Déjalo en la ventana y pon un dibujo con un Sol sonriente y chimuelo.

El niño dijo que así lo haría, mientras le ofreció su amistad y jugaron mucho rato en el bosque, a las escondidillas, a las adivinanzas y muchos juegos más que el pequeño le enseñó a Chiripa. El duendecillo nunca se había divertido tanto, al atardecer el niño le dijo que tenía que regresar a casa para que su mamá no se preocupara y con una sonrisa chimuela se despidió.

Entonces Chiripa regresó a su aldea feliz por su nuevo amigo, no se acordaba que era la fiesta del primer día de Primavera cuando las hadas festejan la creación del mundo y todos los seres mágicos se reúnen dentro del Gran Árbol. Todo era alegría, música y juegos, magia y travesuras, los duendes y las hadas se divertían y jugaban sin parar; excepto nuestro pequeño duende sin olla mágica. Chiripa estaba sentado solito en un rincón, hasta que una hermosa hada se le acercó y le preguntó que si quería bailar con ella. Chiripa, se puso de mil colores y emocionado quería decirle que estaría encantado, pero como era muy tímido, solo atinó a tartamudear.

- ¿Y...-y-yo... y-y-yo-y-yo?...

Los demás duendes, que siempre están listos para hacer bromas se burlaron de él a carcajadas:

- Ja, ja, ja, además de no tener olla mágica es tartamudo y de seguro ni sabe bailar, ja, ja, ja...

Chiripa avergonzado, salió corriendo de la fiesta, corrió y corrió y se ocultó en lo más profundo del Bosque, se sentó debajo de una flor de duende, (conocida como diente de león). Allí lloró y lloró largo rato, ya un poco calmado buscó la estrella más brillante y le platicó su tristeza:

- ¡Oh hermosa estrellita! Cómo quisiera tener una olla mágica, llena de monedas de oro que nunca se terminaran, para darles un regalo a los niños cuando se les caen los dientes y sufren como yo por la burla de los demás...

No pudo continuar porque en eso escuchó una risilla muy alegre y alguien le habló:

¡Pst, pst!;hey pequeño duende!

El duendecillo sorprendido busco por todos lados, pero no descubrió a nadie.

¿Quién me habla, donde estás?

Aquí, frente a ti.

El duende solo vio a la flor y dijo:

Es la primera vez que me habla una flor.

Soy la Madre Naturaleza y escuche tu plegaria, vi cuando ayudaste a ese pequeño en el bosque, eres el duende más bondadoso y por tu buena intención te concederé tu deseo. Justo al amanecer soplarás sobre esta flor y seguirás la semilla que brille con el primer rayo del Sol, donde se pose en tierra allí encontrarás tu olla mágica.

El pequeño duende sonrió de oreja a oreja.

¡Mil gracias Hada del Bosque! No te defraudaré!

¡Lo sé duendecillo, por eso te concedo tu deseo!

La flor brilló intensamente por unos momentos y después se escucho nuevamente la voz de la Madre Naturaleza:- ¡Hasta pronto pequeño duende y no olvides compartir tu dicha con otros!

El duendecillo se acurrucó junto a la flor, la abrazó y se quedo dormido. El canto de los pajarillos lo despertó bruscamente. Angustiado vio como el resplandor del sol anunciaba el amanecer. Chiripa soplo justo a tiempo sobre la flor y vio como todas las semillitas eran arrastradas por el viento, el primer rayo de sol iluminó una de la semillas, corrió tras de ella durante un buen tiempo.

El viento juguetón llevo la semilla hacia una colina y a nuestro pequeño duende se le figuro una montaña, estaba un poco cansado pero feliz, se dio a la tarea de subir la colina, de pronto comenzó a oscurecer; el duendecillo se percató asustado como unos nubarrones cubrían el cielo y súbitamente cayeron las primeras gotas y en un instante llovía a cántaros.

¡Oh No! Perderé mi semilla...

La tormenta arreció y el duende subió penosamente la colina con la esperanza de ver la semilla luminosa; pero al llegar a la cima solo vio árboles y una cortina de lluvia espesa. Triste, cansado y abatido se sentó y sus lágrimas se confundieron con la lluvia; no supo cuando dejo de llover, continuaba llorando con el rostro entre los brazos. De pronto volvió a escuchar la voz de la Madre Naturaleza:

¿Por qué lloras duendecillo?

El duende levantó su rostro y le dijo:

¡Lloro porque perdí la semilla y ahora no encontraré mi olla mágica!

No debes llorar Chiripa, voltea y verás algo maravilloso en el cielo!

Chiripa no podía creer lo que veía. Por un momento olvido su tristeza y le preguntó qué era aquello tan hermoso de muchos colores.

Es un Arco iris-explicó la gran Hada- aparecen después de la lluvia y cuentan las leyendas que si llegas a encontrar donde nace o termina el arco iris, allí hallarás una olla llena de monedas de oro!

Chiripa siguió con la mirada el arco de colores y vio con grata sorpresa que terminaba al pie de la colina, sin más ni más, corrió jubiloso colina abajo gritando:

- ¡Mil gracias Madre Naturaleza, MIL GRACIAS!

El duende llego justo al final del arco iris y en el colmo de la alegría, vio una reluciente olla llena de monedas de oro iluminada con mil destellos

multicolores; tomó la olla entre sus brazos y deseo estar en su hogar, y ¡POP! apareció en el gran árbol ceremonial, sus compañeros sorprendidos le preguntaron:

- ¿Cómo entraste Chiripa? ¿Adónde estabas? ¡Te buscamos toda la noche!, ¡perdónanos, fuimos muy crueles contigo, queremos ser tus amigos....!

Chiripa aún más sorprendido, comprendió que por fin tenía Magia. A la mañana siguiente, salió para mostrar su olla mágica a todos sus nuevos amigos y animalitos del Bosque. Ahora si, todos querían jugar con Chiripa, el dijo que primero iría a visitar a su amiguito humano. Los duendes horrorizados preguntaron porque y les contó de su encuentro y su promesa.

- ¡Estás rematadamente loco y eres un tonto, por eso no tuviste olla, si regalas tus monedas de oro perderás tu magia!-le gritaron los duendes

A Chiripa aquello no le importó, y de cualquier manera cumpliría su promesa; quiso saber que pasaría con el pequeño chimuelillo. ¡POP! inmediatamente apareció afuera de la casa del niño y se transformó en ratón para que los adultos no lo atraparan. Vio un hermoso dibujo de un Sol sonriente y chimuelo y miró brillar un reluciente y blanquecino diente de leche, se deslizó sigilosamente dentro de la casa y fue hasta la ventana y allí cambió el diente de leche por una moneda de oro de su olla y ¡Zaz! se esfumó y apareció nuevamente en el gran árbol, sorprendiendo a los demás duendes, allí, puso el diente dentro de su olla mágica, porque lo consideraba como un tesoro, y cual no sería su gran sorpresa y la de todos que al instante el diente de leche se transformó en ¡una brillante moneda de oro!

Y así fue como la Madre Naturaleza premió el buen corazón de Chiripa y cumplió su deseo de tener una olla mágica a la que nunca se le acabarán sus monedas, porque cada vez que cambiaba una moneda de oro por un diente de leche, el diente se transformaba en moneda de oro. Y así todos los demás duendes siguieron su ejemplo...

Y Colorín, colorado....este Cuento nunca habrá terminado....

Juan Enrique Gómez Torres

México

janen@ti.com

Ilustración: (mariposa) Sarah Graziella Respall

5 años, preescolar, Cuba

(duende) Ray Respall Rojas

17 años, Cuba, Academia de Bellas Artes San Alejandro.

(fotografía) Marié Rojas Tamayo

LA QUEMA



El sol de la mañana dominguera se filtraba por la minúscula ventana de la cocina. La gata regalona se lamía sus patas acicalándose con paciencia. La abuela colocó sobre la mesa un mantel blanco y llamó a su nieto a viva voz. En la habitación había dos sillas destartalladas y una mesa con la pata coja. Sobre otra mesa mas baja un brasero con sus carbones al rojo hacían cantar las teteras. La anciana volvió a llamar a su nieto mientras sacaba unos panes desde un canasto; los colocó sobre una lata para calentarlos, pronto el olor de los panes tostados aromaron la habitación. En ese momento entró el Lalo muy compuesto y relamido con su ropa dominguera. Una camisa celeste abotonada hasta el cuello y un pantalón muy

aplanchado y prolijamente zurcido en las rodillas. Su carita aún mostraba las huellas del lavado matutino, gotitas de agua escurrían por su frente.

El Lalo tomó uno de los panes y le dio un gran mordisco, su abuela le acercó un tazón humeante, el niño entrecerró los ojos para aspirar con deleite el vaho del singular desayuno. Enseguida tomó la cuchara y revolvió suavemente el ulpo. Le gustaba esta melcocha de harina tostada y leche, y mas aún, cuando el ulpo se pegaba a su paladar. La abuela lo miraba con aire de complicidad, el Lalo apuró su desayuno raspando con la cuchara lo que quedaba en el fondo del tazón, fue en ese momento que la anciana sacó de su ancho delantal un pañuelo que desdobló sobre la mesa; allí entre los pliegues del pañuelo la abuela guarda celosamente sus moneditas. Los ojos del Lalo brillaron al ver el dinero que su abuela le ofrecía. Terminó su desayuno y con dos monedas apretadas en sus manos se despidió de la anciana cerrando estrepitosamente la puerta.

Sus larguiruchas piernas daban grandes zancadas saltando de a dos en dos los escalones que conocía de memoria.

Bajó las empinadas escaleras que lo llevaron hasta la puerta de color verde. Su corazón latía rápido, tan rápido como los golpes que dio en la puerta para anunciarse. Esta se abrió y los ojillos risueños de don Luchito lo invitaron a pasar.

La casa estaba en penumbras, las persianas de madera aún permanecían cerradas. El Lalo entró en puntillas detrás de don Luchito. La única habitación que estaba iluminada por la luz matinal era el comedor. Desde el fondo de la casa se escuchaba el ruido de la máquina metebulla de la imprenta de don Luchito; el Lalo podía permanecer por horas mirando como salían de la barriga de la máquina los hermosos papeles con monograma, que en mas de una ocasión se regaló a escondidas de don Luchito.

La voz aguda de doña Anita se dejó oír desde el comedor, el Lalo corrió y se paró en el umbral de la puerta; la habitación de doble altura le daba un aire de solemnidad al lugar. Los muebles estaban amontonados en un rincón y extendido en el piso estaba el muñeco. Se veía espléndido ocupando el centro de la habitación. Los visillos filtraban la luz de la mañana conformando un espectáculo maravilloso.

Doña Anita lo sacó de su asombro diciéndole que se acercara y que debían terminar de rellenar el muñeco. Ella estaba de rodillas, a su lado un saco con paja. El lalo se arrodilló también y tomó un puñado de paja que depositó en las manos de la mujer. Ella fue rellenando pacientemente todos los rincones del cuerpo del muñeco. Y así, durante largo rato estuvieron hasta que del saco no quedó ni una brizna de paja. Pero la operación aún no terminaba....

El niño le entregó sus dos monedas a doña Anita, esta las metió en una bolsa donde habían unas cuantas mas y luego la hundió en la barriga del muñeco escondiendo así el pequeño tesoro.

Don Luchito entró muy contento con un pantalón y una vieja chaqueta que había encontrado en un baúl y entre los tres vistieron al muñeco de paja, dejándolo muy emperifollado. Un viejo sombrero coronó la obra.

Desde la calle se escuchaban los gritos de los niños apostados en la vereda.

Doña Anita se asomó por la ventana y vio que el burrero ya había llegado. El Lalo entretanto daba saltitos de alegría. La mujer lo tomó cariñosamente y le dio algunas recomendaciones, diciéndole que el muñeco sería paseado sobre el burro un par de cuadras por el vecindario, -Para avergonzarlo – añadió don Luchito – y luego dijo doña Anita – lo colgarán para quemarlo como todos los años.

El muñeco fue sacado entre cuatro voluntarios que lo montaron sobre el lomo del asno, amarrando sus piernas con una soga que pasaron por debajo de la panza del animal.

El Lalo lo miraba embelesado, y a pesar del griterío logró sustraerse, y en su emoción le hablaba al muñeco de paja elogiando lo hermoso que estaba.

Con el jinete a cuestas el burro dio unos pasos; el tropel de chiquillos aguijoneaba al asno para que corriera, varios lo empujaban, otro niño tiraba de la cola y el resto le lanzaba piedras al grito de.... JUDAS, JUDAS.

El burro asustado empezó a trotar. El Lalo ni por un minuto se apartó del animal y corrió junto al muñeco de paja cual escudero junto a su señor. El burrero chasqueó una varilla en las ancas del animal, azuzándolo más. El Lalo corría al lado del burro, no quería perderlo de vista, pero, el ligero trotar del asno se convirtió pronto en carrera desbocada. El Lalo y el burrero corrían para darle alcance, mientras el muñeco de paja se bamboleaba de un lado a otro haciendo por momentos casi inminente su caída.

En su loca carrera el burro enfiló hacia los cerros. El Lalo por fin le dio alcance, se aferró a una pierna del muñeco. El niño volvió la cabeza pero ya nadie venía tras ellos, solo el burrero seguía corriendo y pronto los alcanzó. El hombre muy

enojado lanzaba palabrotas al animal, lo agarró de la brida tironeándolo para devolverse, pero el asno se negaba porfiadamente a retroceder tirando hacia los cerros.

Subieron y subieron hasta que la última casita quedó atrás. Los ojos del Lalo miraron la bahía tan lejana. Las campanadas de una iglesia marcaron la hora, pero la torre estaba tan lejana que no alcanzaba a divisar el reloj.

Mientras el burrero seguía y seguía subiendo. Después de mucho rato y de una larga travesía por los cerros llegaron a un bosque de pinos. Caminaron con dificultad por la tupida alfombra de agujas que hacía resbaladizo el suelo. Salieron del bosque de pinos y llegaron a un claro rodeado de eucaplitus; al frente tenían las quebradas que bajaban desordenadamente al centro de la ciudad. Fue en ese lugar que el burrero se detuvo, se sentó bajo un árbol y sacó de su raída chaqueta un cigarrillo que fumó pausadamente. El burro sintiéndose libre se alejó unos pasos ramoneando apaciblemente con su bamboleante jinete a cuestas.

Había pasado mucho rato. La cinta de luces de los cerros se fue encendiendo paulatinamente, mientras el sol se hundía en el mar.

El Lalo miró de soslayo al viejo burrero que no se movía de su lugar y seguía fumando. El niño no se atrevió a decir palabra. Los consejos de su abuela resonaron en su cabecita. Temeroso recordó las historias contadas por los vecinos, de los niños encontrados por pescadores, de sus cuerpos hinchados y azules. Un escalofrío lo hizo temblar, muy asustado miró al viejo, espiando en su rostro algún gesto que lo delatara. Estaba pensando todo esto cuando el burrero se incorporó.

Se acercó a su animal, lo tomó por la brida y con la varilla le golpeó las ancas y el asno comenzó a trotar suavemente.

Iniciaron el descenso. Bajaron mas rápido que cuando subieron. La pendiente los llevaba casi corriendo cerro abajo. Atrás fueron quedando cerros y quebradas, reencontrando las callejuelas que llevaban al barrio.

Al doblar una esquina se encontraron a boca de jarro con todo el vecindario que esperaba impaciente.

El Lalo caminó en silencio junto al burro y el muñeco de paja. De pronto una andanada de palmetazos y empujones lo hizo tambalear hasta que cayó al suelo. Se cubrió la cabeza con ambas manos y salió como pudo por debajo de las piernas de quienes lo maltrataban. Corrió hasta su casa y desde allí vio como varios hombres desmontaban al mono de paja y tirándolo al suelo rociaron su cuerpo con el líquido que haría más rápida su quema. Su abuela lo consoló abrazándolo fuertemente.

Una suave brisa sopló desde el mar...

Los gritos de los vecinos se escuchaban por todos los rincones del barrio. En ese momento estaban alzando al mono de paja. Una a una encendieron las teas, estas iluminaban los enfurecidos rostros de la muchedumbre.

El viento comenzó a soplar con más fuerza formando remolinos de tierra...

El muñeco era zarandeado por el ventarrón cada vez más. La ventolera era tal que las amarras que lo tenían en vilo se cortaron y el mono de paja se elevó por los aires y por un instante permaneció flotando por encima de las cabezas de sus verdugos.

El viento soplaba furiosamente desde el mar y los vecinos se aferraban a los postes para no ser derribados por el vendaval.



De pronto otra fuerte ráfaga volvió a elevar al muñeco y este se fue volando por encima de los techos alejándose de la barriada.

Asomado a la ventana el Calo reía feliz abrazado a su abuela, mientras la multitud, a pesar del ventarrón, corría por los callejones gritando JUDAS, JUDAS... en un vano intento por alcanzar el muñeco de paja.

Esa noche el viento castigó los techos de la ciudad alborotando las calaminas y dejando en vela a todos los habitantes del lugar.

Esa noche el Lalo dormía. Dormía y soñaba... Soñaba que volaba abrazado al muñeco de paja.

Nota del autor: La quema del Judas

Tradición que hasta ahora se realiza preferentemente en los cerros de Valparaíso, Chile. Es una tradición que ha perdurado en el tiempo siendo muy esperada sobretodo por los niños. Los vecinos de cada barrio preparan este judas, que será quemado después de semana santa. Se confecciona un muñeco, el cual se viste con ropas viejas, y se coloca en su interior un puñado de monedas. Se pasea por el barrio y se cuelga para quemarlo, mientras se quema van cayendo las monedas que los niños recogen en una gran algarabía.

Años atrás este mono de paja era paseado sobre el lomo de un asno, hoy en día se pasea en un carretón llamado “chancha” o simplemente se lleva entre varios en anda, gritando su nombre.

Kay Strange Aura

Chile

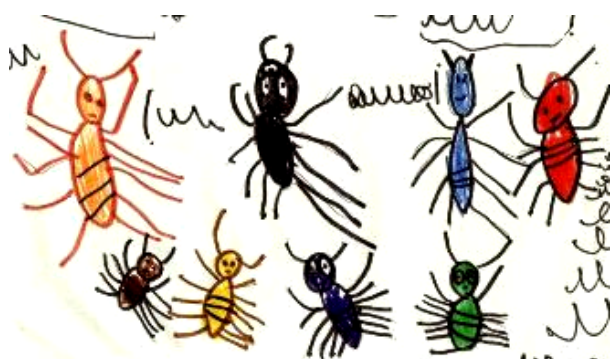
kaystrange2@yahoo.com

Ilustración: Ray Respall Rojas

17 años

Cuba

Sucesos en la Feria de las Cosas Extrañas



En un yerbazal, donde nadie imagina cuántas cosas pueden suceder, el país de los insectos, gusanos y bichos de mil calañas resulta un escenario de continuo ajetreo y lleno de vida.

He aquí, por ejemplo, el yerbajo más concurrido de este país. En la última primavera, los aguaceros

habían pintado todo de verde. Y, como sucede al finalizar cada primavera, los insectos, gusanos y otros bichos del plantón celebraban la Feria donde se exponían Cosas Extrañas. Los habitantes del lugar llevaban allí, al gran hueco dedicado al festejo, cualquier clase de objetos que ellos consideraban únicos en el mundo. El último día, se efectuaba la elección del Objeto Raro Más Extraño del Año. Las abejas se habían alzado con el premio en los tres últimos años consecutivos, con sus muestras tituladas “Cabellos Humanos”, “Una Cuchilla de Afeitar” y “El Trozo de Tela Brillante”. Esta última muestra causó un asombro tan grande que hizo fama en los plantones vecinos y todavía se recuerda.

Al pueblo, en fecha muy reciente, llegó la sobrina de doña Carme la Esperanza. Era Lili, una esperancita verde cuyas alas resplandecían como las gotas de rocío en las hojas del plantón. No era precisamente un habitante de este lugar, pues vivía en la ciudad cercana, donde era la Presidenta de todos los bichos en la Universidad. Por supuesto, a diferencia de los habitantes del plantón, Lili estaba muy acostumbrada a la presencia de los humanos, pues tenía que lidiar con ellos todo el tiempo. Quizá debido a ello, la jovencita gozaba de cierto prestigio y hasta se daba un aire de vanidosa superioridad. Y no le gustaba, en absoluto, visitar el campo. Sólo accedió a hacerlo para cuidar a su tía, ya que los aguaceros recientes la habían resfriado.

Los bichos estaban en pleno ajetreo, pero ya no era sólo por la Feria de las Cosas Extrañas: algunos lugareños jóvenes se preparaban para invitar a la bella Lili, la sobrina de doña Carme, a salir de fiestas durante la feria. Muchos osaron acercarse a la resfriada tía, para pedir su consentimiento: y ella lo había dado a todos, total, estaba enferma y en última instancia no deseaba que su sobrina se aburriera. Pero Lili, en el transcurso de los días, le hizo desplantes a todo el que se le acercaba, llamándolos “elementales bichos de campo”. Finalmente, los más tímidos, y otros que no estaban dispuestos a sufrir el desaire, desistieron de ofrecerle su invitación. Sólo persistió un escaso grupo de mozos arriesgados, dispuestos a enfrentar cualquier reto: Rigoberto Esperanzo, jactancioso y autosuficiente; Zángano Zuzú, siempre optimista como el perro que encuentra un hueso; Horacio la Lombriz, callado como una guayaba; y Bemol el Grillo, quien podía pasarse la primavera o el invierno entero tocando su violín.

Por fin quedó inaugurada la Feria, esta vez los gusanos llevaban la delantera, pues habían expuesto un pedazo de piedra brillante que habían sacado de la profundidad de un hueco de arañas abandonado. La noche parecía excitante, las damas con sus mejores vestidos salían a presumir... Muchos llegaban desde plantones vecinos a vender golosinas y vidrios de colores para decorado interior.

Lilí había decidido verlo todo desde el portal de su tía; por suerte, Carme vivía justo enfrente de la Feria. La joven esperancita prefirió quedarse en casa, antes que salir con alguien que no podía considerar de su gusto y altura. Pero ella ignoraba que, desde un rincón cercano, era acechada por cuatro valientes mancebos, listos para asediarla.

—¿Quién es el primero que se atreve? —preguntó Bemol el Grillo.

—¡Yo! —dijo Horacio la Lombriz—. Le diré algo que leí en un cuento...

Horacio se entonó ante la mirada sorprendida de sus amigos:

—Aaah... Siempre les aconsejé leer. Ahora mismo verán qué resultado.

Y, enseguida, apoyando más de lo acostumbrado su barriguita en tierra, Horacio se aproximó a la esperancita:

—Hola, encantadora damisela, bella Lilí... ¿Quisieras salir conmigo?

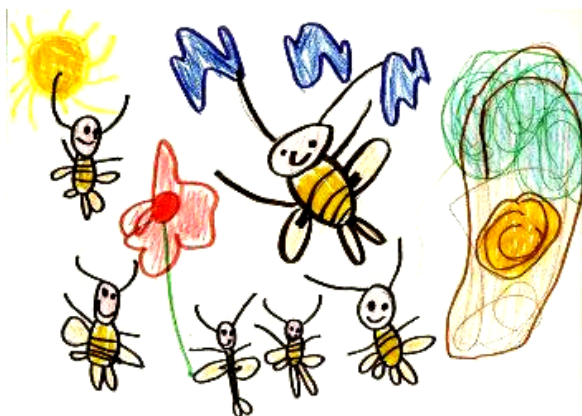
—¿Y adónde planeas llevarme? —preguntó Lilí, fingiendo curiosidad.

—Pues, mi dulcísima dama, le llevaría a la Exposición, para que vea...

—Yo la veo muy bien desde aquí —le interrumpió Lilí—. ¡Gracias! —y dicho esto, volteó la cara hacia otro lado.

Como un caballero que ha perdido el pañuelo de su amada, regresó Horacio adonde lo esperaba el grupo expectante, quienes presenciaron todo alegrándose en el fondo por el pésimo resultado de la gestión de Horacio, así tendrían ellos también su oportunidad.

—¡Puesssss, ahora sssssí que voy yo! —zumbó Zángano Zuzú. —¿Ssssaben qué? A mí, sssseguro me dirá que sssssí...



Sin mucha prisa, el zángano alzó su vuelo más sutil, acercándose silencioso para dar una sorpresa a la joven:

—Buenassss nochesss, ssssseñorita... —saludó desde el aire.

—¡Ay, qué susto me ha dado! —se sobresaltó, muy disgustada, la esperancita. —¿Acaso no pudo usted presentarse como un bicho normal?

—Huy, lo sssssiento... sssssólo quería invitarla a sssssalir —se limitó a

responder, tímidamente, Zuzú. —¿Acassso podríamosss volar juntossss...?

—¡Pero qué pretencioso! —se molestó, un poco más, Lilí. —¡No! ¡Y no!

El pobre zángano, derrotado, regresó adonde el grupo con la desilusión de todo zángano al que una flor se niega a darle su gotita de néctar. Por suerte, no se vio

en la necesidad, engorrosa por cierto, de contar su fracaso a los demás, ya ellos habían presenciado la escena lamentable.

—¡Tenía que ser yo! ¡Yo la convenceré, yo mismo estoy ya convencido! —rió Bemol.

Y el grillo saltó hasta el portal, entonando una melodía que, de sólo oírla, a Lilí se le antojó de mal gusto y fuera de moda:

—¿Por qué no te callas, eh? ¡No me dejas oír los rumores de la feria!

El músico, después de ese recibimiento y recordando las escenas anteriores, no quiso siquiera probar suerte, y se estiró de un brinco a esconderse en lo más remoto del yerbajo.

—Muy bien. Ahora, es mi turno...—se frotó las patas Rigoberto Esperanzo, y echó a andar hacia la damita, confiado en su seguro éxito—: Hola, princesa... ¿No se te ocurre que la noche es muy buena para salir de paseo?

Lilí lo miró de arriba abajo, y con gran esfuerzo contuvo la risa ante la rara compostura del insecto:

—Y usted, caballero ¿tiene nombre?

—Oh, claro: me conocen por Rigoberto, para servirle —se animó el conquistador. Esta vez, por desgracia, Lilí no pudo contenerse, y soltó una gran carcajada que cayó sobre el pobre bicho como una fruta a punto de podrirse:

—¡Pero, señor mío, qué nombre tan feo!

Rigoberto, apenado hasta la última pata, bajó la cabeza sin atinar a responderle. Se dio media vuelta, intentando adivinar una fórmula eficaz para salir del aprieto, cuando se escucharon otras voces:

—¡Lilí! ¡Lilí! ¡Este yerbajo está perdido del mapa!

Por un trillo vecino habían aparecido, de pronto, sus amigos de la escuela. Lilí brincó entusiasmada, sin acordarse de Rigoberto, quien permanecía de pie frente al portal. La esperanza y sus amigos se marcharon en tropel en dirección a la Feria...

La algarabía, entretanto, inundaba el lugar. Los gusanos se revolcaban en la tierra de puro contento. Parecía que ya nada podría quitarles el premio. De pronto, el cielo se oscureció. Presos de pánico, todos corrieron, saltaron o se arrastraron a esconderse. Por el aire venía aproximándose una especie de nave, y sólo cuando estuvo muy cerca, se pudo distinguir que la comandaban los abejorros. Ya en tierra, la nave fue rodeada por los curiosos de la feria. Todo el mundo daba su opinión sobre el origen y cualidades de aquel objeto. Una voz resonó en la multitud:

—¡Eso es un zapato! —exclamó la lombriz más vieja de aquellos plantones—. Yo misma estuve a punto de ser aplastada por uno semejante, hace muchas primaveras.

Los abejorros, orgullosos de su hallazgo, recibían la felicitación general. Por primera vez, ellos serían los triunfadores.

La feria continuó bajo el influjo melodioso del violín de Bemol el Grillo, quien disfrutaba de la fiesta acompañado, finalmente, de una grillita loca recién

aparecida en aquel plantón. De los otros pretendientes de la bella Lili, por cierto, no se supo nada hasta la primavera siguiente...

Ketty Blanco Zaldívar

Cuba

ketty@centro-onelio.cult.cu

ketty_kb@yahoo.com

Ilustraciones: Sarah Graziella Respall

5 años, preescolar

Cuba

EL RATON PEREZ



Ayer se me cayó un diente, muy emocionada lo comenté en la escuela y una de mis compañeras me dijo que lo pusiera debajo de mi almohada antes de acostarme, me dijo que vendría un ratoncito llamado Pérez y se llevaría el diente y en su lugar dejaría un regalo. Otro de mis compañeros comenzó a

burlarse y a decir que ya estábamos muy grandes para creer en esas cosas todavía.

Llegó la noche muy rápido y me acosté, no lograba quedarme dormida, sólo pensaba en lo que me había comentado mi compañera sobre ese ratón. La cabeza me daba vueltas, por un lado no sabía si confiar en ella y por el otro quería conocer a ese ratón. Entonces me levanté, fui hasta la cómoda y saqué de adentro de una cajita el diente. Luego me acosté y lo puse debajo de la almohada tal y como me habían indicado.

Sentí un ruido, miré al reloj y eran la una de la mañana miré hacia un lado y vi una cola que se movía de un lado a otro. Me quedé tranquila hasta que vi aparecer ante mí un ratón. Quería gritar, pero mis labios no se movían, el ratón también parecía asombrado al verme. Estuvimos un tiempo observándonos en silencio hasta que él me dijo:

- A mí me informaron que estabas dormida.

Mi rostro resplandeció, se reflejaba en él alivio. Antes de que el ratón volviera a decir una palabra, le pregunté si era el ratón Pérez y él asintió con la cabeza. Entonces me emocioné y con curiosidad y bien bajito, como si me diera pena, le pregunté:

-¿Qué me trajiste?

Los dos nos reímos y entonces me dijo que le enseñara el diente. Levanté la almohada y saqué el diente que bajo ella se escondía.

Me gusta – me dijo -, está bien limpio y sano; me lo llevo y a cambio te dejo esto.

Me alargó un muñequito de peluche.

Gracias – le dije está muy...

Antes de concluir mi frase el ratón me interrumpió:

No me des las gracias, cuando debería dártelas yo a ti. Hace un tiempo para acá ya no tengo dientes que cambiar, ya no los ponen bajo sus almohadas y esperan su regalo, no tengo trabajo.

“ Te pido de favor que aconsejes a los demás para que me den sus dientes, si no, me aburriré, o lo que es peor, me quedará sin empleo.”

Te lo prometo, lo haré.

Al ratón lo vi un par de veces más, pero como ya mudé todos los dientes no tengo ninguno para ofrecerle. Si tienes interés en conocer a este ratón, cuando se te caiga un diente, ponlo bajo la almohada y vigílalo durante la noche. No te desespere, tarde o temprano llegará.

TURBELSIN

Todo comenzó en una isla muy pequeña llamada Turbelsin, donde a todos les gustaba cuidar las plantas. Esta isla, como todas, tenía un gobernador y éste un consejero llamado Paolo. El gobernador era muy conocido por las acciones que efectuaba a favor del medio ambiente.

En Turbelsin había muchas leyes que imponían el cuidado y protección de las plantas y animales. Además, en la isla no existían fábricas contaminantes, todos eran artesanos o artistas; no había coches – se podía caminar de una punta a otra, o en último caso, ir en caballo o burro -, y se les prohibía a la gente hasta que fumaran.

Todos en esta isla apreciaban y admiraban a su gobernador. Pero sucedió que un día, éste cayó enfermo en cama con una gripe muy fuerte, no se podía ni mover de tanto dolor en la cabeza y en los huesos. Y su hijo Escel, el cual era muy avaricioso e inconforme, tomó el poder.

Al momento de hacerse con el mando comenzó a construir fábricas en el pueblo, sin tomar ninguna medida de precaución. El consejero del gobernador le advertía a Escel, aconsejándole que por favor dejara de construir fábricas, que éstas estaban contaminando las aguas, el aire, dañando las plantas y animales.

Pero Escel no le hacía caso, porque él veía que esto le proporcionaba dinero.

Los turbelsinos no estaban de acuerdo con su nuevo gobernador, ni con sus fábricas, porque éstas expulsaban mucho humo y los desperdicios de las mismas eran desechados a las aguas sin cuidado alguno. La linda ciudad se estaba manchando de humo y las calles estaban llenas de desperdicios.

Como ya no había limpieza, a las calles, casas y locales, comenzaron a llegar plagas de ratones, moscas, cucarachas y mosquitos. Y las enfermedades comenzaron a matar a los Turbelsinos. Paolo ya no sabía como iba a hacerle ver a Escel el daño que se estaba haciendo él mismo y le hacía a los habitantes de la isla, por otro lado, no quería molestar al gobernador, que aún no se había repuesto de su enfermedad.

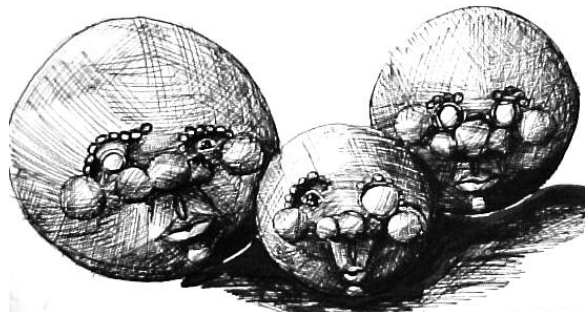
Y en el pueblo, algunos turbelsinos comenzaron a violar las leyes, porque llegó un momento en que de tanta inconformidad les daba lo mismo lo que pasara con la naturaleza; ya no había un árbol que no estuviese rayado o pintado, ni una planta que no estuviese aplastada o arrancada, ni una gota de agua que no se encontrara sucia, ni un poquito de aire que no estuviese contaminado.

En breve tiempo las plagas y enfermedades se dispersaron por toda la isla.

Escel, al ver que tantas personas se enfermaban y morían por su descuido y despreocupación, habló con Paolo para que éste lo aconsejara.

Paolo sólo le dijo:

Durante todo este tiempo te estuve aconsejando que dejaras de contaminar y no le diste importancia a mis palabras, y ahora vienes a pedirme que te ayude. Pero Escel, sólo te puedo aconsejar que no intentes nada, ya es muy tarde, el mal está hecho.



Un tiempo después, el gobernador, que ya se había curado de su gripe, Paolo y los turbelsinos que aún cuidaban el medio ambiente y querían vivir en un mundo sano, abandonaron la isla en un gran barco, en busca de otros horizontes. Quedaron solos Escel, sus lacayos y sus seguidores.

Poco a poco, Turbelsin fue desapareciendo. Ya ni se mencionaba su nombre, la isla se extinguió, desapareció y nadie la recuerda. Ahora es sólo un pequeño punto en los enormes mapas y planisferios, y nadie lo estudia en las clases de geografía.

Laura Morejón Respall

15 años,

Estudiante del preuniversitario de ciencias exactas

Cuba

Ilustraciones: Ray Respall

17 años, Cuba

Rafelito y la Arena



En un pequeño pueblo llamado “La Esperanza” cercano a la costa norte de la bella isla de Cuba vivía un niño muy travieso al que todos llamaban Rafelito, el intranquilo; no dejaba de hacer maldades a pesar de que todos le llamaran la atención. En las tardes, al salir de la escuela, siempre pasaba por el frente de la construcción de un enorme edificio

cerca de su casa, se subía en una loma de arena que allí era utilizada por los constructores, la golpeaba con sus zapatos, regándola por toda la calle. Pero una tarde todo cambió para el travieso niño.

Rafelito, -le señaló su mamá,- mira cómo has llegado sucio de la calle, tienes los zapatos llenos de arena, toma este cepillo y tus chancletas, sacúdete bien el uniforme y limpia los zapatos en el patio antes de entrar a la casa. El inquieto niño se dirigió a una roca que yacía en el patio de la casa y sentándose en ella, se zafó los zapatos, pero al disponerse a vaciar la arena que se le había introducido en ellos escuchó una extraña voz.

“¿A dónde me has traído?” Rafelito miró a su alrededor y sólo lo rodeaba unos hermosos árboles frutales.

La extraña voz de nuevo se sintió: “No busques, soy yo, la llamada arena, no te asustes te voy explicar quién soy, no te pares.”

Rafelito, asombrado, se volvió a sentar y detenidamente observó aquellas pequeñas partículas grises que aún estaban dentro de sus zapatos y con voz entrecortada preguntó: “¿Tú hablas?”

“Comúnmente no”- le respondió la arena-, “pero estoy cansada de que me trasladen de un lugar a otro, que me mezclen y que me consideren como algo que ensucia y si bien tu mamá té ha dicho: ¡mira cómo estás de sucio!, de mí podrían decir lo mismo.”

Rafelito sin salir del asombro se paró.

“Siéntate”- le dijo la arena que aun permanecía en sus zapatos-, “te escogí a ti que día tras día me golpeas y me riegas por toda la calle para hablarte de mí, que me conozcas y hagas todo lo posible por mi protección. Yo existo hace millones de años.”

Interrumpiéndola, Rafelito le preguntó: “¿Eres tan vieja?”

“Soy tan vieja como la existencia de la Tierra, he sido siempre utilizada por el hombre y me siento útil porque integro parte de los elementos que han mejorado las formas de vida de los seres humanos, hasta de reloj me han empleado.”

“¿Cómo de reloj?”- indagó Rafelito.

“Sí, como reloj,”- y las pequeñas partículas grises continuaron explicando. “Soy componente de las viviendas, de los puentes, las avenidas, las plazas, de todas las construcciones hechas en beneficio del hombre e incluso me utilizan en la fabricación del vidrio, molidor y pulidor bajo la forma de papel de lija, impulsada por aire a presión en la limpieza de la piedra o en el pulido de superficies metálicas. Pero el hombre en su desmedido interés, me ha contaminado y ensuciado, como dice tu mamá que estás tú.”

“Pero no me has dicho que te sientes útil,”- replicó Rafelito.

“Sí,”- le contestó la arena,-“pero todo se debe hacer con medida. Si como tú, todos trataran mal a los elementos que formamos la naturaleza, la vida del hombre se haría más corta.”

“¿Cómo más corta?”- pregunto Rafelito.

Y la arena le respondió:-“Claro, no has oído hablar de la contaminación del medio ambiente.”

“Como no,”- respondió el niño,-“mi maestra me explica cómo se contaminan los mares cuando se tiran desperdicios a él muriéndose los peces y sus plantas. El aire cuando el humo de los carros y las fabricas lo contaminan, mueren las aves afectando la vida del hombre.”

“Pues bien,”- le preguntó la arena- “¿Por qué me golpeas y me riegas por toda la calle? ¿No has oído hablar de la desertificación?”

“Es una palabra bastante complicada,”- dijo Rafelito.

“Pues te voy a explicar, escúchame, pon mucha atención”- le dijo la arena.- “Yo soy el producto del desgaste de las rocas, como en la que estás sentado, por el calor, el frío, los gases, el viento, el agua, la gravedad y la vida vegetal y animal.”

“¿Por todas esas cosas?”- indagó Rafelito.

“Sí, soy el producto de todas esas cosas” - continuó explicando la arena.-

“Formo parte de muchos suelos y me encuentro más abundante de forma superficial a lo largo de los cursos de los ríos, en las orillas de los lagos, en las costas y en las regiones áridas. Por un proceso natural al escasear las lluvias, el aire me lleva a viajar a otros lugares y me voy combinando con otras tierras, reduciendo la capacidad de ser cultivada por el hombre.”

“¡Tú las contaminas!”- señaló Rafelito.

“Escucha, escucha,”- replicó la arena,-“eso es un proceso natural que ha durado muchos años, que se denomina erosión, pero los hombres que no tienen medida a la hora de hacer las cosas me ha facilitado desgastar muchos suelos fértiles.”

“Explícate, no te entiendo bien,”- dijo Rafelito.

“Sin la intervención del hombre, las pérdidas de suelo debidas a la erosión probablemente se verían compensadas por la formación de nuevos suelos en la mayor parte de la Tierra.”

“El hombre- continúa hablando la arena-, al someter el suelo a sobre pastoreo, que no es más que el dejar que el ganado en su proceso de alimentación,

destruya la capa vegetal del suelo; la tala desmedida de los árboles; la construcción de ciudades; la instalación de industrias y la construcción de carreteras, destruyen parcial o totalmente la cortina protectora de la vegetación, acelerando la ruina de determinados suelos. En terrenos sin alterar, los suelos están protegidos por el manto vegetal; cuando la lluvia cae sobre una superficie cubierta por hierba u hojas, parte de la humedad se evapora antes de que el agua llegue a introducirse en la tierra. Los árboles y las hierbas hacen de cortina rompevientos y el armazón de las raíces ayuda a mantener los suelos en el lugar, frente a la acción de la lluvia y el viento. Te voy a poner un ejemplo; aquí mismo, el patio de tu casa, fíjate en la tierra que está alrededor de la casa, apenas tiene hierba, está contaminada por arena, cemento y otros materiales utilizados en su construcción, en cambio mira cuantos árboles frutales hay en esta otra parte, cómo crece la hierba, eso es porque el suelo es fértil, estamos cerca de la costa y el viento trae pequeños pedacitos de arena todos los días, pero los árboles sirven de cortina protectora y no permiten que la mayoría llegue hasta el interior del patio. Ahora bien, si cortamos los árboles, si llenamos el patio de chivos o carneros para que se alimenten por mucho tiempo, llegará el momento en que se comerán hasta las raíces de la hierba, nosotros mismos hemos acelerado la destrucción del suelo. Porque el aire con más facilidad traerá los pequeños pedacitos de arena, ya no tenemos la cortina protectora, la lluvia arrastrará la tierra porque las raíces de las plantas se han secado o se la comieron los animalitos. ¿Qué pasará después? No tendremos árboles para alimentarnos ni para disfrutar de su sombra, si siembras algunas semillas, las plantas no crecerán porque el suelo no tiene alimento para brindarle; en fin, por nuestra actuación sin medida hemos acelerado la destrucción del suelo.”

“¿Qué hacer?”- pregunta Rafelito-“Son necesarias las casas, las carreteras, que se alimenten los animales, la madera para hacer muebles, puertas y ventanas.”

“Todo eso es necesario,- respondió la arena,-pero todos los días debemos hacer algo en beneficio de la naturaleza. Hay muchos hombres que constantemente estudian como protegerla y trabajan en ese sentido, pero hay otros como tú que no cuidan de ella.”

“Es verdad- respondió Rafelito y a continuación preguntó- ¿qué debo hacer para formar parte de esos hombres que le hacen el bien a la naturaleza?”

Y la arena le contestó: “Muchas cosas, pero por el momento lo principal es que estudies sobre lo que te he hablado, que cuides las plantas, que cada vez que puedas siembres un árbol, que no maltrates a los elementos que forman la naturaleza, como hacías conmigo, que le hables a tus amiguitos sobre lo que te he dicho, ¡ah! Y a mí si quieres guárdame en una cajita por un tiempo y así te podré ayudar cuando tengas dudas de lo que te he explicado.”

“¿Por un tiempo?”- preguntó Rafelito.

“Sí, por un tiempo,- le contestó la arena,- no me debes limitar, quiero que me lleves a la orilla del mar, a mi entorno natural, y poder disfrutar tendida, compacta, suave, caliente, fría, húmeda como reflejo del estado del tiempo. Complaciente a los juegos de los niños, amiga de la pisada del que aprende a nadar, señal de la proximidad al pescador que regresa a casa, depósito del futuro mundo animal, que en su proceso de evolución natural me toma como nido.”

“Como las caguamas, lo vi en la televisión,”- dice Rafelito.

“Sí, como las caguamas,”- afirma la Arena y continúa explicando sus deseos:

“que me tomen como lugar ideal para descansar y exponerse al Sol; para contemplar un nuevo amanecer o el rojizo cielo cuando la mayor de las estrellas se sumerge dando señal de cansancio. Estar a disposición de las olas y de las mareas que me arrastran a las profundidades del mar. Fiel viajera de las corrientes marinas que me permiten contemplar el mundo maravilloso de su fauna.”

“¡Los delfines, las algas!”- exclama Rafelito.

“Exacto”- expresó la Arena y continuó-“Conocer de los secretos que guarda como testigo de la historia marina del hombre.”

“Espera un momento”- dijo Rafelito y salió corriendo hacia la casa, regresando unos segundos después con una pequeña cajita en sus manos- “Mira, aquí te guardaré,” depositando la Arena en el reducido envase; “ahora los dos iremos a la playa” y salió corriendo en dirección de la costa. Al llegar a la orilla del mar abrió la pequeña cajita y le expresó a las pequeñas partículas grises. “Las he traído a su entorno, a partir de hoy todos los días vendré hasta aquí a protegerlas.”

“Gracias- exclamó la Arena,- creo que lo dicho ha servido de algo. Recuerda siempre, nunca dejes de estudiar y de cuidar todos los elementos de la naturaleza, el mar, el aire, la tierra, sus plantas, los animalitos, todos, no dejes de contarle a tus amiguitos; ¿De acuerdo Rafelito?”

“De acuerdo,”- respondió Rafelito.

Caía la tarde y Rafelito regresaba a su casa con una idea fija; todos los días irá a la orilla del mar a cuidar de la Arena que este día me ha hecho soñar.

Leopoldo Eduardo Gil Marín

Cuba

fnaranjo@infomed.sld.cu

Ilustración: Néstor Prin

7 años, segundo grado

Escuela Tomás Romay

ideas@juvenclub.cu

La leyenda de la hormiga



Hace muchos, muchos años en un remoto lugar del planeta existía una aldea llena de árboles flores, manantiales de agua dulce y cristalina donde sus habitantes vivían felices y despreocupados.

Todo lo que necesitaban estaba al alcance de sus manos. Cubrían sus cuerpos con suaves y aterciopeladas hojas, sus viviendas eran acogedoras cuevas construidas en tiempos lejanos, se alimentaban de frutos que abundaban durante todo el año debido al clima primaveral.

Al tener sus necesidades básicas cubiertas y demasiado tiempo libre comenzaron a preocuparse solo por lograr tintes de distintos colores para pintar sus cuerpos. Surgió la envidia y destruyó la armonía que existía entre ellos.

Vivían pendientes únicamente de la belleza exterior, preocupados por obtener los colores más brillantes o el único. Fue tanto el desinterés por todo lo que fue su propio aspecto, que no se percataron de que el clima iba cambiando, sin prisa y sin pausa.

Los inviernos eran cada vez mas fríos y en verano el intenso calor secaba los débiles brotes y las plantas jóvenes morían sin remedio; el agua comenzó a escasear y pronto el pequeño paraíso se convirtió en un paraje desértico donde sus habitantes padecían todo tipo de penurias y los niños morían a causa del hambre.

Estuvieron a punto de desaparecer de la faz de la tierra.

Pero la Diosa naturaleza se apiadó de ellos al ver el sufrimiento y arrepentimiento y les dio una nueva oportunidad.

Desde entonces, convertidos en pequeños seres parecidos entre sí, trabajan incesantemente para construir sus "casas" y almacenar uno a uno sus alimentos para sobrevivir y cuidar a sus pequeñas crías alimentándolas en el momento que lo necesiten...

Nosotros las conocemos... son las hormigas!!!

Liliana Carluccio

Bs. As. Argentina

lilianacarluccio@yahoo.com.ar

Ilustración: Juan Carlos Martínez

México

vinyamata@prodigy.net.mx

El poder de los tamarindos



Cuando los previsibles paraísos de su casa cabeceaban la siesta, Juancito emprendía la escapada diaria. Esa era la hora justa para apostarse cuerpo a tierra y tratar de descubrir los misterios que sólo podían producirse entre los tamarindos.

Ni siquiera los secretos que guardaba en su doble fondo el carretón de don Joaquín, lo atraían tanto como la

aparición de los extraños personajes que avanzaban desde alguna parte del fantástico montecito.

Cualquier otro chico hubiera creído que eran hadas las que movían las ramas con sus evoluciones para poder sacudir el polvo de las hojas. Otro chico, quizás hubiera jurado que había visto a los duendes haciendo cabriolas, corriéndose entre sí, para luego esfumarse en uno de los rayos que el sol filtraba entre los árboles.

Pero Juancito no. Él tenía la sensatez suficiente como para darse cuenta de que los duendes y las hadas eran la visión, más o menos común, de aquellos que sólo se dejan impresionar por viejos libros de cuentos.

No, lo que Juancito veía era otra cosa.

Apenas llegaba al escondite que había destinado para sus observaciones, se preparaba para esperar el momento de la revelación. Su quietud era tan perfecta, que hasta las palomas revoloteaban a su alrededor, picoteando semillas sin que ni siquiera un suspiro de Juancito las alertara.

Su constancia siempre se veía recompensada. A veces aparecía esa mujer vestida de negro, con malvones prendidos en la cofia, zigzagueando con el aire perdido de quien no sabe que está haciendo en este mundo. A veces era el “loco Romero” quien corría y saltaba como un fauno, anunciándose a gritos ante las aves que enloquecían su vuelo entre el follaje.

Pero los aparecidos más esperados por Juancito eran otros. Cuando los tamarindos desperezaban su apogeo en el calor del verano, todo el poder mágico del bosque en esplendor convocaba a los gitanos. Entonces, puro ojos, apretaba la boca conteniendo su asombro ante el desfile de brillos que ondulaban en los colores de las polleras y los trajes. Y permanecía inmóvil, doloridamente tenso, temeroso de que la procesión se desvaneciera entre las matas con un incontenible bullicio de cháchara y panderos.

En esas ocasiones, cuando su madre lo llamaba para el matecocido de la tarde, él llegaba quitándose las lanillas de color entrelazadas a modo de vincha y de pulseras, y luego, bajo la placidez de los paraísos de su casa, soñadoramente,

Juancito le pedía que le masajeara los hombros, para aflojar las emociones de la siesta.

Lina Caffarello
Buenos Aires, Argentina
linarello@yahoo.com

Ilustración: Isabel del Mar
7 años, 2do grado
Escuela Tomás Romay, Cuba
ideasz@jovenclub.cu

LA OSA TONTINA



Este era una vez una osa llamada Tontina, ya lo decía su nombre era muy tonta. Vivía con el oso Wilfredo, él era un cantante de opera campestre. Ella jugaba el papel de ama de casa mientras que él se pasaba el día durmiendo. Todos los días cuando el sol de oro se impregnaba ante su casa, Tontina se levantaba, levantaba a Wilfredo le daba el desayuno y este volvía a su cama.

Un día tocaron a la puerta, esta con mucha agilidad la abrió y era el cartero le entregó su carta y se fue.

Tontina despertó a Wilfredo, ya que la carta era para él. Cuando Wilfredo la abrió decía:

GRAN CONCIERTO DE WILFREDO

HOY 8: 30 PM

Wilfredo se sorprendió: ¿cómo era posible que organizaran un concierto sin antes contar con él?

Tontina, para no perderse aquel espectáculo limpió, lavó, planchó, y cocinó.

Wilfredo: Tontina, Tontina, vamos despiértate, ya es hora de salir y me tengo que vestir, escoge mi mejor traje, que mis zapatos bien lustrados brillen en todo el bosque - decía Wilfredo muy excitado y caminando por toda la casa -

¿Tontina?- se para Wilfredo de su caminar y dice de pronto- ¿Irás al concierto?

Tontina: No iré. Parece mentira que lo halla tenido que hacer todo en esta casa y me preguntas si voy a ir contigo.

Cuando llegó el público empezó a aplaudir y a gritar

Que cante, que cante.

- Bien, cantaré -dijo Wilfredo

Cuando empezó, se le olvidó el estribillo, qué pena, todos se empezaron a reír.

Wilfredo salió rumbo a su casa muy turbado, al llegar vio la casa muy sola, se alarmó y con mucho miedo abrió la puerta.

Oh, que sorpresa, Tontina tenía preparada para Wilfredo una fiesta sorpresa.

Tontina se asusto muchísimo al ver que Wilfredo estaba llorando.

- ¿Qué te pasa? - le preguntó Tontina.



- Es que como no he repasado la canción, se me ha olvidado la letra, todos se rieron de mí.

- Wilfredo no te preocupes, que creo tener la solución para tu problema.

Y cuentan que, desde ese día, Tontina y Wilfredo se repartían las tareas del hogar y ella estaba siempre junto a él en los ensayos diarios que realizaba. Siendo cada día más felices.

LAS MAYORES FANTASÍAS



Esta era una vez una niña llamada Alicita. Su sueño era llegar a la luna. Cada noche, antes de acostarse, hablaba con un duendecillo que para ella era el rey de lo imposible y le contaba sus deseos por ir de visita a la luna. Una noche muy oscura y tenebrosa Alicita, que no se podía dormir, sacó debajo de su cama un libro llamado:

LAS MAYORES FANTASÍAS

Alicita lo comenzó a leer. Y en cada página descubría lo bello que era aquel libro. Alicita se dijo ¿y por qué no pudiera ser yo la protagonista de este cuento?, se quedó unos segundos indecisa, pero le entró muchísimo sueño y se acostó a dormir.

Alicita tuvo un sueño, ella viajaba a la luna y al bajar de su cohete espacial salía a caminar y a apreciar la belleza de este astro. En su recorrido se encontró al sol que estaba muy triste y decaído, se acercó a él y le dijo:

- ¿Qué te pasa amigo sol, por qué estás llorando así, tan desconsolado?

- Es que yo, yo me quiero casar con la luna.

- Pero sol, ¿sabes lo que estás diciendo?

- Sí lo sé. Estoy muy enamorado de la hermosa y zalamera luna.

- Bueno sol, ya que estás seguro de lo que dices, te ayudaré.

Alicita dirigió su cohete espacial nuevamente hacia la luna. La luna estaba dormida y Alicita la despertó.

- Luna, lunita, vamos, despiértate, que tengo una cosa muy importante que plantearte.

La luna se alarmó y enseguida abrió sus ojos

- Dime qué es eso importante que tienes que plantearme, para que a esta hora yo me tenga que despertar...
- Bueno luna, este es un asunto muy delicado. Se trata del sol.
- Dime... ¿algo malo le ha sucedido a mi amado?
- ¿Como dices... tuuuuuu amadoooooo?
- Alicita, prométeme que no se lo dirás a nadie.
- Luna, pero si de eso se trata. El sol esta muy triste porque esta enamorado de ti, y se quiere casar contigo.
- En eso no hay problema ninguno, desde el día en que vi al sol me enamoré de él. Pero jamás he tenido el valor suficiente para expresarle lo que siento, dile al sol que hoy mismo nos casamos.

El sol y la luna se casaron y Alicita se quedo a vivir con ellos y los 3 juntos vivieron felices por siempre.

Cuando Alicita despertó al día siguiente, le dio muchísimas gracias al duende de lo imposible porque cumplió sus sueños. Viajó a la luna...

Las palabras mágicas.

Era una vez un niño llamado Armandito, pero un niño muy mal educado cada vez que se le acercaba alguien lo trataba muy mal y mientras los años pasaban Armandito iba empeorando, poco a poco fue perdiendo a sus amigos. Ya no querían jugar con el, ni que estuviese en los círculos de estudios, ni en la biblioteca, ni en las fiestecitas del grupo. Armandito estaba totalmente apartado. Un día llego al parque japonés con muy mala cara, y se sentó en un banco junto a Jorge un señor muy agradable que solo da consejos buenos.

Jorge, al verlo tan triste, le preguntó:

- ¿Que te pasa Armandito? ¿Por qué vienes así tan triste?

-Es que nadie me presta nada, ni me invitan a jugar, hasta mi abuela ayer le pedí una friturita de malanga y no me la quiso dar.

-Ya sé... ¿cómo es que tú pides las cosas?

-Yo, por ejemplo, ayer le dije así a Laura: suelta ese color. Y a mi abuela: sal, abuela, que voy a coger una fritura.

- Es que tú no conoces las palabras mágicas: buenas, por favor, gracias, permiso, permíteme, discúlpame... intenta con estas palabras y veras como todo cambiara.

Al día siguiente, Armandito llegó a la escuela y para pasar el margen le dijo a Laura:

-Por favor, me prestas el color negro. Laura se quedo sorprendida

Armandito en la escuela realmente había cambiado. Lo oyeron decir: gracias, permiso, por favor, disculpe... Y en la comida le dijo a la abuela

-Por favor, abuela, me puede alcanzar una fritura.

La abuela, con mucha satisfacción, le dio un beso en la frente.

Al atardecer, Armandito, fue nuevamente al parque a darle las gracias a Jorge y a decirle que aquellas palabras sí eran mágicas

CUENTO DE LUCY



Estaba en mi cuarto queriendo escribir un cuento y de pronto me vino a la mente todos aquellos escritores que en diferentes época han dedicado todo su tiempo en escribir bellas páginas para los niños. Cuentos que han sido leídos desde épocas de mis abuelos, de mis padres y que ahora los disfrutamos nosotros como nuevos y acabados de escribir. Cuentos que encierran diferentes enseñanzas, cuentos que nos lleva a un mundo de fantasías y de sueños.

En todo este pensamiento comencé a escribir este cuento, como mi pequeño agradecimiento a todos ellos.

Esta era una vez un rey muy avaricioso llamado Clifor que vivía en un castillo, con una torre muy, muy alta donde mandaban a encerrar eternamente a las personas mas malas del pueblo.

Tenia 3 hijas, Blanca Nieves, Cenicienta y Pulgarcita. Blanca Nieve y Cenicienta eran las más bellas de todo el reino y las preferidas de su padre, pero demasiado perversas, mientras que Pulgarcita era todo lo contrario. Su nombre lo decía: era pequeña, pero no tenía un buen físico y era demasiado buena.

Un buen día el viudo rey, decidió casar a sus 3 hijas y se dijo:

- Primero casaré a Blanca Nieves luego a Cenicienta y después a Pulgarcita, pero con esa nadie se querrá casar.

Llegó el ansiado día, Blanca Nieves y Cenicienta se pusieron los vestidos mas lujosos, con canutillos de oro y lentejuelas plateadas, mientras que Pulgarcita se vistió con las ropas más sencillas que tenía, ella no padecía del mismo mal que su padre y sus hermanas, la ambición. Llegaron todos lo pretendientes, de todas partes del mundo. Blanca Nieves y Cenicienta al ver la belleza del primer pretendiente, comenzaron a fajarse :

-El es mío- decía una, gritando a toda voz

-No es mío - decía la otra enfurecida

-Es mío - gritaban las dos al mismo tiempo

Todos se quedaron impresionados, ya daban mucho que decir, el padre apenado las mandó a callar. Aun más apenado cuando su hija Pulgarcita salió a escoger a su pretendiente. Todos se empezaron a reír de ella, menos un joven que era el que menor posición social tenía. Era rechazado por todos en la corte. Ella al sentirse el hazmerreír corrió a su cuarto. El padre la mandó a encerrar en la alta torre del palacio, pues no había tenido el valor suficiente para escoger a su futuro esposo. Al día siguiente, mientras Pulgarcita lloraba, sintió unos golpecitos en la ventana. ¿Quién sería? Se acercó a la ventana y la abrió, era uno de los pretendientes, el único que no se rió al verla.

- ¿Cómo te llamas?- preguntó ella
 - Aladino, y he venido para salvarte, pues me he enamorado de ti.
- Pulgarcita al verlo se enamora de él. Fue un amor a primera vista pero Pulgarcita le dijo:
- No puedo huir, no te quiero hacer sufrir todos se burlaran de ti.
 - No importa, tú me has demostrado, todo lo contrario de tus hermanas, que la belleza se encuentra en el interior de la persona

En la corte se celebró su boda, y tuvieron 2 hijos, Hansel y Gretel .

Lucy Marimón Alonso

11 años, 6to Grado

CUBA

Escuela Luis Ramírez López

Correo: osnola@infomed.sld.cu

Ilustraciones:

(primer cuento) Sarah Graziella Respall Rojas

5 años, Preescolar, CUBA

Círculo Infantil de Educación Especial Ernestito.

(segundo cuento) Carolina Fernández-Vega Charadán

10 años, CUBA, Escuela Alejandro García Caturla

carichao@cubarte.cult.cu

(sirenita) Laura Cristin

Italia

"The little mermaid" tomada en el performance "SHEren&dolpHEN".

www.lauracristin.it lc1@lauracristin.it

Alfredo Muñeco de Trapo



Siempre de pueblo en pueblo, cada verano la misma rutina, entre polvaredas de aburrimiento. Alfredo Muñeco de Trapo camina a grandes zancadas por el mostrador. Cada noche reflexiona sobre su cautiverio. No le hiere tanto la limitación de movimientos como la perspectiva de continuar maniatado hasta el final. La posibilidad de perdurar en este simulacro de vida le angustia sobremanera.

Simultanea los gestos aprendidos durante su confinamiento con sueños de una existencia más provechosa. Si pudiera hallar un hogar sin los rigores del estío ni la babaza del moscón de cada feria, tendido sobre un cojín o sobre la almohada de una adolescente, correteando por los pasillos, atiborrado de bombones de licor, sorbiendo con delectación cada momento...

Desde pequeño se convirtió en mercancía muy valiosa para feriantes. Sus padres le habían augurado un futuro estelar al cambiarlo por una lavadora de segunda mano. Desde entonces sus días transcurrían tristemente sin consumir los diseños paternos. Atrapado en su pedestal observaba las soporíferas diversiones de niños y mayores, una feria tras otra, y le aterraban las conclusiones. Tedio y más tedio disfrazado de chillona fruslería.

En esos desatinos cavilaba una noche, cuando su reina emergió entre el público. La sesión fluía mortecina como las precedentes y ella, su musa de doce años, levantó un brazo rollizo y apuntó hacia Alfredo. Esa misma noche, en la intimidad de su alcoba, la niña le confesaría sus secretos; en adelante compartió con él sus temores y sus anhelos, sus manías, sus celos hacia los adultos. Le explicó la agitación soterrada de su cuerpo, el corsé de su naturaleza implacable incapaz de atemperar sus deseos de volar.

Una noche la niña de sus desvelos trajo un beso clandestino en su mejilla arrebolada (mil caballos relinchando por sus venas); su cabeza ardía de placer y una sensación nueva colmaba su corazón. Alfredo, que a través de esperas sin fin y consejos inocentes había comenzado a amarla, sintió la percusión de un puño de acero en su pecho.

Días más tarde la niña ya no precisó de sus confidencias, de su compañía. Una mañana igualó su muñeco de trapo a un objeto inservible, comparó los mimos a una debilidad infantil, las lágrimas vertidas sobre Alfredo a un esparcimiento tonto... y lo depositó en un rincón para que la doncella lo entregara al trapero o a su sobrino, un pillastre con ojos de loco. Así pagaba

tanta devoción la niña. Había roto el corazón de Alfredo sin darle importancia. En su torpeza creyó que un muñeco carecía de sentimientos.

No esperó Alfredo a morir en una cloaca entre inmundicias y olores nauseabundos, despedazado por roedores y otras alimañas. No aguardó Alfredo el carro del trapero para desaparecer en una planta de reciclaje o vendido a precio de saldo. No. Aprovechó un hueco del día, mientras la niña jugaba a los besos y la asistente barría otras estancias, bajó silenciosamente las escaleras y se perdió por las calles, anónimo e indefenso, entre el jolgorio general.

Pero su suerte duró muy poco. Cuando atravesaba una rambla para guarecerse en la *Cueva del Monje*, como hizo un antiguo anacoreta (según había leído junto a la niña), resbaló y cayó al agua. El torrente lo arrastraba como a un corcho, sus fuerzas decaían peligrosamente y su respiración se ralentizó hasta límites incompatibles con la vida. No pudo calcular el tiempo de la travesía, pero cuando sus esperanzas de sobrevivir habían desaparecido cayó en un embalse de aguas transparentes y gélidas y allí permaneció flotando, hasta que se abrieron las compuertas, y succionado por un remolino, apareció en un ramal de riego. Horas y horas dando vueltas, descalabrándose contra las piedras del cauce, retenido por compuertas y diques...

Terminó exhausto en un maizal. Allí boca arriba, apropiándose del rumor del crepúsculo, se retorció como una esponja para soltar el agua que rezumaba. Mientras se complacía elaborando planes de fuga le venció un sueño profundo entre las cañas yertas. A lo lejos oía desvanecerse las voces campesinas con sus carros y aperos y algún vehículo a motor que derrapaba en la curva más próxima.

Despertó frente a los ojos del perro guardián. Es mi final, se dijo. ¡Un muñeco descuartizado en un campo de maíz! Algo debió notar el perro en el rostro de Alfredo que convirtió su aviesa mirada en sonrisa bobalicona. Lo atrapó cuidadosamente entre sus colmillos y lo lanzó al aire, hacia las estrellas. Tras cada caída, nueva pirueta. Cuando el perro consideró que el pasatiempo había terminado, recogió su presa magullada de golpes, se la subió al lomo y trotó alegremente hacia el cortijo. Alfredo recobró el conocimiento en el interior de la choza, abrió los ojos y suspiró aliviado, por lo menos aquella noche no la pasaría a la intemperie.

A la luz de la luna el perro fue desgranando su historia. Cuando era sólo un cachorro perdió a su madre. La vio alejarse por última vez con una cuerda alrededor del cuello, entre ladridos de dolor y arañando con sus uñas la tierra. El perro apenas comprendía su orfandad, pero pronto dejó de hacerse preguntas. Después vinieron los palos y los castigos, hasta que se transformó en el perro que no quería ser. Esa noche estaba contento, por primera vez alardeaba de una amistad, poco habladora desde luego, pero muy respetuosa con su narración. Aulló varias veces a la luna tachonada en el firmamento.

Pronto vislumbró Alfredo que el perro estaba melancólico, y si se quedaba con él no tendría escapatoria, sucumbiría a su mismo estado.

Despareció una madrugada, de puntillas, mientras el perro olfateaba en sueños aventuras sin parangón, muy lejos de la soledad que pergeñaba su destino. Alfredo acarició la cola del animal antes de abandonar la casilla y una lágrima esquiva golpeó su mano.

Anduvo leguas y leguas entre cortijos y eriales dejando un rastro de polvo tras sus pasos, merodeó por pueblos y aldeas para propiciarse el sustento y algún escarceo amoroso. Se protegió de animales dañinos, de la cruenta cercanía de una panda de niños civilizados, ayudó en las cosechas y terció entre padres e hijos tras severas disputas con hoces y azadones.

Harto de tanto deambular se detuvo en una fuente para beber. Una debilidad que le costó de nuevo la libertad. El barrio, engalanado para sus fiestas, lo engatusó. Su obsesión por calmar la sed le confundió como a un peregrino que divisara un oasis en el desierto, tomó por iluminación nocturna las bombillas que adornaban las calles.

Un ancla tatuada en una mano sumergió su cabeza y casi lo ahoga. Cuando pudo respirar la mirada vacía de un hombre le interrogaba a mil kilómetros de distancia, su crispación era tan descomunal que creyó morir entre sus dedos. Intuyó el final de sus andanzas.



Y así fue. El hombre, propietario de una barraca, lo bañó en la fuente. Restregó sus ropas contra las piedras de una pila, y todos juntos, muñeco y prendas, se balancearon durante horas en un tendedero. Repuesto de sus heridas fue ubicado en el mostrador de la atracción. No podía ser de otra manera, tanto esmero por recomponer su figura no escondía una obra de caridad, sino un interés estrictamente comercial por Alfredo: le esperaba un brillante papel de señuelo o mascota, según las necesidades, en el arranque definitivo del boliche hacia la gloria.

-Si titubeas -le espetó el feriante una noche de borracheras-, te ensartaré con un hierro y te regalaré al primer imbécil que haga diana en tus tripas.

Ahora, en el armisticio de la siesta, improvisa nuevos chistes y trucos para entretener a un personal poco exigente, pero ávido de impertinencias. Cuando la atracción abra a las nueve de la noche, él desplegará sus artes de embaucador para atraer clientes que deglutan el plomo de las escopetas trucadas. Su representación carece de dificultad, así lo entiende Alfredo, porque necesita pocos minutos para ponerse al corriente. Un quehacer fácil, zascandilear por el mostrador con las manos por detrás y la cabeza gacha, mientras escupe ocurrencias ordinarias y chistes baratos. ¡Maldito destino para un muñeco con pretensiones ilustres!

La noche anterior, mientras largaba su perorata hacia un público que no le prestaba atención, alzó por unos instantes la vista y descubrió una muñeca preciosa de tez amarilla y ojos rojos; su boquita formaba un rombo muy coqueto bajo su nariz chata; el pelo recogido en dos trenzas se teñía del color pajizo de las panochas; su vestido a cuadros por encima de las rodillas y sus manos batiendo alocadamente le conferían un aspecto muy jovial. Una aparición premonitoria. Desde ese momento Alfredo no para de ingeniar estratagemas para liberarla del alambre que la aprisiona para escapar juntos.

Luis Asenjo Hernández

España

Correo: Malacanes@Hotmail.Com

Ilustraciones: Ray Respall Rojas

17 Años

Cuba

EL CRISTO A ESCONDIDAS



Mientras la abuela de anteojos enormes andaba con su usual desencanto, los corredores sentían el eco de las piernas enmohecidas por el tiempo y los pequeños chillidos agudos del viejo caminador de aluminio con tornillos algo oxidados. La abuela rezaba e intercalaba entre oraciones, exigencias y regaños que se empalmaban con una tos fuerte, arrugada y asmática.

- ¡Por Dios y por la Virgen! ¿Dónde lo han dejado? - decía y su angustia empezaba a convertirse en la actividad infantil más divertida que se podía disfrutar detrás del sillón antiguo esquinado en un rincón de la sala.

Por décima ocasión, el cristo que tenía encima de la pared de la cama había desaparecido. Los nietos de cinco y siete años, responsables de tal hazaña, se entretenían al ver a la abuela fuera de sus cabales segundos antes de terminar ese eterno Rosario. Escuchar esos extraños sonidos era siempre una sobredosis perfecta y progresiva para hacerlos orinar de la risa. Ni los regaños de mamá y papá, que llegaban tarde a casa, servían de ayuda alguna para detener el juego más gracioso inventado hasta la fecha. Nada servía de escarmiento para frenar la pilatuna que empezaba a tomar forma de rutina. Ni siquiera el día que Papá, cansado de haberlo intentado todo, exclamó unas palabras coléricas e imborrables que recordarían el día que el juego terminó para siempre:

- ¡Un día de estos van a causarle un infarto a la Abuela! -

Y no es que los niños no quisieran a la mamá de su papá, es sólo que la pobre fue siempre tan malgeniada. El primer gran escondite, solían recordar entre risas detrás del sillón, fue el congelador de la gran nevera anaranjada de la cocina.

- ¡Que cara tan chistosa la que puso la abuela cuando encontró por accidente al Cristo congelado y bien cubierto en escarcha hasta en la coronilla!- pensaba el más grandecito cuando sus ojos empezaban a cerrarse de tanto esperar a que la abuela apareciera en las sala. Ojos que se cerraban a la par de su compañero de escondrijo, quien tenía los mismos síntomas de cansancio vespertino.

-¿Dónde está mi Cristo?- gritaba y repetía atareada con gran esfuerzo la abuela, buscando en cada cuarto y espacio imaginable. Y como no veía casi, le tocaba palpar, sacudir y hasta aletear cosas de aparente forma indefinible en su afán por identificar la preciada reliquia familiar de madera y de marfil, que tenía la nariz y la mano derecha desportilladas (desde hace un par de semanas) a causa de una visita inesperada a la hielera.

Cuando los chirridos del caminador se acercaban a la sala, los niños recordaron que todo había empezado el día que rezaron su séptimo Rosario. La abuela los sentaba casi obligados a repetir esos mensajes indescifrables como cotorras incansables, mientras que la anciana deslizaba entre sus dedos a pasos de galápago, un collar de perlas de madera diminuta.

-¡Devuélvanme mi Cristo, que si no Cristo no responde!- y los niños tuvieron que taparse la boca (el uno al otro) para no revelar el paradero de su guarida. Esta vez el Cristo estaba puesto encima del sillón que los resguardaba sin tanto disimulo y la abuela no tardaría en encontrarlo.

– ¡Lo que la Nana necesita es un milagro!- susurro el más pequeño, y el mayor respondió con una inaguantable carcajada. Risa que se derivó en el susto más grande que haya tenido la pobre abuela en sus años de beata, quien no tardó ni un segundo entero en desplomarse con caminador incluido.

La risa era llanto en los siguientes segundos y los niños arrepentidos sacudían a la abuela que parecía dormida frente al sillón de la esquina. -¡Nana, despiértate!- exclamaba el más pequeño, y el grande sólo podía repetir entre lágrimas incontenibles... - ¡Mi papá nos va a matar!-

El de cinco años tomó el Cristo y la camándula y, sin saber que hacer, se sentó a corear los mensajes crípticos que tanto escuchaba repetir a la abuela... El otro se echó a correr asustado y buscó un nuevo escondite debajo de la cama que tenía un Cristo desaparecido. Ambos se quedaron dormidos entre lágrimas amargas a la espera de la vida que se les terminaría a la llegada de su Padre.

Cuando los niños despertaron, estaban de nuevo en el rincón del escondite y no podían recordar la pesadilla que habían vivido. Para sorpresa de ambos, el Cristo seguía en el lugar que lo había dejado y la abuela seguía emitiendo su canturreo desde su búsqueda de cuarto en cuarto y de rincón en rincón...

- ¡Lo que la Nana necesita es un milagro!– repuso el más pequeño.

Luis Felipe Barrientos Moreno

Colombia

barrycrow@gmail.com

Ilustración: Ana Paula Hurtado

México

vinyamata@prodiqy.net.mx

El corazón de María



Antes de comenzar a contarles esta historia muy rara, tengo que aclarar que no es mía. Es robada, la atraparon un día mis oídos de una persona a quien aprecio mucho, quizá pensó que se me iba a olvidar, porque es que soy muuuuuuuuuuy despistada, pero en ese momento, tenía bien conectadas mis antenas a la memoria. Esto sucedió en un lugar en Latinoamérica, no puedo dar nombres. Más adelante lo van a entender, decir como se llama el pueblo sería igual que

contarle a la mamá de Santiago lo que pasó, el día que no fue a la escuela.

Uyyyhh. Bueno, pero existen muchos Santiagos.

Bien decía que esto sucedió en un lugar tranquilo fuera de la ciudad, en sí hay que reconocer que el sitio aún, es especial, un pueblo creado sobre la huella de un río, desviado por canales, conductos pero que sigue ahí, bajo todos nuestros pies como un fantasma. Está justo entre el valle, la montaña, y la ciudad. Parece de mentira, pero es cierto. Es tan fértil que si se cae una semilla al pavimento, brota una parra. Bueno, ...casi. En verano poco calor, en invierno llueve finito y constante, por eso siempre las mamás se preocupan porque vayamos abrigados y en patota hasta la escuela, así sentimos menos frío. Hablando de Patota, los héroes de esta historia son pertenecen a una muy es especial que durante toda la primaria no perdió un integrante: Miranda, José, Lucas y Santiago.

Vivían a pocas cuerdas de diferencia, se sentaban en la misma hilera pero aunque tenían en común la mayor amistad, eran muy diferentes, esto lo hacía más interesante. Lucas, por ejemplo: una voluntad de hierro, hacer amigos era pan comido para él desde el cura hasta esa vecina que nunca saluda. Pero el defecto: no le gustaba estudiar, decía que era por los teoremas, pero siempre zafaba. Miranda en cambio, cuando fuese grande no quería ser reina, ni modelo. Solo crecer para no recibir órdenes, y hacer en su casa todos los inventos que veía en las revistas, vivir comiendo pastas y chocolates de la mañana a la noche. Estos dos eran vecinos, y dicen que en la noche se golpeaban la pared, para mandar mensajes secretos.

Santiago, es como dicen el inventor de hacer macanas, era débil de salud, y buen estudioso a la fuerza, sino se aburría. Hace tiempo que en camino a la escuela, se quedaba colgado del cerro que rodea el barrio, y mientras todos hablaban de bueyes perdidos, el solo decía que Un día se iba a sacar las ganas. Ustedes no saben, pero van a ver. Se hacía una pausa y la conversación volvía a

lo de antes(hablamos de alguien que juró en un campamento, llegar a médico e investigador privado). En el fondo, todos eran testigos que algo se traía. Esa mañana, pasó primero por la casa de José, pero más temprano que antes. Tenía como 5 hermanos, ayudaba mucho a su mamá, que trabajaba en una fábrica y siempre lo buscaban como mediador en los líos de sus compañeros, porque aunque no hablaba tanto como Miranda, tenía para todo una buena salida. Decía que de camino a la escuela, Santiago los buscó a todos un poco antes de hora. Nadie recordaba que tuvieran ensayo, pero conociéndolo, no preguntaron solo se abrigaron y lo siguieron. Con una sonrisa de oreja a oreja. Se detuvo justo antes del cruce de vías, a unos pasitos de la escuela que es toda seguridad. Se acomodó el moñito y dijo: Señores, se preguntarán porque hoy los levante más temprano, pero también más de una vez pasando por este cerro y pensaron en que pensaba ya que la mirarlo cualquiera diría que es solo tierra por fuera y por adentro. Este es el momento para sacarse esa duda, el que quiera me sigue o sino aquí se planta.

Que más da....- saltó Miranda- si alguno de nosotros no lo hace, cosa de ellos. Pero yo me canse de pasar todos los día y ver como miras arriba peor que un bobo. ¡Yo me anoto!

Ma sí yo también pero.... ¿nos va a demorar mucho?. Porque si no, lo hacemos a la vuelta, total el cerro no se va a correr.Y es muy grande para llegar a la punta. Dijo José, buscando una salida y retomando el rumbo a la escuela.

¡Qué demora, ni demora! Si es cosa de ver un poquito arriba nomás ...!y ya está! De última, si se hace tarde, nos hacemos los descompuestos y nos mandan a la casa. - ¿Qué argumento, no? Lucas había dejado a José sin fundamento y a este no le quedó otra que volver a la fila. Ya lista la tropa, se sacaron los guardapolvos, los metieron en las maletas con los útiles, y siguieron a Santiago aunque todavía ninguno sabía muy bien a donde.

Caminar rodeando el cerro se hacía muy extenso. Era una cantera de cemento que máquinas y obreros cavaron demasiado, por fuera. Cuando Santiago cruzó el mallado, todo se pusieron nerviosos ya que si bien la actividad empezaba después de las 9, alguien los podía ver.

Yaaaaaaaaa, pues crucen!

Shhhhhhhhhh, era solo rodearlo no? – Pero entre queja y queja siguieron.

Si ahora se les salía el corazón, no se que les quedaba para después.

El silencio aumentaba, y la niebla de la mañana, les cubría los pies. Solo los peñascos que se desprendían, y alguna diuka, efectuaba sonidos. Ya no era momento para acordarse de que la señorita Elena, comenzaba con la lista, o la cara de la mamá en la noticia de la tarde, o la fama por haber descubierto hoy el más grande secreto del pueblo. No habían terminado de fabular escenas, cuando casi sin aliento, se levanto frente a ellos un pequeño balcón natural. Costó llegar, pero parecía mentira... juntos y allá arriba, el pueblo se veía tan chiquito, lleno del color de las casitas. Una visión de juguetes como esas carreteras que hacían adentro de la casa, con la alfombra y los autitos después de tomara la

leche, en esos días de lluvia. De pronto, tocar el cielo y ver el verde entre las calles, las huertas y los cerros les recordó, la importancia de la vida y no importó si la ciudad estaba más lejos que otras. Porque seguramente, otra no se veía así. No caían en su asombro cuando un grupo de cabecitas abajo, los detectaron y comenzaron el furtivo ascenso. Nada peligroso,...solounos 25 obreros, que hoy se les ocurrió llegar más temprano. Y ya los veían subir levantando los picos y gritando con tanta furia, que hizo temblar el suelo y desprender las rocas. Entonces...

Nunca se vio decisión tan bien tomada, y en medio de un: ahhhh!!!!, treparon cerro arriba mientras veían subir los cazadores.

Este es el momento, ayúdeme - dijo Santiago, quitando unas rocas y otras matas que formaban un túmulo.

¡Esto es más pesado que chancha en brazos! ¡Nos van a hacer puré! Gritó Lucas que jamás se lo vio tan concentrado.

¡Vamos, donde estaba el que se hacía el mareado!

Desmayado. Y si me hubieran escuchado. Ya se, porque no volvemos y le explicamos, que...

Siiiiiiii... después que te rompan el último hueso te van a oír.

Como la discusión los distraía, nadie se detuvo hasta quitar la última roca. Y uno a uno nuevamente al bajar el polvo, quedaron mirando.

¿Y...esto? – preguntaron

Esto era una boca en la tierra, un hoyo que nadie había encontrado o algo así donde podrían esconderse.

Por acá, tírense nomás queVamos!!!!- y sin dudar Santiago se lanzó.

No faltó entonces, quien sugirió: “Las damas primero”. De este modo fue Lucas el primero en inaugurar el hueco con el pequeño empujón que le dio Miranda en respuesta.

Después de ud. Caballero.

José, con última tentativa sugirió:

Si quieren yo les tapo el huec... Pero el unísono del fondo del fondo, apenas le dio tiempo a poner desde adentro algunas matas.

En realidad era una boca de acueducto abierta, que conectaba el mundo con el interior del cerro: dos pasos de roca abajo y luego una bajada como la alfombra mágica del parque. Casi nada, pero....

El ahhhhhhhhhahaaayyyyyyyaaahaahhhhhhhhhhyhaaaa!!!! se perdió en el corazón del cerro. Deben haber llegado hasta el estómago. Quizá en realidad no era un cerro, sino un volcán sin lava, quien sabe. Adentro después de unos minutos, ya no se oyó nada, y un silencio sepulcral, invadió todo.

Paralelamente, en la superficie los obreros miraban a todos lados y aún presos de mucho enojo se dedicaron a limpiar el cerro, por el resto de la mañana, pero ya no sería tan sencillo hallarlos.

Serían las 11 o las 13, sin sol y sin luz los relojes no servían. Con pereza se despertaron y se sentaron en medio de la oscuridad. Sin perder tiempo Santiago,

hurgó entre unas piedras y exclamo: uuhhh. ¡Me pareció que algo se me quedaba!!!

¡Lo siento muchachos, la lámpara se las debo!!

¡Queeee, no tenemos luz! ¿Y cómo sabemos, para dónde vamos?

Nooo. Van a ver que el camino ya está marcado- Y con una sonrisa que todos captaron. Se fueron cantando y palpando esas paredes tibias que latían como los pulmones, iniciaron el reconocimiento de un laberinto que solo ellos habían encontrado. Bueno, quizá no eran los únicos.

Era divertido cantar ahí adentro, el sonido se perdía y regresaba como en un concierto improvisado. Sentir por dentro la roca, les hacía respetar más, esas montañas de las que a veces se quejaron por separarlas de la ciudad. Eso era suyo y de nadie más. Ya habían avanzado bastante y tenían hambre. Se sentaron en una gran antesala y sacando las meriendas, brindaron por el secreto compartido y a contar historias sin a pensar que iba a pasar cuando llegaran a casa. Estaban muy bien, y nadie todavía, se preguntaba como iban a salir. De repente Santiago se levanto y estornudando un poco empezó a meter todo en la mochila de nuevo.

¿Para, Santi que haces?! ¡Recién harán dos horas que llegamos!!!

Sí, mira yo ni siquiera mencioné mi mamá. O la hora de salir

Me parece, que Santiago nos tiene otro secreto.

Sí. Es cierto. Guarden todo porque ahora nos queda lo mejor.

Y sin perder un segundo, ya estaban otra vez todos encaminados.

Sin darse cuenta, volvían poco a poco a verse las caras y los relojes, no era porque estuvieran cerca de la salida, sino porque llegaban al corazón perdido de la montaña. Al alcanzar su destino final...

-Maríiiiia....no me quiero ir de acá. Dijo Miranda con la boca abierta

-Yo tampoco. Reclamó José

-Ni yo, vivamos acá y no estudiemos más.

Chicos, les presento a María, nuestro portal.

Siiiiiiiiiii. El Portal de María. – al unísono.

Alguien los había guiado, alguien los había cuidado y en la cabeza de todos, se oía el mismo nombre. Bajo la piedra al sol, nació una caverna, una enorme cúpula natural de rocas verdes y ocre tan grande como la parroquia, tan tibio como un corazón. Iluminado por pequeños cráteres, hechos con el tiempo y por los que se filtraba el aire, la luz y pequeñas aves que nadie veía. A sus pies, se había formado una pequeña laguna, de agua muy pura como este lugar. Un remanso por el que cruzaron a bordo de un viejo bote, guiados por el único ser que cuidaba de ese templo. Un viejo minero que antes de salir de aquellas canteras, hizo este hallazgo jurando llevarse a la tumba el secreto. Lo había compartido con Santiago, porque sabía que entre todas sus debilidades, lo fortalecía cuidar de los demás. Todo era un sueño de paz. De pronto, al llegar a orilla. Un sonido ensordecedor como una cigarra comenzó a crecer. Y crecer.

Cada vez más cerca. ¡Eran los mineros que desde afuera continuaban con la búsqueda!

Con nostalgia, se miraron y despidieron el lugar. Era preciso, salir antes de que todos entraran. Pero la vía no era tan simple como la llegada. Sobre la pared una trama de raíces y roca, adherida al muro hasta un pequeño conducto muy arriba. Aquí los miedos, se quedaron a dormir. Uno a uno subieron, pese al polvo, la angustia y el tiempo. Pero antes de salir por el conducto final.

-Alto ahí. – se oyó un ronca voz- no,... si yo sabía que de acá no habían salido. Revisen ese conducto y me....

Capataz, me avisan que los saque inmediatamente porque el horno va a respirar. ¿Qué dice?... ¡Estos niños tienen mucho que contar!

¡Señor! son órdenes.

Yo soy la orden.

Como 4 enyesados, se miraron esperando el fin de ese hermoso lugar. Pero como dicen algunos.

Bueno, por hoy pasa, mal pero... Pero un día nos vamos a cruzar.

Fueron las últimas palabras del capataz antes de recibir la noticia de traslado. Esto prueba, dos cosas. Una, que Maria nos hizo más unidos y dos que los milagros... existen.

Claro, que era demasiado con esto como para esperarnos en la casa.

Magali Beatriz Fernández

Argentina

abrilser2003@yahoo.com.ar

Ilustración: Aimelys Quintero Fariñas

9 años

5 to grado

Escuela Tamara Bunke

Matanzas, Cuba

Casa de cultura Rolando Tomas Escardó

leonardo@citricojq.cu

LA ABANDONADA



A veces los niños ayudaban al viejo Tomás a trabajar con los sembrados en el traspatio de la casa. Se sentían orgullosos de ser útiles y casi campesinos. Pero lo que más les gustaba eran los relatos que les hacía. La palabra del anciano hablaba de historias increíbles, y cuando las narraba, ellos podían ver, con la imaginación, gentes y animales y

árboles que nunca habían conocido; el mar tomaba voz y aparecía acompañado de delfines, sirenas, serpientes marinas, ballenas, pulpos, tiburones.

Si del monte se trataba, el cuentero invocaba aves de todo tipo, perros y gatos jíbaros. Aparecían los chichiricús que vivían en el río, el jinete sin cabeza, las luces ambulantes de la noche, el fantasma del monje en medio del camino enarbolando una cruz.

Esta historia les encantaba:

—Siendo yo un vejigo como ustedes, me escapé de casa una noche para coger cocuyos con un pomo. Buscando y buscando, me fui lejos detrás de las lucecitas verdes. Porque, ¿saben?...

Apenas empezaba el relato, los niños veían cómo le temblaban las cejas espesas y el enorme mostacho.

—¿Saben? Para encontrar algo siempre hay un mensajero que guía. Y el mío fue un cocuyo, con una luz grande como la de los focos de los carros. Je, me dije. ¡Este lo alcanzo yo! Y corría detrás de cada árbol, y entre la bejuquera por donde revoloteaba la luz, sin darme cuenta de que me alejaba del caserío, que eso era el pueblo entonces. Y me iba internando en el monte cada vez más y más.

Al contar, el anciano bajaba la voz y las alzaba de momento; a veces, susurraba. Se sentaba o se ponía de pie y se quedaba callado mirando al vacío, para enseguida seguir:

—Entonces, de repente, la luz salió al medio del camino, como esperándome. Me quedé más tieso que el tronco de una palma, mirando pa allá. Entonces, ¡plum” ¡Debajo de la luz, alumbrada por ella, apareció la mujer más hermosa que yo había visto en la vida! Y me dijo: “¡Ven! ¡Ven! ¿Quieres casarte conmigo?”.

Al llegar a ese punto, hacía un largo silencio y nos miraba, ya uno, ya al otro, como esperando una reacción de su público. Hasta que volvía a hablar:

—Entonces — continuaba él—, recordé un cuento que hacía mi madre, el de La Abandonada. La historia de una muchacha a la que el novio dejó plantada ante

el altar. Ella se enfermó de tristeza y un día entró al río y se ahogó por propia decisión.

Y los hombres que andaban por el campo de noche comenzaron a decir que ella salía a los caminos a proponerle matrimonio a aquellos que el cocuyo gigante le llevaba al medio del monte, porque el bicho de luz era su mensajero. ¡Ay, del que se dejaba engatusar! Porque si respondía que sí, ¡allí mismito se quedaba muerto! Por eso al oír su proposición, viré en redondo, y corrí y corrí de regreso al pueblo. Y nunca más he seguido la luz de un cocuyo.

A los niños se les erizaba la piel cada vez que oían ese relato, un susto que les encantaba. Por eso, La abandonada era el cuento preferido de ellos.

(Fragmento de una novela en elaboración)

Los Dos caballitos de juguete



Esta historia sucede en uno de esos cuartos que algunas casas tienen, donde se guardan los trastes viejos. Y en ella se habla de dos caballitos de juguete que fueron a parar allí porque estaban feos y rotos.

Uno se llama Centella y es de yeso, de color blanco y negro. Tiene los ojos grandes y tristes y al pobre le faltan las orejas y el rabo. El otro se llama Lucero y es de madera, delgadito y rosado, le pintaron los ojos como de chino y la boca abierta. Así que este buen caballito siempre se está riendo, aunque le falta una pata, y eso es en verdad lo peor que le puede pasar a un caballo.

Centella y Lucero viven en este cuarto donde hay muebles rotos y polvo y telarañas. Por las noches, aprovechando que la gente de la casa duerme, ellos se ponen a conversar. Y hablan y hablan de los viejos tiempos, de cuando eran nuevecitos y los niños se montaban en ellos para jugar al vaquero o al soldado o al indio, y les decían: ¡Arre, Centella! ¡Arre, Lucero!

Y hablan de Tenito y Pedro, que ya son grandes y nunca más les han vuelto a llevar trozos de azúcar. ¡Oh, cómo han crecido los niños! ¡Qué fuertes y grandes son ahora!

Esta noche los dos amigos han hablado más que nunca. Tanto han hablado, que la mañana les ha entrado por la ventana y ni cuenta se han dado.

—¡Oh! —suspira Centella—. ¡Qué felices fuimos! Ya nunca volverá a ser así.

—No —le responde Lucero, poniendo los ojos más chiquitos todavía y riéndose con dulzura. Yo sé que un día nos sacarán de este cuarto y nos arreglarán y nos pondrán monturas nuevas. Yo volveré a tener mi pata y tú el rabo y las orejas.

—¡Siempre me respondes lo mismo! —rezongó el otro, con los ojos más tristes que nunca—. Pasa el tiempo y pasa y nadie viene a buscarnos.

—¡Ya verás, ya verás!—responde Lucero. Te lo repito todas las noches. Un día nos sacarán de aquí y tendremos otros dueños y nuevos nombres, volveremos a trotar por los caminos y...

Pero Lucero no puede terminar de hablar porque en eso se abre la puerta y se oyen voces y risas. Son dos niños que entran saltando y buscando con qué jugar, y es así cómo descubren a los dos juguetes olvidados.

—¡Quiero este caballo para mí! —dice uno montándose en centella.

—¡Y yo este! Lo llamaré Huracán.

—Y yo al mío Risueño. ¡Uy, habrá que llevarlos a arreglar! —dice el otro.

—Sí, pero mientras, podemos jugar un poco con ellos. Tú serás el bandido y yo el bueno—dice el niño más decidido y se trepa a su potro— ¡Arre, caballo, arre!

Y ya están los dos caballitos corriendo por el campo de nuevo, enredados en una nueva aventura. Les da el aire y el sol y se meten entre montañas.

Lucero mira a Centella y se ríe, se ríe...

Magaly Sánchez Ochoa.

CUBA(Año 1969.Publicado en el Semanario “Pionero”)

deyma@cubarte.cult.cu

Ilustradores: Samuel Felipe, 9 años

Daniela Santos, 6 años

Escuela primaria Tomás Romay, Cuba

ideas@jovenclub.cu

VIDAS ENTRELAZADAS



Así era ella: le gustaba trepar a los árboles, hacer equilibrio por unas maderitas puestas sobre los charcos y enchastrarse toda, pero toda, con las tortas de merengue que hacía su abuela.

Así era él: le gustaba leer, pero no leer historietas de Superman, de Batman o de guerra; le gustaba leer libros tranquilos, largos como novelas y de amor.

Los dos fueron creciendo. Ella ya tenía treinta años y le gustaba leer libros tranquilos, largos como novelas y de amor. El también creció y llegó a los treinta y nueve, y le gustaba trepar a los árboles, hacer equilibrio por unas maderitas puestas sobre charcos y enchastrarse con las tortas de merengue. Un día ella iba caminando, con la nariz pegada a una página de su libro, y se chocó con él, que venía con la nariz llena de barro porque había hecho equilibrio y se había caído. El se enamoró enseguida y ella, después de unos días, también. Se casaron y él le hizo recordar todas las cosas que ella había hecho de chiquita; y ella también le hizo acordar de un montón de libros que él había leído de chico y ya había olvidado. Poco después tuvieron hijos, que trepaban a los árboles, hacían equilibrio sobre los charcos, se enchastraban toda la cara con las tortas que hacía su abuela, y a la noche, cuando volvían cansadísimos, les decían: “Mamá, papá, ¿nos cuentan un cuento?” y los papás les contaban un cuento que decía: “Así era ella, le gustaba trepar a los árboles, hacer equilibrio por unas maderitas puestas sobre los charcos y enchastrarse toda, pero toda, con las tortas de merengue que hacía su abuela. ¡Ah! Y también, le gustaba leer”.

Malena Valdez Ganapol

Escribió Este Cuento A Los 8 Años

Argentina

marcelaaganapol@sinectis.com.ar

Ilustración: Carlos Eduardo Delgado Gutiérrez

Diseñador Grafico y Fotógrafo

México

Carlos.Delgado@inegi.gob.mx

Un regalo para Tino

(Otra historia del *Unenlagia comahuensis* *)



Hace mucho, muchísimo tiempo, cuando los dinosaurios eran reyes y señores de esta Tierra y los continentes que hoy conocemos aún no se habían separado, nació en la región del Neuquén, en la Patagonia Argentina, un pequeño predador llamado Tino.

Desde el día en que logró romper el cascarón del huevo que lo contenía y vio el cielo y las nubes sobre el cuenco de su nido, más que

nada en la vida Tino quería volar.

De los 20 hermanitos que sobrevivieron, él era el único que causaba verdaderos dolores de cabeza a su mamá. Los otros obedecían sus órdenes y seguían sus consejos, pero no Tino.

Mami, mami, yo quiero volar, sé buena, enséñame. Yo te prometo portarme bien y no enfadarte más...-le rogaba con su mejor cara de mártir en el olvidado idioma de los dinosaurios.

Y la pobre madre, 30 veces más grande que él, una y otra vez le repetía que era un dinosaurio, que los dinosaurios no volaban. Y que además era un predador, que debía cazar otros seres para vivir y que no podía pasarse la vida saltando de un lado al otro, o tomando carrera para terminar una y otra vez en el suelo, con toda la trompa lastimada.

- Hijo, no tienes alas para volar. Tus patas y tu cola son muy largas, y tus brazos muy cortos. Tus garras te afirman a la tierra porque fuiste hecho para correr.

Tienes que aceptarlo o morirás de hambre, o comido por un “Diente largo”.

Pero Tino no les temía y nada de lo que decían su madre, primero, y sus hermanos y amigos, más tarde, podía hacerlo cambiar de opinión.

Cada día, cuando el gran disco dorado asomaba alto en el cielo, el pequeño dinosaurio lo intentaba, una vez más. Tras pasar horas junto al río, tumbado observando cómo los pterodáctilos hacían acrobacias sobre su cabeza, los imitaba aleteando frenéticamente con sus bracitos y tomaba carrera a toda velocidad, para lograr el suficiente impulso que lo elevara hacia ellos. Pero no lograba otra cosa que precipitarse de bruces sobre las matas de helechos o, en los días menos afortunados, contra el tronco de alguna araucaria que se cruzaba en su camino.

Con el paso de los años se convirtió en un fuerte y hermoso ejemplar de su especie; su curvilíneo y grácil cuerpo se vistió de vivos colores y bajo sus brazos, apenas un poco más largos que antaño, colgaban cartílagos de apariencia no definida. Podían ser plumas, podían ser pelos. Pero de cualquier manera seguía sin poder volar.

Su fama de “dino medio loco” se había extendido por toda la región y cada volador, cada herbívoro, cada tortuga y cada cocodrilo festejaban divertidos el último porrazo de Tino.

Vivió muchos años –todos los que un dinosaurio de su especie podía vivir- y jamás se rindió, aunque en el fondo de su corazón lo admitiera: los dinosaurios, su madre había tenido razón, no podían volar.

Siguió lastimándose el morro contra el piso o contra los árboles, en su loca carrera por alcanzar los cielos. Y muchas veces, también, se había enredado la cola entre las patas y había terminado de bruces en el lecho del río.

Y una mañana de verano, siendo muy, muy viejito, despertó e intentó levantarse, como siempre, para iniciar su rutina. Pero el cuerpo no le respondió. Sus cansados huesos habían dicho basta y hasta los pterodáctilos dejaron sus acrobacias para reunirse a su alrededor, en su afán por alcanzarle el sueño de toda su vida.

Tino lo intentó un par de veces más, sin éxito. Y por primera vez en su vida aulló, como lo hacían los dinosaurios heridos de muerte. Su tiempo había cesado, lo comprendió al comparar su situación con la de otros dinosaurios que también, en el transcurso de su vida, había visto caer para no volver a levantarse.

Entre las nubes, allá arriba, una presencia que los dinosaurios no podrían haber comprendido lo había observado todo, desde el día de su nacimiento. Y bajó hasta el anciano en la forma de una bellísima criatura luminosa y alada que no se parecía a nada visto en la Tierra por aquel entonces.

- Todos aquellos que perseveran tienen su recompensa. Y hoy es el día en que recibirás tu regalo- le dijo, en un idioma que ninguna criatura sobre el planeta hubiera podido entender.

- Vamos, Tino, vuela, hermoso, ¿no es esto lo que tanto buscaste?- le dijo en el tosco lenguaje de las bestias prehistóricas- Mira tus alas, mira tus plumas... ¡vamos, vuela!...

Y batió sus blancas alas alejándose, en una franca invitación.

Casi sin darse cuenta Tino, el ave, se elevó junto a la criatura hacia las alturas y, al mirar hacia abajo por última vez, aún pudo divisar la bandada de pterodáctilos que rodeaban a un dinosaurio muerto.

(*)*Unenlagia comahuensis*: *Unenlagia* significa en mapuche (lengua indígena argentina) “mitad ave”; la especie *comahuensis* tiene que ver con la región del Noroeste patagónico donde fue hallado, el Comahue. Se cree que vivió hace 90 millones de años, en el último período de vida de los dinosaurios, el Cretácico. Con 2,30 metros de la cabeza a la cola, era un terópodo carnívoro, un cazador. Al correr batía con fuerza sus brazos, y dicen los paleontólogos que es probable que tuviera plumas. Es la especie más parecida a las aves que se ha encontrado hasta el momento, aunque definitivamente no podía volar.

Shifra, la oveja que jamás volvió a perderse

Shifra, la oveja más vieja y respetada del rebaño, bajó del cerro pasito a paso, para alegría de sus hermanas que la esperaban. Se había marchado sola días atrás, a pastar a la cima, pero ya todos estaban acostumbrados a sus paseos y ni siquiera el pastor la detenía. Porque sabía que ella siempre hallaría la manera de regresar.

- ¡Ahí viene, ahí viene!- balaron las ovejas más jóvenes al verla bajar hacia el prado. Esta vez, una hermosa jovencita de blanca lana y ojos vivaces las acompañaba.

- Ella es de quien te hablamos, Nahima- dijeron las más sabias a la recién llegada- Ella conoce el secreto que hace mejor oveja a una oveja, y mejor humano a un ser humano.

La joven la observó acercarse, con curiosidad. Shifra, que en hebreo significa hermosa, hacía poco honor a su nombre, la verdad.

Por empezar era negra, y todos saben que los pastores no les guardan mucha estima porque no pueden vender su lana. Renga de una pata, para colmo, con una oreja sola y media pelada sobre el lomo, parecía estar muy lejos de ser una profeta entre los de su especie.

Y sin embargo todas las honraban, como si de verdad lo fuera.

- No la juzgues sin conocerla –le advirtió a Nahima un níveo cordero- Sólo espera a escuchar su historia, y entonces comprenderás.

Pero no lograba entender absolutamente nada. Y más confusa se sintió cuando vio la manera presurosa en la que el pastor corrió a su encuentro para tomarla entre sus brazos y llevarla hacia el rebaño, con sumo respeto.

- La cuidan como si fuera algo especial- pensó para sí- Pero...¿qué tiene de especial?...Es apenas una vieja negra, renga y enclenque...

El cordero volvió a interrumpir sus cavilaciones. – Jamás se pierde. Es más, con ella a nuestro lado no necesitamos perro, y en muchas noches oscuras guió al pastor de vuelta a casa...

“Imposible”, siguió negándose, terca, Nahima.

Las ovejas corrieron a saludarla. Shifra baló amorosamente, apoyando su patita sana en el lomo de cada una.

El pastor retomó su siesta apoyado bajo la sombra de un hermoso árbol, mascando una hojita.

-¿Cómo han estado mis hermanitas?- saludó la vieja, con voz cascada- ¿Hallaron ricos pastos que comer, les gusta esta pradera?. ¿Cómo están los bebés?.

- Todas estamos bien, abuela Shifra –aseguraron- Queríamos presentarte a esta jovencita que el pastor compró ayer, a un mercader del sur, cerca de Samaria. Se llama Nahima y es bastante porfiada...

La vieja la miró con mucha curiosidad y también con un claro y sincero afecto. Movi6 la cabeza en se6al de saludo, pero no habl6.

- Dicen tus hermanas que tienes una maravillosa historia que contar, que conoces el secreto capaz de hacer mejor oveja a las ovejas, y mejor hombre a los hombres. Que eres la m6s vieja y sabia de todas las ovejas de Israel y que nunca te pierdes, por eso te adentras sola en los cerros y montes...-la desafi6, insolente, la jovencita samaritana.

La viejecita ri6, divertida. Porque s6, por si no lo sab6an las ovejas r6en, aunque la mayor6a de las personas piensen que son animales bobos.

- Caray, 6eso dicen, chicas?...Bah, exageran, me quieren mucho y agrandan la cuesti6n, nada m6s...

- Entonces, 6es mentira lo que me dijeron?

- No, yo no he dicho semejante cosa...6De verdad quieres conocer este viejo relato?. Porque s6lo si tus intenciones son sinceras har6s que funcione tambi6n en ti.

- ¡S6, s6, claro que quiero!- se apur6 a contestar, entusiasm6d6sima.

Shifra suspir6. Aunque hab6a pasado mucho, much6simo tiempo –ella era muy joven cuando sucedi6- se emocionaba mucho al contarlo, y siempre lloraba.

Pero sab6a que era su deber hacerlo cada vez que se lo ped6an, as6 como era el derecho de los dem6s que se los contara.

- Hace mucho, mucho, much6simo tiempo –comenz6- este reba6o era guiado por el padre del pastor que te compr6 a ti. Nos cuidaba bien, nos alimentaba y esquilaba. Pero aunque nunca me falt6 agua ni esquila en verano, yo siempre supe que no me quer6a, porque no era una oveja 6til. Soy negra y mi lana no puede ser vendida. Soy renga y me retraso, no puedo seguir la marcha de mis hermanas, me duelen las patas si lo intento...As6 ha sido, siempre, por eso el pastor no me quer6a.

Hizo una pausa, tom6 un sorbo de agua del bebedero y prosigui6.

- Un d6a Isa6as, el pastor, enferm6 y su primo se ofreci6 gustoso a reemplazarlo. Nunca lo hab6amos visto antes porque no viv6a aqu6; 6l viajaba de un lado a otro seguido por un mont6n de amigos. Pero ese d6a estaba de visita. Lo vimos aparecer por la casa y nos sorprendi6 su hermosura. No pudimos evitar adorarlo con s6lo mirarlo. T6 sabes que los animales, a diferencia de los hombres, tenemos un talento especial para presentir el amor. Y este joven tan, tan bello era puro amor. Nunca supe por qu6, pero ese d6a yo me adentr6 cada vez m6s en el monte, como respondiendo a un llamado. No me di cuenta de que estaba perdida hasta que la noche lleg6 y ya no pude volver. Gritaba pero s6lo los animales acud6an en mi ayuda, y no parec6an poder hacer mucho.

Una vez m6s detuvo su relato y suspir6, estremecida de ternura por el recuerdo.

- El pastor me hubiera abandonado a mi suerte, lo s6. Y no porque fuera malo, sino porque ten6a todo un reba6o al que cuidar y yo era s6lo una oveja negra que nunca podr6a reportarle ganancias. Pero este joven no lo hizo. No dud6 en abandonar a mis hermanas para buscarme en el monte, hasta bien entrada la

noche. Llegó hasta mí preguntándole a las ardillas, a los pájaros, a los zorros. Todos los animales le entendían y se arremolinaban a su alrededor, extasiados de amor a sus pies. Y cuando me vio acurrucada bajo un árbol, temblando de miedo y de frío, me abrazó con fuerza y, levantándose entre sus brazos, me acunó. “¿Has visto, mi pequeña?”, me dijo, “El amor mueve todas las montañas”... Me habló todo el camino hasta que encontramos el rebaño, que dormía plácidamente esperando nuestro regreso... Y eso es todo lo que puedo decirte, querida Nahima, lo demás tendrás que buscarlo en tu propio corazón... - Abuela, ¿puedo, yo también, llamarte así?- la ovejita joven estaba al borde de las lágrimas y la anciana sonrió, para luego asentir -¿Quién era? Y Shifra, que era realmente una criatura hermosa, ahora lloraba sin culpas. Porque sí, las ovejas también pueden llorar por amor, por si ustedes no lo sabían.

- Ah, sí, claro... Se llamaba Jesús, y los hombres no le comprendieron –suspiró- Lo clavarón a una cruz y murió aquí, en Jerusalén. Pero es nuestro deber no olvidarlo, y nuestro derecho recordarlo por siempre. Aunque seamos ovejas, hermanitas. Porque Él nos enseñó que cada ser sobre esta tierra es importante.

El honor más grande



El viejo siempre nos habló de Morlan. Desde que éramos pequeños nos había contado la leyenda que, según decía, había sido relatada en su familia durante generaciones, muy lejos de aquí. El anciano aseguraba que Morlan, el Mesías, vendría para llevarnos a un mundo puro y tranquilo, sin rejas, más allá del gran globo blanco sobre el cielo.

Í...Pero, claro, claro que muchos no le creían...!. Y yo era uno de ellos, debo admitir.

El viejo Chamán había nacido en prisión. Y su padre, y también su abuelo. Y al igual que él, yo nunca conocí el mundo que se extendía detrás del gran paredón. Los recién llegados contaban maravillas: hablaban de ciudades enormes, donde miles de hombres corrían de un lado al otro, como perdidos. Hablaban de campos verdes, y de montañas...y del mar, 'ese infinito tazón de agua'...

Pero para nosotros, los internos, esos relatos significaban experiencias intangibles y muy difíciles de imaginar.

...Y el viejo se sentaba en medio de nosotros, noche a noche, a contar su historia, deteniéndose de cuando en cuando a observar el inmenso globo blanco, allá arriba, con sus ojos brillantes y nostálgicos, como si el cielo oscuro albergara hermosos secretos inalcanzables para nosotros.

El decía que Morlan, nuestro salvador, era grande y fuerte. Mestizo oscuro y lánguido, idealista y romántico.

Su leyenda cuenta que desde tiempos inmemoriales, cuando las ciudades aún no habían sido construídas, él fue el primero en seguir los caminos del hombre y convertirse en su amigo.

Gracias a Morlan, los perros supimos cual era nuestra misión y la aceptamos con gusto y amor, más allá de que el ser humano no nos correspondiera muchas veces de la misma manera.

Nadie sabe en realidad cuánto tiempo vivió sobre la Tierra, o por qué razón jamás murió. La cuestión es que, impotente y triste, con el correr de los años Morlan observó cómo el hombre lastimaba al perro en nombre de la ciencia, la religión o la sociedad.

Y entonces el Mesías prometió salvar una y otra vez a todos sus hermanos que viven en prisión, a aquellos que el hombre tortura de una u otra manera, y a todos aquellos que vagan por las calles enfermos y hambrientos, sin conocer la dicha del amor humano.

Prometió volver, decía, para llevarnos a un mundo más puro y más limpio, en otro lugar del Universo.

No sé yo cómo obtuvo su inmortalidad y creo que no me corresponde saberlo, ni tampoco a ustedes. Hay misterios en la vida que necesitan seguir siéndolo para sobrevivir. El hombre le llama el milagro de la fe.

De cualquier modo yo no creí una sola de sus palabras, pobre viejo, pero sí lo respetaba mucho. El era el recluso más antiguo de toda la prisión y el padre de muchos de nuestros compañeros. ¿Yo? No, no tuve esa suerte. Mi madre me contó que mi padre fue un doberman de raza pura con el que ella se encontró una sola vez en las calles, poco antes de ser capturada. “Ese desgraciado vanidoso”, lo llamaba. Yo nunca lo conocí y, por ende, siempre consideré a Chamán como el padre que nunca tuve.

Pero el viejo ya había perdido todo poder de convicción en sus discursos; los más jóvenes nunca lo habían escuchado, mientras que nosotros lo hacíamos un poco por respeto y un poco por compasión.

Hasta que una noche, nos convocó a todos a la última y más importante reunión, porque sabía que se estaba muriendo.

Con muy pocas fuerzas ya, pero resaltando cada palabra, nos aseguró que Morlan “llegaría muy pronto” y que tendríamos que prepararnos para ese día, “siguiendo con el ritual tradicional”.

¡...Por supuesto que no teníamos idea de lo que hablaba...!

El anciano pasó la noche ladrando, enseñándonos. Nos asignó distintas tareas y ubicación a cada uno y se durmió plácidamente, para ya no volver a despertar. A mí me honró con la misión de recibirlo. “Es el honor más grande...”, había dicho, ceremonioso.

Así y todo, nadie estaba realmente esperanzado ni verdaderamente convencido de la existencia de este salvador, fuera de la profusa imaginación de un perro

viejo, así que no le dimos mayor importancia al asunto y seguimos con nuestras vidas.

Hasta que un anochecer, todo cambió

El final del día nos encontró tumbados en el pedregullo, amodorrados por el ocio y sin ganas de probar la apestosa pasta que los humanos nos daban para comer.

El pareció salir de la nada, silencioso y etéreo. Caminó hacia nosotros resuelto, con ese purrote erguido y esa mirada tierna, zigzagueando entre las casillas.

Era grande, mucho más que cualquier perro que hasta entonces yo había visto. Tenía el cuerpo cubierto por una larga y profusa melena negra que brillaba hermosamente a la luz del ocaso.

Y sus ojos...esos ojos...del color del agua de lluvia, inmensos y brillantes, más azules que ese mar del que tanto hablaban los perros que venían de afuera... Se detuvo ante nosotros y todos lo supimos, sin comentarlo: el viejo Chamán no había mentido y ante nosotros Morlan, el Mesías de todos los perros, había venido para cumplir su promesa una vez más y llevarnos con él a un lugar mejor.

Posó su mirada en cada uno de los miembros del grupo, sin apuro, deteniéndose arbitrariamente en algunos más que en otros, quien sabe por qué...Y estuvo así un buen rato, hasta que nos mostró sus largos y afilados dientes.

Nosotros tardamos un momento en comprender que se reía. El salvador se reía a carcajadas de nuestras caras aterrorizadas, nuestras orejas gachas y los rabos que con pavor escondíamos entre nuestras patas.

Los más pequeños, en cambio, no le temían. Por el contrario, no dudaron en abandonar a sus madres, lloriqueando de júbilo, para ir a jugar felices entre los mechones de pelo que colgaban de sus patas. Morlan volvió a sonreír y repartió lengüetazos a todos y, empujándolos suavemente con su hocico, los invitó a volver junto a sus mamás.

...Y luego se acercó a mí. No gruñó, no habló, ni siquiera emitió un ladrido. Su “voz” emanaba desde sus ojos hacia mi corazón y en un torrente de ternura lo comprendí. Junto a él, yo era quien debía guiar a estos perros, mi pueblo, hacia la libertad.

“El honor más grande...”, había dicho el viejo, y no podía haber estado más acertado.

Morlan se impacientó: la hora había llegado.

Casi no nos dimos cuenta: nada nos dolió. Sencillamente una sensación muy extraña se apoderó de nosotros y pudimos ver nuestros cuerpos desde arriba, tendidos en el suelo, inmóviles. Muertos.

Y Morlan, el Mesías, nos guió.

Yo corría por los aires, a su diestra, orgulloso e inmensamente feliz.

Un poco más atrás, la jauría aullaba de júbilo.

Muchos de nosotros pudimos ver por primera vez los mares, las montañas, y esos campos verdes de los que tanto hablaban los recién llegados, en nuestro

viaje hacia las estrellas. Y llegamos, por fin, al nuevo mundo, más allá de todas las dimensiones conocidas.

Encontramos campos verdes, montañas y mares, embellecidos por un cálido y exótico sol color escarlata que hermoseaba paisajes y criaturas. Y en ese lugar no existían ciudades, ni hombres, ni laboratorios ni prisiones.

Morlan, entonces, nos guió hacia la Gran Guarida, en donde todas las razas caninas imaginables retozaban tranquilas y en armonía, junto a sus cachorros. La vida era simple y cálida, seguramente como en aquellos tiempos en los que nuestro Mesías decidió, respondiendo a un mandato ancestral e ineludible, acompañar la vida del hombre para siempre.

El fue quien años después me bautizó Roca, y quien me aseguró que el viejo Chamán había sido su profeta en la Tierra un tiempo, un hermano que también visitó la Gran Guarida. Mi predecesor.

¿...Por qué no creen...? Él vendrá, como lo ha hecho infinidad de veces.

Aparecerá de la nada, enorme y oscuro. Se reirá de sus caras aterrorizadas y todos los cachorros correrán a su encuentro con alegría. Por eso estoy aquí, para avisarles, deben creer, deben decidir... Yo ya estoy viejo y ya es hora de volver. Cherokee, ven, siéntate a mi lado. Eres mi sucesor. Guiarás al pueblo, junto a Morlan, hacia la libertad.

Eres el próximo profeta, Cherokee...El honor más grande...

Mara Carrillo

Tres Arroyos

Argentina

ketzail@hotmail.com

Ilustración: Juan Carlos Martínez Nava

México D.F.

jeancarleon@yahoo.fr

EL SOL LOS QUIERE VER JUGAR



El sol se despertó muy temprano, se lavó la cara y los dientes. Luego peinó todos sus rayitos y se tomó un desayuno muy sabroso. Contento se dispuso a partir porque lo que más le gusta es ver a los nenes, jugando felices, en las plazas y jardines, amparados por el calorcito que les regala. Pero no bien abrió la puerta, unos nubarrones prepotentes lo empujaron haciéndolo caer. Aunque algo asustado

se puso de pie, volvió a acomodar sus rayitos y salió nuevamente. Espió hacia un lado, hacia el otro y a pesar que el nubarrón estaba alejado, corriendo intentó que no lo atrapara, pero dos nubes oscuras le hicieron frente y no le quedó otra posibilidad más que volver.

Muy afligido, pensaba y pensaba como podría burlar a tantas nubes.

Ya sé como engañarlas – se dijo.

Sacó de su armario una sombrilla grande, de muchos colores.

Me esconderé bajo la sombrilla y no me verán escapar – se convenció.

Agilmente y agazapado, creyó pasar inadvertido, pero tan hermoso colorido llamó inmediatamente la atención de las nubes, que lo rodearon impidiéndole continuar camino.

Regresó abatido pero no vencido.

Revolviendo entre sus cosas, encontró el traje de payaso.

Con esta peluca azul, esta narizota roja y este sombrero verde, no me reconocerán - afirmó.

Dio algunos pasos disimulando su temblor, cuando una nube traviesa, de un certero manotazo le robó el sombrero y la peluca.

Al quedar al descubierto, retrocedió ruborizado y se refugió otra vez en su hogar.

Desde la ventana observaba a las nubes, que muy inquietas se movían constantemente.

Quizás si cierro las ventanas y la puerta, crean que ya desistí y logre que se vayan- meditó no muy tranquilo.

Con paciencia, luchando por no desesperarse esperó un largo rato, pero las nubes no dejaban de divertirse persiguiéndose unas a otras.

Indignado, tenía que hacer un gran esfuerzo por no llorar.

De pronto recordó a su gran amigo, el viento, con el cual muchas veces jugaba a las escondidas.

No dudaba que él cooperaría para encontrar la solución.

Lo llamó a los gritos y este acudió preocupado ante la angustia de su compañero.

- No te aflijas, yo te ayudaré. Dame solo algunos minutos y las echaré a todas- aseguró el viento.

Aspiró tanto aire, que sus cachetes parecían dos globos a punto de estallar.

Sopló tan fuerte, que enseguida las nubes desaparecieron y el cielo recobró su color celeste.

El sol abrazó y agradeció al viento, tan valioso favor.

Después se alejó silbando una linda melodía, prometiendo volver más tarde, para compartir la merienda.

Con una sonrisa, el sol comprobó como los niños dejaban de lado sus paraguas y se disponían a disfrutar de ese día tan soleado.

EL HIJO DEL PRESIDENTE



¿El hijo del presidente?- pregunta el gordo – ¿acá en nuestro barrio?... no les creo.

Se mudaron en pleno invierno, a la casa nueva. Los chicos de la cuadra, se entretenían ese día mirando como descargaban el camión de la mudanza, bajo la dirección severa de una mucama, con mandil y cofia

Me parece que los nuevos, deben ser

unos estirados insoportables – comenta la flaca.

Ni una bicicleta bajaron – reflexiona el gordo.

Tanto tiempo esperamos para que terminen la casa... tener amigos nuevos... y justo tienen que venir estos – protesta el tanito. Se imaginan lo que debe ser vivir en esa casa, tiene pileta en el jardín del fondo, garaje propio, muebles nuevos, cuadros modernos...

Ya sabemos que es una casa de película, pero mi vieja dice que no todos los que tienen plata, son felices – asegura Ana.

Miren, miren... ahí llegan y que auto...

Se estaciona frente a la casa y al primer toque de bocina, la eficiente mucama, corre para abrir el portón de reluciente madera barnizada.

Se iluminan las caritas de los chicos, al divisar en el asiento de atrás, un niño que los mira con una mezcla de envidia y tristeza.

No creo que ese se junte con nosotros – anuncia el gallego.

Esperen, no nos vayamos, a lo mejor sale a presentarse... y hasta trae una pelota – sugiere entusiasmado, el petiso.

Impaciente, el grupo se queda esperando inútilmente, hasta que ante el llamado de las respectivas madres, no queda nadie.

Solo entonces, la cortina de una habitación se corre dejando ver los ojos llenos de lágrimas, del hijo del presidente.

Al día siguiente, los chicos intrigados se preguntan: ¿a qué colegio irá?, ¿no puede ser que no tenga una bici?, ¿Y si vamos y tocamos timbre?

Que si, que no, que nos van a sacar a patadas y no se atreven, más cuando ven a un médico ingresar a la casa.

Transcurren algunos días, sale el auto y el vecinito nuevo sentado muy serio, no se vuelve para mirar a los otros chicos.

Bueno... debe ser un engrupido, un nene de mamá – dice enojado el tanito.

El día que lo encuentre solo, le voy a dar un par de trompadas a ese – sentenció el gordo.

Siempre a lo bruto... ¿qué sabemos? Quizás él no tiene la culpa y son los padres que no lo dejan juntarse con nosotros – le contesta Ana – lo mejor que podemos hacer es no preocuparnos más... hagamos de cuenta que la casa está vacía y olvidemos a los pitucos.

Pero a pesar del pacto, cada vez que podían, miraban de reojo la ventana del reciente vecino.

Festejaban el cumpleaños del gordo, desarrollándose tranquilamente la fiestita, hasta que llegó el padre con el regalo: una pelota de fútbol

El gordo feliz, propone jugar en la calle.

Formados los equipos, el gordo, con toda su fuerza patea y... Ruido de vidrios rompiéndose y el grito de una mujer.

Todos miran asustados hacia la ventana y quedan inmóviles, al ver que el hijo del presidente les sonrío a pesar de que por su frente, corre un hilo de sangre.

Los sacude de pronto, la voz amenazante del presidente.

Los chicos apenas pueden balbucear disculpas: que fue sin querer, que nadie lo quiere lastimar, que no lo hicieron a propósito

Y a continuación, la madre suplicando: por favor hijo... pueden lastimarte nuevamente.

Allí lo ven. Por primera vez tan de cerca, sentado en una silla de ruedas, con su rostro pálido y los ojos tristes de siempre, sin atreverse a hablar.

Los chicos, muy despacio fueron acercándose, hasta quedar frente a él.

Dominando la tensión, fue Ana la que los presentó. Este es el tanito, esta es la flaca, él es el petiso, él es el gallego, yo me llamo Ana y este es el gordo.

Créeme... no te quise lastimar, perdóname... ¿te duele?

No, si no es nada... tu pelota es fenomenal... lastima que yo... Sin terminar la frase, baja la cabeza intentando esconder su pena.

Sin saber que decir, los chicos buscan con la mirada la ayuda de los padres que contemplan la escena, a un costado, notoriamente conmovidos.

Pero nada dicen, solo se sorprenden cuando su hijo pregunta:-¿quieren ser mis amigos?... yo soy el paralítico.

El silencio fue total. Los chicos no salían de su asombro y no atinaban a nada. Ana extendió su mano derecha, tomó la del niño enfermo, unió su mano izquierda con la de la flaca, que a su vez, aferró la del petiso... y así sucesivamente hasta quedar todo el grupo hermanado: cuerpo y corazón. Fue entonces cuando el padre, avergonzado y emocionado, acariciando la cabeza del gordo, les dijo: - Perdón... es la mejor lección que recibí en mi vida... Gracias y que Dios los bendiga.

María Álvarez

Argentina

alvarezmaco@yahoo.com.ar

maco@cpsnet.com.ar

Ilustración: (El sol los quiere ver jugar)

Amanda Álvarez Santana, 5 años

Taller de Artes Plásticas: "CORAZON"

Asesora: Zomnia Miranda

nolberto@uermp.cu

(El hijo del presidente)

Ray Respall Rojas

17 años

Academia de Artes Plásticas San Alejandro

Cuba

Por el camino



Los ojos de Abel brillaron de alegría al divisar el auto de su hijo a la sombra de los árboles que rodeaban la casa.

-¡Vamos, compañero! – dijo a su Tostado; le dio riendas y hundió los talones impacientes en los costados del animal.

Cruzó la tranquera y recorrió al galope el camino de entrada al campo. Sofrenó el caballo junto a la

casa y desmontó ágilmente; le quitó el freno, le dio una palmada afectuosa y lo dejó en libertad.

- ¡Hola, abuelo! ¿Viste que vinimos? Papi tenía mucho trabajo pero yo quería verte y lo convencí.

- ¡Hola, mi muchachito! ¡Cómo creciste en estos días!

- Ya casi te llego al cinto, así que vas a tener que enseñarme a andar en el Tostado.

Abel levantó a su nieto en el aire, lo soltó, lo recibió nuevamente en sus brazos y lo apretó contra su pecho. El nieto reía feliz, absolutamente confiado en ese abuelo todopoderoso que era el gigante de su infancia.

- Ya es tarde, Ignacio. Además todavía no estuve con tu papá y tu mamá, pero te prometo que la próxima vez que vengas te voy a llevar conmigo a caballo.

Abel hablaba con cariño pero también con firmeza, y el pequeño sabía que era inútil insistir.

Pasaron unas semanas hasta que el nieto volvió al campo. Papá le había dicho que el abuelo había tenido una caída y estaba enyesado; pero Ignacio no sabía lo que era estar enyesado. Cuando vio el pie y parte de la pierna de Abel envueltos en una tira de tela blanca y dura, lo primero que se le ocurrió fue hacerle cosquillas en el dedo gordo que asomaba por el borde recortado de la venda.

Abel rió, aparentando despreocupación y guió la manita del nieto para que escribiera su nombre y dibujara sobre el yeso. La temida pregunta no se hizo esperar:

- ¿Ahora me vas a llevar en el Tostado?

Los mayores explicaron a Ignacio que por un tiempo el abuelo tendría que dejar la pierna en reposo. Abel, mientras el nieto seguía rayando el yeso, comenzó a sacar imaginarias pelusas de su pantalón: quería ocultar sus ojos. Recordaba su infancia y su juventud, cuando montado en pelo sobre los más bravos redomones, se internaba en los montes y luego volvía con

rasguños, pero feliz por haber triunfado en la aventura. Su padre, parco para hablar, dejaba translucir en su mirada el orgullo que sentía por las hazañas del hijo menor ... y éste, ahora, había decidido que nunca más volvería a montar. Una fractura de tobillo a su edad –Abel andaba por los sesenta- hacía recapacitar sobre muchas cosas. ¿Para qué exponerse, si el auto era tan práctico?

Su físico, de por sí privilegiado y permanentemente entrenado en trabajos y deportes se recuperó muy bien de su lesión. Pero por primera vez, Abel sentía miedo.

- No, Ignacio, hoy no nos conviene salir, me parece que viene tormenta.

- Querido, hoy no podrá ser. Estoy esperando a un amigo.

- El vecino me pidió el Tostado porque su yegua está enferma.

Excusas, excusas, excusas ...pero, ¿cómo decir a su nieto que sentía miedo?

Unas semanas después, la misma pregunta:

- Abuelo, ¿me vas a llevar a caballo?

Esta vez había más duda que ilusión en la voz del pequeño. Su mirada, habitualmente alegre y límpida tenía en el fondo una nubecita de tristeza. Abel tendió su mano al nieto.

-Vamos a buscar al Tostado y te voy a mostrar cómo se lo prepara. Y después ¡a pasear!

La risa de sorpresa y alegría terminó con las últimas vacilaciones de Abel. Tomados de la mano, el abuelo a paso largo y lento y el chiquilín brincando y corriendo, llegaron hasta donde estaba el caballo. Abel lo palmeó; el Tostado pareció comprender porque ni siquiera intentó abultar su vientre cuando el amo le ajustó la cincha.

Abel tomó con firmeza las crines y montó limpiamente de un salto, con una energía que creía perdida. Hizo subir al nieto a un banquito, lo levantó por las axilas y lo ubicó entre su cuerpo y la cruz del animal.

Respondiendo a las riendas, el Tostado comenzó a pisar suavemente por el camino hacia la tranquera. Abel se sintió inundado de calidez y ternura. El sol de la tarde entibiaba su espalda, y la espalda del nieto entibiaba su pecho. Se inclinó hacia adelante para apoyar el mentón en la cabeza del niño, y luego algo más hasta alcanzar con sus labios el huequito de la nuca, donde un pequeño mechón húmedo formaba un nido para el beso que depositó en él, mientras aspiraba el aroma de la transpiración fresca de su nieto.

Ignacio estaba excitado y radiante; se sentía al mismo tiempo intrépido expedicionario y pichón dulcemente protegido en ese refugio móvil hecho a su medida: adelante, el cuello y la cabeza del caballo; atrás y a los costados, el pecho, los muslos y los brazos fuertes del abuelo.

El paisaje era bucólicamente perfecto: las *holando* pastaban plácidas en el potrero de la derecha (¡Ignacio nunca había visto a las vacas desde

arriba!); la alfalfa a la izquierda, florecida; el aire transparente lleno de abejas rumorosas, que iban y venían entre la alfombra azulada y las colmenas que estaban a espaldas de los jinetes, cerca del río. Abel explicaba con sencillez las maravillas que iban encontrando. Habló de la miel, del nido de barro del hornero, de los animalitos que habitaban en los troncos huecos de los viejos paraísos...

La sombra del abuelo, alto y gallardo, se proyectaba señera por sobre el nieto y lo precedía.

Al llegar a la tranquera, Abel indicó al Tostado que doblara hacia la derecha. El camino rural estaba liso y prácticamente desierto. Abel hizo que Ignacio tomara las riendas. Ahora, sobre el suelo, se distinguían las sombras de los dos: Ignacio al frente y Abel custodiando la retaguardia. Esa primera cabalgata con su abuelo quedó marcada para siempre en el chiquillo. Tendría que pasar mucho tiempo para que comprendiera por qué Abel, al bajarlo del caballo, lo había abrazado con tanta fuerza y, con un tono desacostumbrado, como de igual a igual, le había dicho, emocionadamente,
-Gracias.

María Amelia Schaller

Argentina

masch@arnet.com.ar

Ilustración: Rubén Daniel Prieto Martínez

11 años

6to grado

Escuela "Eduardo García Delgado"

anamary@cfq.copextel.com.cu

Juntando huesitos



Una vez, yo tuve una perrita que se llamaba Wendy. Ella se pasaba el tiempo durmiendo en su cuchita de madera pintada de color gris y sobre un pulóver viejo que hacía de almohadón. Un día decidió salir a buscar muchos huesos, para comer. Como tenía mucha hambre empezó a traer huesitos a su cuchita. Y así, estuvo mucho tiempo trayendo y trayendo muchos huesitos con un camión chiquito. Hasta que un día se dio cuenta de que los huesitos ocupaban mucho la cucha. Entonces, la Wendy comenzó a dormir afuera, bajo la luna y las estrellas.

Conseguí una tortuga



Hacia fines del año pasado, papá y yo hicimos un cajoncito de madera con muchos clavos y un martillo. Porque me trajeron una tortuga, chiquitita y mimosa. Cuando en agosto llegó el frío, la tortuga Violeta, se puso a dormir todo el tiempo. A veces, con mamá, le ponemos zapallitos, lechuga y manzanitas. Pero no la veo comer, porque está invernando. Cuando haga calor, caminará por el patio y se esconderá entre las plantas de mamá y las macetas de muchos colores.

María Ángeles Astorga

7 años

Escuela N° 83 “Juan Arzeno”, Rosario, Argentina.

raulastorga@hotmail.com

Ilustración: Sarah Graziella Respall

5 años, preescolar

Cuba

FLORES PARA EL SOL

Cuento basado en una leyenda Muisca



Muy temprano en la mañana, Acatí salió corriendo del bohío para saludar a Sué. Así llamaba al sol, que ya se levantaba luego de una noche de lluvia torrencial. El dueño del día alargó los brazos de luz para envolverla, y se entretuvo un rato entre su pelo negro, porque le encantaba caer por esas trenzas, amarradas con ribetes de colores diferentes.

-¡Buenos días Sué!- le gritó Acatí con alegría. - Anoche, en medio del diluvio, mi padre me habló del hombre que camina sobre el arco de colores, y yo quisiera conocerlo. Según me dijo, es un anciano de barba blanca y larga que lleva un báculo en la mano, para romper con él las rocas que taponan el paso del agua, cuando ella se represa en el valle. Tu sabes que la lluvia interminable ha inundado nuestro territorio, destruyendo la cosecha que debíamos recoger para comer. A lo mejor, si el anciano apareciera yo podría pintarle el infortunio, pero no tengo idea en donde hallar al arco iris. ¿Puedes tú ayudarme?

Sué respondió con un guiño sin hablar una palabra, y la niña se sintió un poco contrariada. Tal vez el sol se encontraba ocupado en el momento, pero ella creía que nunca hacía nada fuera de alumbrar desde el alba, hasta cuando las aves le informaban que era hora de dormir. De cualquier manera Acatí era amiga de Sué. Con sus rayos abrigaba el cuerpo, cuando el clima enfriaba la montaña que rodeaba su bohío. Por otra parte, si él brillaba en la cúpula del cielo, ella podía divertirse al revolver entre el rastrojo, para pillar todo un repertorio de animales y de plantas, que huían como por encanto cuando Sué vestía la ropa negra de acostarse. Cómo no amarlo, si era él quien primero aparecía cuando el miedo de la noche la inquietaba. Los fantasmas y los monstruos de la oscuridad, corrían cada vez que Sué prendía su gigante antorcha, y Acatí podía olvidarse de ellos durante el día entero.

-Oye amigo, ¿puedes tú ayudarme a encontrar el arco iris?- volvió a preguntar la niña, pero en vista de que Sué continuaba aún callado, ella levantó los ojos hacia el cielo con el anhelo de encontrarlo, pero él se había esfumado tras una nube negra, grande, enorme, que también tapaba al infinito azul.

Acatí se sintió abandonada y afligida. Comenzó a caminar sin rumbo fijo al tiempo que chapoteaba, con sus pies desnudos, en los charcos dejados por el diluvio de la noche anterior. Sin quererlo llegó a la orilla de la quebrada, que bajaba furibunda desde el pico de la loma, y caía en cascada hasta el fondo del

profundo valle. Desde ese punto elevado pudo contemplar la tremenda inundación, en donde antes maduraba fornido el plantío de maíz.

En la mente comenzó a contar los granos de cereal restantes del hogar, que si mal no recordaba no alcanzaban a llenar ni siquiera una canasta. ¿Qué comerían cuando ellos se acabaran? Ya no habría arepas, bollos, mazamorra, ni mazorca tierna asada. El cauce del río estaba tan revuelto que los peces se ocultaban de la red, y los animales en el monte se protegían de la lluvia entre sus cuevas, a donde era complicado llegar para cazarlos.

Imaginó, muy preocupada, que a lo mejor tendrían que marchar a otra aldea para poder sobrevivir, pero ella no quería abandonar los rincones de su infancia. Era allí en donde había conocido a Sué, y no estaba segura de poder encontrarlo en otra parte, como ahora no sabía en dónde hallar el arco de colores. ¿Qué pasaría con el monstruo de la noche, si su amigo no llegaba a liberarla? No entendía cómo podría volver a esculcar cada rincón del monte, si la antorcha de Sué no alcanzaba a iluminar.

Una fatiga repentina se apoderó del cuerpo menudo de la niña, y la obligó a sentarse en una roca al borde de la quebrada. Metió los pies entre la corriente con temor al frío, pero pronto la sintió como una mano que en lugar de castigar la acariciaba. ¡Estaba helada! Sin lugar a duda, y aún así, era increíble contemplar los remolinos que formaba al chocar contra los flancos de sus piernas.

La velocidad del agua se apoderó por complemento de su pensamiento, le hechizó su corazón, y sin que ella lo notara la durmió. La nube negra, grande, inmensa se dejó caer del cielo en gotas, al principio sin prisa, como sin afán de molestar a nadie, y Acatí estaba tan sumida entre sus sueños que ni siquiera las sintió. El aguacero se hizo cada vez más fuerte, más ruidoso, salpicó por todas partes, todo se inundó, todo sobreaguó, sin dejar para lo seco ni una fisura por invisible que esta fuese.

Acatí aún no despertaba, a pesar de que su manta de algodón parecía una esponja entre las aguas, y de sus trenzas escurría agua como en la cascada. Estaba acucillada con la cabeza entre las piernas, soñaba con maizales repletos de chócolos maduros en el valle seco, y Sué, arriba, en la bóveda del cielo sonriéndole otra vez.

Cuando la última rebanada de nube negra se agotó, la niña advirtió su cuerpo emparamado y despertó. El infinito revelaba de nuevo la brillante manta azul, la cascada rugía alborotadora, y las rocas reflejaban la luz del sol ardiente. -

¿Dónde has estado, compañero? Preguntó Acatí-. ¿Por qué te alejas cuando tanto requiero de tu ayuda? ¡Mira el valle! Ya no aguanta tanta agua, y yo aún no veo el arco en que camina el anciano protector.

Al tiempo que la niña le reñía, Sué se limitó a sonreír. Ella, ya enojada con su amigo, volteó la cara para ocultar una lágrima que le rodaba por la mejilla. De repente, un grito brotó de su garganta al encontrar que justo ahí, en donde la quebrada caía en picada hacia el valle, una banda de colores limpios como el

agua dibujaba un arco enorme sobre el valle, para terminar al otro lado en las montañas.

Acatí no pudo aguantar el llanto que brotó como la lluvia. Era la alegría de encontrar un eco a su clamor. Su adorado amigo en realidad no había fallado, a lo mejor viajó hasta un lejano territorio para encontrar al viejo protector, y por eso, ella creyó que la había abandonado. La vergüenza de la duda no le permitió emitir ni una palabra, pero callada recogió unas flores que enredó entre su pelo, para que Sué las disfrutara como ofrenda.

Aunque nunca pudo ver al caminante portador del báculo, se sintió confiada en que su amigo lo habría enterado del hambre que afrontaban en su pueblo. Desde entonces el tiempo mejoró, las nubes de la lluvia interrumpieron su caída, y Acatí pudo volver a la orilla tranquila de la cascada, para otear desde allí cómo el valle recobraba su verdor. Muy pronto brotarían las cañas del maizal, en donde la inundación había dejado una tierra fértil al cultivo.

Cada día desde entonces Acatí reúne muchas flores, las enreda entre su pelo, y corre hasta a la quebrada para gritarle al sol, -¡Mira compañero, estas flores tan bonitas las recojo para ti!

María Bernal Vélez

Colombia

manenabernal@yahoo.com

Ilustración: Arlette Torres

9 años

Escuela primaria Tomás Romay

Cuba

ideasz@jovenclub.cu

LA CASA ABANDONADA



El presente inagotable de la infancia. Como si el mundo se fuese a acabar de un momento a otro. Como si no hubiera nada mejor que jugar jugar jugar, jugar hasta caer exhaustos. Héroes lampiños con espadas de cartón y purpurina, amas de casa montando sus fogones sobre las piedras, cocinando hierbas y friendo ramitas como si fueran boquerones, vaqueros del Far West a horcadas en escobas, princesas con

diademas hurtadas del cajón de la cómoda de mamá, gritos, risas y alguna batalla campal a pedrada limpia.

Ana observa a los chicos y los envidia. Quiere ser la heroína de sus juegos, la reina del país de la bondad, el hada de Blancanieves y la mamá de los pollitos. Desde muy pequeña su madre le cuenta cuentos que parece no escuchar. Sí escucha, pero su imaginación no se conforma con el final del cuento, sino que va más allá. Busca otras posibilidades, otros caminos, otras singladuras, otros países por donde el caballo del príncipe pueda cabalgar.

Hoy, venciendo su timidez, se atreve a acercarse a los chicos:

- _ ¿Puedo jugar con vosotros?
 - _ Ni hablar. Eres una niña. Somos soldados y vamos en busca del enemigo. Esto es cosa de hombres, así que ¡Largo de aquí!
 - _ Mentira. En la guerra también hay mujeres, enfermeras o cocineras.
- El comandante se rasca las orejas y la mira de arriba abajo.
- _ Vale, pero con una condición: que no te asustes.
 - _ No me asustaré. Lo juro.
 - _ Vamos a una casa vacía. Los dueños se fueron. Tenemos que saltar por una ventana. _¿Serás capaz?
 - _ Pues claro.
 - _ Andando, que se hace tarde.

El batallón desfila con aire marcial, el comandante en cabeza y el último recluta, Ana, a la cola. Todos llevan reglamentariamente al hombro un palo o una rama de árbol, menos la niña. En esos momentos no se le ocurre pensar en lo que horas más tarde va a echar de menos aquel fusil.

La casa se encuentra al borde de un bosquecillo, en las afueras del pueblo. La rodea un jardín descuidado lleno de matojos y espinos y árboles frondosos que empiezan a perder sus hojas amarillas sobre el suelo de cemento del porche. En la pared se apoya un banco de piedra y azulejos, y por encima del banco, una ventana. Una ventana abierta, una invitación ineludible a entrar, facilona, a la

altura de los niños, sin problemas. Sin problemas desde fuera, porque por dentro hay una altura de casi dos metros, o al menos eso le parece a la chica. Y siente miedo, aunque ya no puede echarse atrás. Los niños saltan al vacío sin dudar un momento. Ya lo han hecho antes, pero Ana se queda en el borde de la ventana.

“¡Cobardica! ¡niña tonta! ¡señoritinga!” le gritan los chicos desde abajo. Ana salta y ellos la recogen al vuelo. Perfecto. Nada de miedo. Más bien desilusión. Una casa grande sin nada extraordinario. No hay muebles, ni cuadros. En el patio trasero sólo han dejado varias latas herrumbrosas y sin fondo ni tapa y en la cocina, la parte de abajo, casi podrida, de una enorme canasta de mimbre. Y mucho polvo. Y ni un solo monstruo...de momento

Cuando el disciplinado ejército se cansa de buscar enemigos en la sombra, cargan sus armas mortíferas, forman una torre de carne infantil bajo la ventana y van saliendo por ella como Pedro sale de su casa. Cuando casi todos están arriba, ayudan a los de abajo elevándolos a fuerza de brazos, hasta no quedar ningún niño, pero sí una niña. Solidaridad machista.

Ana ve marcharse a los chiquillos sin reaccionar y cuando lo hace, monta en cólera, chilla, patalea y luego llora todo lo que puede llorar, con desesperación, rabia y pena. La han dejado sola, los muy canallas. Nadie la ayudó a subir. Sencillamente, pasaron de ella.

Después de llorar y llorar hasta agotar el depósito de lágrimas, piensa: “Tengo que hacer algo. Llorando no voy a conseguir nada”. Empieza por mirar a su alrededor por si ve una silla, algún mueble, algo que le sirva para acortar la distancia del suelo a la ventana, un trecho tan largo como un par de metros para una niña de siete años.

Vuelve a recorrer la casa en semipenumbra. Aun no siente miedo, sólo rabia. Más tarde, cuando las sombras se vayan agrandando, cuando la humedad crezca, cuando los crujidos y roces de patitas ocultas se vuelvan osados, si aun no ha salido de allí, será el momento de sentir pánico, pero, por el momento, sus cinco sentidos se dirigen a encontrar una forma de escapar.

La mesa de cocina. Tonta. No había mesa ¿recuerdas? Muebles de cocina, de ladrillos, con un agujero donde se pone el carbón, encima del poyete, y otro abajo, para soplar y que cuando soplas se te llena la cara de ceniza. Una alacena empotrada en la pared...sin baldas que puedan servirle de escalera. Esa familia se lo ha llevado todo, qué mezquindad, todo, hasta las escupideras. Hasta las escobas.

Busca y rebusca algún cacharro útil, intenta escalar como Spiderman y sólo consigue desollarse las rodillas y las manos. Sueña con volar como Superman o que aparezca allí el Hada Madrina con su varita mágica y la salve y sólo consigue desollarse por dentro. Prueba con las latas, pero las dos que encuentra no tienen altura suficiente, ni siquiera apiladas. Hay una lata grande, oxidada, tan podrida, que cuando se sube a ella de descuajaringa y está a punto de cortarse una pierna.

Mientras, la oscuridad se vuelve más densa. Ya es de noche. No ve nada. Empieza a sentir miedo, casi pánico, pues los cric cric suenan con más fuerza...algo se arrastra por el piso y su corazón empieza a latir más rápido ¡Mamá! ¡Mamaíta! ¡Papá! ¡Sacadme de aquí! Silencio total. Ni un pájaro. Ni los cric cric que se han callado de repente. Le duele la garganta por las lágrimas y el polvo, pero también por la sed que empieza a sentir. Y hambre. Se ha saltado su merienda. Su pan y chocolate. Su lechecita con azúcar y un poquito, muy poquito, de café. El café es una especie de lujo, y más que café, la gente toma cebada con achicoria, incluso los niños. El Colacao llegará más tarde a la clase media.

Se sienta en el suelo, apoyada su espalda en la pared, espatarrada y se acuerda de su abuela y sus consejos: “Respira hondo, respira hondo y reza“. Parece dar resultado, oye. Abre los ojos. La oscuridad sigue allí, un poco menos negra, lo bastante clara para ver las paredes y los rincones, lo bastante siniestra para ver ¿lo que no existe?

Ay, mamaíta mía mía ¿quién será?

Ay, hijita mía mía mía, que no es na.

Que voy por el primer escaloon

Ay, mamaíta...

La antigua cantinela del cuento suena machaconamente en su cabeza, y la del ¿caigo o no caigo? Y cayó una pata ¿Caigo o no caigo? Y cayó un brazo, y la bruja, y la sombra en la pared, y el roce de unos pasos y la sombra del árbol sobre la tapia del patio y y y ...el miedo no se marcha. Permanece allí, en su cabeza, en su garganta y en el temblor de sus manos.

Cuánto lamenta ahora no haber agarrado a tiempo su “fusil”, el palo que le habría servido para ahuyentar monstruos o incluso como pértiga para saltar por la ventana ¿Y la puerta? ¿Por qué no había pensado en la puerta? Si está cerrada la romperá a patadones. La puerta sirve para salir ¿verdad? pues no, porque no hay puerta, sino portón, de madera gruesa, cerrada con llave y aquello no lo rompe un pieccecito de niña, unas sandalias con los dedos fuera, unos deditos que se partirían si fuera tan tonta como para pegar puntapiés. Nada de eso. Ella pega con la planta, con todas sus fuerzas, y la puerta ni se inmuta. Busca a tientas un interruptor, vaya, se han llevado las bombillas o han cortado la electricidad. La puerta del patio está abierta, pero las tapias son altísimas y con bordes llenos de trozos de vidrios incrustados, de puntas amenazantes. Mira al cielo. La Luna, con su carita sonriente, la Luna misteriosa, inexplorada aun, la Luna-mito de los cuentos de su abuela, donde los selenitas viven contentos y felices. Una Luna que esta noche se burla de su miedo, vierte sobre el patio su luz inquietante, se cuela serpenteando por la puerta y se pasea por las estancias impregnándolas de luces y sombras, fantasmas, susurros, movimientos sutiles y miedo, sobre todo miedo.

Y sed, mucha sed. Y hambre.

Pero del grifo del fregadero, ni una gota de agua. Ni del baño. Ni del patio. Agua. Sólo agua. Agua fresquita, dulce !agua! No pide sopa, ni leche, sólo agua, aunque sea de lluvia.

No la beberás maldita,
no la beberás, malvada,
porque no quisiste hacer
lo que la Reina mandaba.

Otra cancioncilla antigua que acrecienta su sed.

Vuelve a sentarse en el suelo. Su mano izquierda roza algo, rasposo y frío. Una cosa cilíndrica... ¿una cuerda? !!!No!!! Una culebra negra horrible, que sale asustada de su mano y se esconde en el patio. Se acuerda de los cuentos de su abuela, en los que el Demonio, apestando a azufre, adquiría la forma de una serpiente, de un cerdo o de una rata. Reza con toda su alma y trata de arrepentirse de sus pecados. A ver ¿Cuántas veces he hecho como que no oía a mamá? ¿Cuándo fue la última vez que le pegué a mi hermano?

“Angel de la Guarda,
Dulce compañía,
no me desampares
ni de noche ni de día...”

Que voy por el tercer escalooooon...

La culebra. No. Culebra no, serpiente. Enorme, apestosa. Se enrosca a su cuello y aprieta, aprieta. Siente cómo se derrama, se licua en un charco, pues la serpiente la estruja como el trapo de fregotear. El charco está caliente. Abre los ojos. Sí. Hay un charco caliente. Se ha orinado. Pero no hay serpiente. Sólo un ratón que la mira curioso. Menos mal. No le gustan los ratones, pero los prefiere a la serpiente, aunque fuera una pesadilla.

Hola, ratoncillo.

El ratón sale despavorido y se mete por un agujero.

La canasta. El fondo de la canasta. Su última esperanza. La pone de canto bajo la ventana. Se santigua, toma carrerilla, y con el impulso de su carrera se apoya sobre el incierto borde del fondo de la canasta...!y funciona! Su cuerpecito pasa catapultado por el marco de la ventana y aterriza en el suelo alfombrado de hojas del porche. Se ha hecho daño en la nariz. Sangra, pero no le importa. Está libre ¡libre! Llega a su casa llorando, riendo y temblando a la vez. Llama. La puerta de su hogar se abre inmediatamente. Padres, hermanos, policías y vecinos inundan el salón. Acude su madre con los brazos abiertos, y cae como fulminada al suelo.

En el quicio de la puerta hace su aparición una enana sucia de barro, tizne, lágrimas, sangre y mocos adornada con hojas secas pegadas al cuerpo.

LA CIUDAD ESCONDIDA



Nunca me creerán, pero insistiré hasta demostrar la verdad, hasta probar con algo tangible que no fue ni una fantasía infantil ni un sueño. Necesito una prueba, una sola prueba para demostrar la existencia de esa ciudad. Ya soy viejo y mis manos tiemblan al escribir esta historia, pero guardo en mi cabeza los recuerdos antiguos con una lucidez, con una claridad tan grande, que en estos momentos me parece estar allí,

donde ocurrieron los hechos.

Un agujero en la roca, un desagüe de cloacas, un dédalo de corredores apestosos, ratas, bichos y oscuridad. Todos llevábamos linternas en nuestras manos y miedo en nuestros cuerpos. Todos, hasta yo, el más bragado y el más valiente. Los demás, los muy caguetas, se rajaron en cuanto vieron la profusa red de cloacas, pero yo seguí, solo, como el gato curioso al que le importa más la novedad que sus siete vidas. Para no perderme, imité a Pulgarcito, pero en lugar de miguitas de pan marqué mi ruta escribiendo con tiza blanca en las paredes.

Al principio únicamente se oía el correr del agua y chillidos de ratas. Al cabo de un tiempo, empecé a escuchar algo distinto, como un murmullo de voces, música y ruidos relacionados con la vida humana. Conforme iba descendiendo por aquella rampa, fui capaz de escuchar los sonidos con mayor claridad; a éstos se le unían otras sensaciones: el aire iba perdiendo su fetidez, la luz de la linterna se desvanecía y poco a poco ocupaba su lugar una tenue lucecilla, e incluso el calor pegajoso y húmedo empezaba a cambiar a un agradable frescor. El túnel por donde caminaba se estaba inundando de luz, y allá, a lo lejos, un semicírculo mucho más iluminado se acercaba a mis ojos. El camino ya no descendía tanto; se iba haciendo llano, limpio e iluminado. Empecé a correr con toda la velocidad que mis jóvenes piernas me permitían y ¡oh! allí brillaba ¿bajo el Sol? la ciudad más hermosa que había visto en mi vida. Avenidas anchas sombreadas por árboles, edificios de cristal, aceras móviles donde la gente viajaba sin prisa, unos de pie y otros sentados...y ni un sólo automóvil. La calle era para las personas, para caminar mientras un viento suave movía las ramas de los árboles.

La gente parecía normal, sin ninguna característica que la distinguiera de los de allá arriba. Ni siquiera me miraron, y tampoco notaron nada raro en mí, un chico de once años apestando a alcantarilla. Me dije: “Si he llegado tan lejos, por qué no investigar un poco más” Y empecé por subir a la acera, pero, aunque iba despacio, tenía miedo a ser arrollado. Una señora, al ver mi indecisión me dijo:

“Nou temas, niño. Alagga tu mano y el andén se detendegá”. Alargué mi mano, y efectivamente, se detuvo. Levanté la mirada para darle las gracias a la señora y entonces vi sus ojos, o mejor dicho, sus pupilas. Eran rojas, de ese color que tienen las pupilas en algunas fotografías hechas con flash. Sin embargo, no me asusté porque la señora sonreía con dulzura.

La acera-vehículo comenzó a moverse con una velocidad regular, sin prisas, suavemente. Cuando algún pasajero, quería bajar, extendía su mano y la acera se detenía. Entre la acera y las puertas de las casas había espacios también para caminar. Yo observaba a los viajeros y pude comprobar que todos tenían pupilas rojas.

Alargué mi mano, detuve la acera andante y salí de estampida, pero nadie me persiguió. Llegué sano y salvo al túnel, seguí corriendo cuesta arriba hasta que el aliento me empezó a fallar. La cuesta se hacía más y más inclinada, más oscura y más apestosa. Mi linterna estaba conmigo, menos mal, y las señales en las paredes, y el agua sucia, y ¡por fin! salí a la superficie, a la luz de Sol que ya se iba marchando. Corrí para mi casa, y antes de que mi madre se diera cuenta, ya me había duchado, peinado y cambiado.

Soslayé preguntas, pasé malas noches, tuve pesadillas y hasta fiebre, pero según el tiempo fue pasando llegué a convencerme de que todo había sido un sueño, que me dormí en uno de los recovecos de las cloacas. A ello contribuyeron otras aventuras, otras circunstancias y otros intereses. Pero no lo olvidé totalmente, pues en algún lugar de mi cerebro permanecía archivada la aventura.

Una noche, mientras soñaba con la pelirrojilla del instituto, una especie de borboteo me despertó. Provenía del cuarto de baño. La taza del inodoro se movía. Me acerqué. Un humo azul salía de allí como un fuego de artificio, como las nubes que flotan en los escenarios cuando ponen una obra de misterio. Me quedé alhelado, y antes de reaccionar, el humo azul se fue por donde había venido, como si un extractor o una aspiradora lo atrajera. Acerqué el oído a la taza. Ya no se oía el glu glu, pero sí un balbuceo. Alguien hablaba allí dentro. No entendía bien las palabras, sólo “...la ciudad...regresa...” Me levanté de puntillas para no despertar a mis padres, me vestí y volví a la entrada de la gruta, rehice el camino, pasé por los mismos lugares, pero esta vez sin miedo, con seguridad en mí mismo. Al trasponer el semicírculo me encontré con la sorpresa de todo un comité de bienvenida. Entonces ya tranquilo, pude contemplar un cambio en el decorado. La luz no era blanca y brillante, sino de un tono entre gris y azulado, como si fuera de noche.

Me explicaron que disponían de técnicas para imitar la luz del día o la semioscuridad de la noche, y hasta una bóveda celeste con estremitas parpadeantes y una Luna desapareciendo por el occidente. Tenían abonos para que los árboles crecieran, las plantas dieran frutos, y fabricaban una carne sintética, pues ellos no mataban animales.

Un señor mayor, un mandamás, me tomó del brazo y me llevó a una plaza donde una enorme nave reposaba en el centro.

_Nou funciona-dijo el hombre.

_¿Es una nave espacial?

_Sí, lo es.

_¿Y por qué no funciona?

_Se acabó el combustible.

_¿Gasolina?

_No, higo-respondió el hombre- el combustible es un meital que non existe aquí en la Tiega. Se llama...bueno, nou tiene tradusión en nengún idioma de la Tiega.

_Entonces ¿no podéis volver?

_No, non podremos guesresar nunca. Por eso hemos creado esta vida bago tiega. Subimos sólo en contadas ocasiones. Aquí tenemos de todo, esepito aigue libre, pego en cambio, vivimos felices, sin contaminsión. El aigue y el agua que fabricamos están limpios. Tenemos escuelas, cines, diversión, de todo, aunque a veces, los más viegos echemos de menos nuestro planeta.

_¿Y no os gustaría vivir arriba, con nosotros?

_Lo hagremos cuando no se asusten de nuestras pupilas rogas que cubrimos con gafas oscuras. Subiguemos cuando las guebas hayan desaparecido, cuando no nos guechasen, cuando el aigue, la tiega y el mag estén limpios y cuando el fuego sólo sirva para calentag.

_¿Y a mí, por qué me habéis llamado?

_Te lo contagié pog el camino.

Mientras caminábamos por las calles vacías de automóviles, me fue contando el secreto guardado hasta hoy. Me acompañó hasta un ascensor cristalizado.

Apoyados en la pared dos asientos con correas nos esperaban. Nos sentamos, abrochamos nuestros cinturones y el ascensor despegó con una sacudida, como un cohete. Las puertas se abrieron al tiempo que un humo azul se expandía por el lugar. Miré hacia arriba. Una escalera metálica, y en lo alto, una rejilla por donde se escapaba el humo azul.

“Sube y cuando llegues aguiba, empuga con fuegsa la trampilla, miga que no venga nadie y entonces cogue, vete a tu casa y acuéstate”, me dijo el hombre mientras sus ojos se teñían de azul, pero como eran rojos, con la mezcla resultaban morados. Empujé la rejilla, me cercioré de que nadie pasaba, ni un coche, y como un fantasma envuelto en una nube azul salí corriendo hasta el portal de mi casa.

Han pasado los años. La vida me ha llevado de aquí para allá, me ha llevado a tantos lugares, que ahora me encuentro demasiado lejos para volver a la ciudad escondida, a la hermosa ciudad donde todo es posible. Estoy demasiado viejo para volver allá, para cruzar los mares, y demasiado viejo también para soportar más años este secreto que me abruma. El secreto morirá conmigo porque las condiciones para revelar el lugar donde se encuentra ese pueblo pacífico, no se han dado aún, desgraciadamente. Sin embargo, quiero gritar al mundo que la

ciudad existe, pero nunca, nunca diré el punto exacto, nunca. Ellos tienen derecho a su intimidad, a la vida que han elegido.

Mi médico, el doctor Underground, viene a visitarme como todas las mañanas, y como todas las mañanas, trae su bata blanca, su fonendoscopio colgado del cuello, su sonrisa y sus gafas oscuras que nunca se quita. Mueve la cabeza de lado a lado, en ese gesto universal de “no hay nada que hacer”. Le digo que necesito ir al servicio y sonrío. Abro la puerta del baño...y allí está, el humo azul que todo lo llena, pero no me importa. Mientras hago mis aguas, de la taza del inodoro sale una música divina. Sonrío. Entra el doctor y se quita las gafas, pero antes, yo ya sabía el color de sus ojos. Con sus fuertes brazos arranca la taza y despegas los azulejos del suelo. Debajo hay un agujero por el que caben dos hombres, uno tras otro, dos hombres que bajan por una escalerilla, entran en un ascensor de cristal que desciende rápidamente, envuelto en una nube de humo azul.

A la mañana siguiente, una enfermera entra en la habitación del anciano. La cama está vacía, y sobre la mesilla de noche hay una carta escrita con los caracteres vacilantes de un octogenario, junto a ella, una piedra negra y brillante que será analizada exhaustivamente, pero nadie podrá decir cuál es su composición.

Ilustraciones: Karen Jiménez

Alejandro Cruz

6 años, 1er grado

Escuela primaria Tomás Romay

ideas@jovenclub.cu

EN EL FONDO DEL MAR



Ana contemplaba con admiración a los nadadores. Le habría gustado nadar como ellos, sin miedo, con velocidad, sin cansancio y sin calambres en los pies. El mar la aterraba y la atraía al mismo tiempo. Su abuela le había contado cientos de historias de barcos naufragados, de delfines salvadores de hombres, de pulpos gigantes que arrastran los barcos hasta el fondo del mar, de cadáveres de monstruos escupidos sobre la arena, de antiguas columnas sumergidas de una antiquísima civilización y de barcos hundidos con sus tesoros.

Una barca se balanceaba muy cerca de la orilla y su baile era una invitación a la aventura, una insinuación para subir y navegar por esos mares de Dios, pero se

le adelantó el dueño, un pescador descalzo con los pantalones arremangados hasta la rodilla. El hombre, en un difícil equilibrio, intentaba hacer arrancar el motor fueraborda y éste se hacía el remolón con gruñidos furiosos.

No lo pensó. Sin que el pescador se percatara de ello, la niña se agarró a la cuerda pendiente de la popa, la oportuna cuerda que estaba esperándola y que decía agárrame. Por fin la barca arrancó dando resoplidos, a dúo con las palabrotas del pescador y con Ana detrás, bien sujeta a la soga.

¡Fantástico! ¡Esto es nadar! Y qué fácil, qué suave, sin esfuerzo, vaya, como un pez.

En el fondo del mar
matarilerilerile,
en el fondo del mar
matarilerilerán.

Ana cantaba alegremente, pues como iba agarrada a la cuerda no tenía que hacer esfuerzo alguno para nadar y ni siquiera el pescador se dio cuenta de que llevaba una rémora.

Volvió la cabeza para decir “¡Papá, mamá, abuela, mirad qué bien lo hago!”. Lo que vio la dejó paralizada: la arena era sólo una línea ocre en la lejanía y la gente sólo eran puntitos multicolores sobre ella. Nadó, sí, nadó como un pez...de plomo, con el susto soltó la cuerda, se hundió en la profundidad azul del mar y el agua intentaba entrar en su nariz para ahogarla.

La superficie del agua iba quedando arriba, más arriba, más arriba, mientras se iban formando círculos concéntricos sobre los que brillaba la luz ya mortecina del Sol mientras sus pies buscaban el fondo que nunca llegaba.

No podía comprender por qué no se había ahogado aún, qué fuerza le hacía mantener la boca cerrada, no respirar, agarrarse a la vida, pero al mismo tiempo el pánico cedía y daba paso a una extraña ensoñación. Allí había belleza, colores, burbujas bailarinas moviéndose al compás de la música, peces de colores observándola con atención, algas semejantes a flecos de mantones de Manila, odaliscas, murmullos y roces sobre su piel.

Ana se dejó ir en aquella lasitud placentera.

Ah, esto debe de ser la muerte. Pues no es tan mala como dicen, pero me da pena de papá y mamá, y de la abuela, y de mis hermanos. Van a llorar por mí y sufrirán mucho. No, no debo morir, tengo que luchar, vivir, nadar hasta la orilla. Un golpe terrible. Oscuridad. Silencio.

Primero fue un débil sonido creciendo en intensidad, después dolor en el pecho, la cara, las rodillas, toses espasmódicas y por último el calor del Sol en su espalda. Sensaciones concretas.

Gritos de voces conocidas. El calor del sol en su espalda.

Una ola caritativa la había arrastrado sobre los guijarros y los restos de caracoles y cristalillos de la arena, le había arrancado el bikini, le había despellejado el cuerpo para luego dejarla en la arena como una barquita varada. Maltrecha, pero viva.

Ilustración: Patricia París Díaz

8 años, 3 grado

Escuela "Sierra Maestra", Santa Fe, Cuba.

carichao@cubarte.cult.cu

VUELVE, ULISES



Veinte años son demasiados, Ulises, y ya no puedo esperar más. El tiempo va marchitando mi juventud y se me va acabando la paciencia. El mar me trae rumores de tus aventuras por esos mares de los dioses y me cuentan que vives, pero no sé cómo ni con quién vives.

El tapiz crece de día y mengua de noche, y se burla de los pretendientes como si fueran el ratón y el gato, el Sol y la Luna o dos niños que juegan al escondite, pero esas lanas multicolores están perdiendo su brillo y tersura, como mi pelo. Así que, vuelve pronto, Ulises, que si no regresas de inmediato, tu casa y tu familia se convertirán en

ruinas.

Penélope teje y desteje para ahuyentar a esos babosos que pretenden quedarse con ella y tus posesiones, pero durante todos estos veinte años, a pesar de ser tan joven, la he defendido con todas mis fuerzas, pues tuve un buen maestro en ti. Yo te veía salir por esas puertas con tu arco y tus flechas y regresar con un venado, un jabalí, o cuando menos, un par de liebres que eran la gloria de tu familia. Al principio se reían de mí, porque me veían pequeño, pero conforme crecía, me fueron respetando más y más, tanto, que los mantuve a raya, hasta ahora.

Telémaco, tu hijo, hace lo que puede. Trabaja, lleva la contabilidad y cuida de su madre, pero no puede con todo. Y ese es el problema: como no regreses pronto, esto no hay quien lo arregle.

Yo estoy muy viejo, demasiado viejo, Ulises, y si no me he muerto ya es porque sé que de un momento a otro aparecerás triunfante para aplastar a tus enemigos, y cuando me veas echado a la puerta de tu casa, moribundo, yo, Argos, tu perro fiel, moriré feliz mientras me rascas la cabeza.

LA SABIDURÍA DEL CÍCLOPE

Un campesino de la antigua Grecia, se acercó un día a la gruta de un cíclope, y dando grandes voces, preguntaba:

-¡Eh! ¡Cíclope! ¡Sal de tu cueva y contesta a mi pregunta!

El cíclope, saliendo de su cueva y tapándose el ojo con una visera de ramas, contestó con voz de trueno:

-Esa pregunta tuya debe de ser muy importante para haber osado despertarme ¿verdad?

-Sí , muy importante: si tuvieras que elegir una sola virtud o don ¿cuál elegirías?

-!Ah, ingenuo y desgraciado mortal. Yo no elegiría ningún ninguna virtud, ninguna gracia, pues las tengo todas y la mejor virtud no la deseo, pues sería una incongruencia.

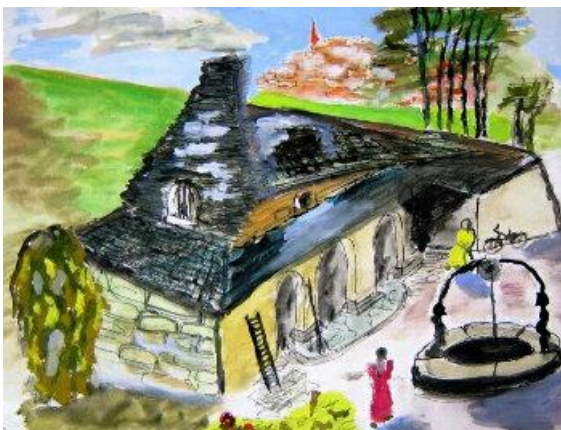
-¿Cuál?, preguntó el aldeano.

-Conformarse con lo que se tiene y no ansiar nada más- y ahora, déjame dormir la siesta, por favor- contestó el gigante mientras su bostezo hacía temblar las montañas.

EL LIBRO ASESINO

La vetusta biblioteca guardaba un misterio la policía era incapaz de averiguar por qué se producían aquellas extrañas muertes siempre ocurría de la misma forma todo el que se atrevía a leer aquel antiguo libro de unas quinientas páginas pasaba por el mismo proceso su rostro se volvía rojo luego amarillo después violáceo y cuando el color se acercaba al negro el lector caía fulminado sobre la mesa no había veneno como en la famosa novela de Umberto Eco un niño dio con la clave el libro no tenía puntos ni comas mataba por asfixia.

LOBITO ROJO Y CAPERUCITA FERROZ



después.

El poblado se extendía sobre un valle muy fértil, con árboles frutales, ganados de ovejas, cabras y gallinas felices retozando al sol. Es decir, todo estaba bien menos el miedo a los lobos que habitaban en las montañas que rodeaban al poblado, y una niña. Sí. Eso dije. Una niña.

Hace muchísimos años, hace tantos años, que los hombres vivían en cuevas, no había tele, ni electricidad, ni ordenadores. Los que se encontraban un poquito más altos en la evolución se agrupaban en poblados, y en uno de esos poblados habitaban varias familias felices, sin más problemas que los causados por las manías de la naturaleza, los lobos y algo más que diré

Cuando el viento del invierno bajaba por las faldas de las montañas con él bajaban los hambrientos lobos, porque en los picachos desapacibles no encontraban caza para alimentarse.

Con el hambre se volvían atrevidos y causaban estragos en los rebaños. Tenían tanta hambre, que no les importaba llenarse el hocico de plumas de gallina.

La otra preocupación era la niña. Una niña linda, pero tan gamberra, traviesa, maleducada, contestona y no sé cuántas cosas más, que nadie quería jugar con ella. Era huérfana y sólo tenía una abuela que fue la única que sobrevivió a los disgustos causados por nuestra protagonista. Nadie la llamaba por su nombre, sino por Caperucita Feroz. Caperucita, porque siempre llevaba un gorro de piel, y feroz, porque era feroz, feroz con los mayores y pequeños, pendenciera, peleona y cruel con los animales.

La manada de lobos se ha reunido. Celebran un acontecimiento especial. Acaba de nacer un lobezno precioso. Tiene el pelaje suave, terso y brillante, de un color rojizo que lo diferencia de los demás lobos, tan rojo como un atardecer en el mar. Papá y mamá han bautizado a su cachorro con el nombre de Auuu Iii, que en idioma de lobos quiere decir Lobito Rojo. Pero, muy pronto, empezaron los problemas: el pequeño no se comportaba como los de su especie, no quería aprender a cazar, jugaba con las flores y perseguía mariposas.

_ Este hijo mío me va a matar a disgustos- decía Mamá Loba aullándole a la Luna, como si tuviera la culpa.

_ Pero, mamá. Es que no me gusta hacer daño a mis amigos- contestaba el lobito con voz aguda.

_ Mira, hijo. Nosotros los lobos matamos para comer, para no morirnos de hambre. Y un lobato fuerte como tú debe acostumbrarse a cazar y para que cuando seas mayor te respete la manada. Te imaginas a un lobo vegetariano? ¡Qué asco!

Lo que más preocupaba a Mamá Loba era la peligrosa costumbre de su cachorro de acercarse demasiado al poblado, y no precisamente para cazar algún ratoncillo- como hacían los demás jóvenes-para ir aprendiendo, sino para algo nunca visto en un lobo: le gustaba observar escondido detrás de unos matorrales como jugaban los niños del poblado. Y viéndolos jugar, sus vivos ojitos rasgados brillaban de ilusión.

_ Lobito Rojo. No te acerques al poblado. Vete a jugar al bosque. No olvides que los hombres son peligrosos.

_ Déjame ir, anda, mamá. Yo sólo quiero ver cómo juegan con una cosa redonda a la que dan patadas y lanzan muy alto.

_ ¡He dicho que no y es que no!

Pasaron los días y el lobatillo procuraba obedecer a su mamá, aunque de mala gana, hasta que una tarde, casi sin darse cuenta, se apartó del bosque, se acercó al poblado y...ocurrió.

_ ¿A dónde vas, lobito, tan solo por estos andurriales?- preguntó Caperucita Feroz con voz meliflua- bueno, meliflua es algo así como suavona pero sin serlo, o sea, de mentira, fingiendo-

_ De paseo, a ver jugar a los cachorros de hombre.

_ Pues vente conmigo, que vamos a jugar.

Y el pobre lobito, que no sabía lo que le esperaba, se fue confiado con la niña, que, efectivamente, lo primero que hizo fue ponerle una soga al cuello y luego, cuando llegó a su casa lo ató a un árbol. Allí empezaron sus torturas. Los días y las noches se sucedieron igual que pasa en la actualidad: unas detrás de otras, pero para nuestro lobito eran siglos, atado al árbol, aullando a las estrellas, llamando a su mamá. Sus aullidos eran tan lastimeros que nadie podía dormir en el poblado y ponían los pelos de punta. Nadie se atrevía a decirle nada a Caperucita, pero todo el mundo estaba harto, no había derecho, aunque fuera un lobo, pero tan pequeño y gracioso que se olvidaban de que era hijo del mayor enemigo del hombre.

La niña apenas daba de comer al lobito y si alguna vez le soltaba la cuerda, era para divertirse de la forma que más humilla a un animal. Le ataba piedras a la cola- entonces no se habían inventado las latas-y cuando Lobito corría despavorido, Caperucita se reía tanto que se le saltaban las lágrimas y se le caía el gorro.

Allá arriba, en lo alto de la montaña, los lobos se desesperaban. Hacían frecuentes visitas al poblado para tratar de rescatar al cautivo. Los hombres del poblado los expulsaban con piedras, palos y flechas. Sin embargo, a los lobos les empujaba ahora algo más fuerte que el hambre. La solidaridad y el cariño. Todos querían a Lobito Rojo, sobre todo Mamá Loba, que aullaba de dolor y rabia.

Hasta que un día, Lobo Jefe mandó un correo a otras manadas de lobos. Todos acudieron a la llamada salvaje y pronto pudo formarse un ejército lobero. Un ejército disciplinado, silencioso, que bajó por las cañadas, bordeó el río, dispuesto a luchar contra el hombre, su extraño enemigo. Esta vez no cazarían animales. Esta vez sus feroces y contenidos gruñidos, sus bocas babeantes y sus larguísimos colmillos daban fe de su espíritu de combate.

Cuando los hombres se dieron cuenta de lo que se les venían encima, sólo tuvieron tiempo de refugiarse en sus cabañas y contemplar el destrozo que causó la enorme jauría, por la furia lobina desatada. Pero Mamá Loba no pensaba en la venganza, sino en rescatar a su pequeño. Buscó por todo el poblado, arrastró el hocico por la tierra buscando su rastro, se desolló las patas tratando de abrir puertas y ventanas...hasta que lo vio. Allí estaba su lobito, atado a un árbol, delgadito, con los pelos revueltos y sucios y las orejas gachas. Cuando madre e hijo se encontraron, sus rabos se movieron como aspas de helicópteros, dieron saltos de alegría, lanzaron grititos – creo que se llaman gañidos-y se lamieron como si fueran dos polos de chocolate.

Pasados los primeros momentos de efusión, Mamá Loba se dio cuenta de que alguien más estaba allí. Una pálida niña con un gorro de piel, recostada sobre un árbol la miraba con ojos espantados, paralizada y muda de terror. No lo pensó un instante. De un salto de atleta se lanzó sobre la niña que cayó desvanecida al suelo al ver los blancos colmillos que mostraba un labio fruncido hacia arriba como en una carcajada siniestra, babeante y furiosa. No la mataré ahora-pensó la loba- y agarrándola por la ropa se la llevó a rastras camino de la montaña, a su guarida, para comérsela con más tranquilidad y saborearla doblemente, por un lado por su carne y por otro por la venganza. Cuando llegaron al bosque, la niña, más bien que volver en sí, volvió en no, pues casi se desmaya de nuevo. Toda la manada se la quería merendar. Gruñidos, babeos, brillo de dientes bajo la Luna...

_ !!!No. No os la comáis, hermanos, que es mi amiguita!!! !Por favor, por favor!- se escuchó el alarido de Lobito Rojo.

Los lobos quedaron estupefactos- que significa algo así como atontados-ya que no esperaban tan extraña reacción. Pero Caperucita no se lo podía creer. Ella que nunca tuvo amigos, héteme aquí-expresión anticuada que quiere decir algo así que, vamos, que si yo hubiera estado allí, me muero del susto-pues héteme aquí, repito, que un animal al que había maltratado, la llamaba amiga.

Los demás Lobos, compadecidos más de Lobito que de la niña, la dejaron en paz y se marcharon a comer bellotas, ya que no había otra cosa. Lobito se abalanzó sobre su amiga y empezó a darle lametones en la cara hasta ponérsela asquerosa de baba. La niña, que en el fondo tenía corazón y sentimientos, se arrepintió de todas sus fechorías y abrazó con gratitud a su amigo. Luego, Lobito, su mamá y sus amigos acompañaron a Caperucita al poblado, y antes de llegar, la niña, reuniéndolos a todos, les dejó:

_ Hermanos lobos. Gracias por haber respetado mi vida. En agradecimiento, haré de embajadora ante mi pueblo y vosotros para que no os persigan más, y a cambio, tenéis que prometerme que no volveréis a atacar nuestros rebaños.

_ Todo eso está muy bien, jovencita- exclamó un lobo canoso- pero cuando falta la caza en el bosque no tenemos más remedio que comer pollos, ya me dirás si no que comemos ¿tomates?

_ Sí comeréis. Claro que comeréis. Les diré a mis paisanos que repartan su comida con vosotros y ya no tendréis necesidad de cazar, a no ser animales dañinos o enfermos, ratas, ratones y cosas así, bueno, más que nada para que no os sintáis desentrenados.

_! Sí ! - contestaron todos a una como en Fuenteovejuna.

Aunque sea difícil creerlo, el pacto entre animales y bestias se cumplió. Siempre reinó la paz en la aldea, que a partir de entonces, se llamó Fuentelobuna. Las consecuencias fueron provechosas para ambas partes. Los lobeznos se hicieron muy amigos de los niños y crecieron a su lado. Tan amigos, que cuando fueron grandes, se hicieron guardianes del poblado, y pobre del animal de cuatro o de dos patas que se atreviera a acercarse por los alrededores.

Algunos lobos, más independientes, se quedaron en el monte y sólo bajaban de vez en cuando, pero otros, se quedaron en el pueblo. Caperucita fue creciendo también y se hizo tan popular y admirada, que la eligieron alcaldesa, o como se llamara entonces, que ni lo sé ni importa. Hizo mucho bien al pueblo y fue una buena jefa, amable y justa con personas y animales. El ejemplo de Fuentelobuna cundió y otros poblados copiaron, pactaron con los lobos y les fue muy bien. La noticia se extendió por el continente y por el mundo como una mancha de aceite !Qué bueno que siempre fuera así! Pero...

Lobito Rojo creció. Se hizo un lobo grande y fuerte, de hermosos y profundos ojos negros y rasgados. Tuvo hijos, nietos, bisnietos, tataranietos, retataranietos, rrrrrrrretataranietos que jugaron con los hijos, nietos, etc etc de Caperuza...y esto dio origen a través de los años a una nueva especie de lobos mansos, defensores de rebaños, fincas, hogares, compañeros, guías de invidentes, compañeros y amigos de los hombre: LOS PERROS.

GUAUUUU... FIN

Ilustraciones: Guy De Boeck

Pintor Y Escritor

BÉLGICA

yigdrya@coditel.net

María del Carmen Guzmán Ortega

España

estaquas@hotmail.com

LA PEQUEÑA LUCECITA



Este cuento que les voy a contar no es cualquier cuento, es un cuento muy especial, porque pasó de verdad; a mí me lo contó mi mamá, a mi mamá se lo contó mi abuela, a mi abuela se lo contó mi bisabuela, a mi bisabuela se lo contó mi tatarabuela, y a mi tatarabuela se lo contó.... ¡uy! No me acuerdo, ¡qué difícil!, bueno no importa mejor comienzo con el cuento ¿te parece?

Había una vez una niña no muy alta, de cabellos no muy largos, de ojos grandes y redondos color café, ella se llamaba Luz, y le decían Lucecita, la pequeña niña vivía en una casita en un pueblo que se encontraba sobre un hermosa valle verde, con lagos, cascadas de agua transparentes, rodeado por altas

montañas nevadas. Todas las mañanas, muy tempranito cuando el sol golpeaba su ventana, Luz se levantaba para saludar a todos los animales del bosque, que quedaba solo a pasitos de su casa.

Al acercarse al gran bosque, ardillas, pajaritos, conejos, ciervos, corrían a su lado para recibir sus caricias, y...justo en ese momento Lucecita escuchó un sonido un poco extraño “prrr...prrr...”, no le dio mucha importancia y siguió jugando con sus amigos los animales del bosque. Cuando ...de nuevo el sonido extraño llegó a sus oídos “prrr...prrr...” fue entonces cuando se quedó quieta, muy quieta, para así descubrir de donde venía ese sonido y... de REPENTE ¡se volvió a escuchar! Lucecita, miró a un lado, miró al otro pero nada descubrió, entonces: “prrr...prrr...” una vez más, entonces esta vez miró a un lado, miró al otro, miró arriba, miró abajo y fue ahí cuando... ¡a que no saben que encontró!! Sentado con carita de triste intentando cantar, vio un pequeño grillo, vestido con su traje de color verde. Luz lo tomó en sus manos con mucho cuidado para no lastimarlo, y ver que le pasaba y se dio cuenta de que el pequeño grillo no podía cantar.

¡Detrás de un árbol se encontraba el LOBO!....pero no, no te asustes, porque este lobo no es malo, como el de todos los cuentos, éste es bueno, muy bueno, re-bueno, siempre ayuda a los animales en peligro; fue así que se acercó a Lucecita a preguntar si quería que la ayudara con el grillito,- “claro- contestó luz muy contenta .

-aunque va a ser un poco difícil ya que para que el grillo pueda cantar debe estar con su mamá- dijo el lobo

_entonces llevémoslo-dijo entusiasmada la pequeña niña

-¡si!- dijo el lobo- pero debemos atravesar el bosque para llegar hasta ese lugar.

-no hay problema igual lo haremos para así poder ayudar al grillo.

Luz puso al grillito en su bolsillo y emprendieron el viaje; el camino no fue fácil, tuvieron que cruzar por el medio del bosque, cruzaron lagos, subieron y bajaron montañas, se cansaron mucho, ¡MUCHÍSIMO! Estaban realmente agotados de tanto caminar; se detuvieron a la orilla de un lago de aguas cristalinas a beber un poco de agua, en ese lugar solo se escuchaba cantar a los pajaritos era un lugar muy cálido, había árboles grandes, pequeños, muchas flores, amarillas, rosadas, mariposas que jugaban entre ellas y ardillas que se escondían entre los árboles.

El lobo miró el pasto se veía bien verde, Luz lo vio bien suave, entonces decidieron acostarse a descansar por un rato y... ¡claro! ¡se quedaron dormidos! Cuando en un momento un agradable sonido llegó a sus oídos y los despertó, con mucha fiaca se sentaron y ¡uy!! Qué problema, se dieron cuenta de que el grillito ya no estaba en su bolsillo durmiendo con ellos. Rápido se pararon buscaron entre los árboles, entre las flores, debajo del pasto, pero nada el grillito no aparecía... cuando ese agradable sonido que los despertó se volvió a escuchar grr....gr... y una vez más grr...grr.. y ésta vez se escuchó más fuerte GRR....GR.!! era el canto de un grillo, pero ¿sería el pequeño grillo? Y justo en ese momento se posó sobre el hombro de la niña el pequeño grillito cantando muy contento y algo le molestaba al lobo en su nariz era un grillo más grande con un hermoso traje verde, ¿sería la mamá del grillito? ¡Y claro!! Por eso cantaban muy contentos los dos.

Y desde ése día el sol ya no es quien despierta a Lucecita todas las mañanas, ahora se despierta con la dulce melodía de los grillitos cantores que cantan junto a su ventana.

Colorín, colorado éste cuento se ha terminado. Salado, salado ¿este cuento te ha gustado?

María Del Carmen Navarro

Santa Cruz Argentina

maricar_navarro03@yahoo.com.ar

Ilustración: Ana Lilian Lobato Rodríguez.

Cuba

Angromeu@Enet.Cu

La niña de los sombreros.



En una casa encantada vivía una encantadora niña llamada Cappelinna. Cappelinna era una niña hermosa, tierna y alegre que le gustaban mucho los sombreros.

Cappelinna soñaba con tener sombreros de todos los estilos y colores y se imaginaba luciéndolos. Sombreros de invierno, de verano, de otoño, de primavera, ¡muchos

sombreros!. Cappelinna viajando en el tren de los sombreros.

Cappelinna dormida. -¡Cappelinna despierta!-. Cappelinna en su andar de mariposa que recorre los jardines del sueño. Y se va de paseo, y se arregla elegante. Cappelinna en la brisa, en el agua, en el tiempo..., se cubre con su manto de sombreros. Se escapa del ruido de la ciudad. Busca la luz de los colores, juega...Cappelinna salta, a veces se cansa, pero poco, muy poco porque Cappelinna es música, y la música no descansa.

Cappelinna se alimenta de sus sueños llenos de sombreros y descubre el infinito. Quiere detener la enorme cantidad de sueños que se alejan. Se precipita en su mar de sombreros, y flota escoltada por una estela de espuma. A veces se sacude el sueño y se lava la carita para luego ponerse un nuevo vestido, un nuevo sombrero; entonces Cappelinna vuela, vuela con nuevas alas.

Alguien le ha dicho que a su colección le falta un sombrero y ella no lo puede creer, y se apura, se apura a encontrarlo. Pero quien le ha dicho tal cosa, le niega la manera de hallarlo.

—No es posible- dice aquella voz que desconoce que para Cappelinna no hay imposibles.

—No es posible- repite, y la niña exige una respuesta, no quiere oír más esa frase tan débil.

—Está en la luna y no puedes ir a buscarlo- Cappelinna ríe con el gesto pícaro de un diablillo.

Cappelinna no ha de dormir hoy en su cama. Cappelinna viaja, viaja en el tiempo. Cappelinna se ha ido a la luna con todos sus sueños..., a buscar el sombrero que le falta.

Boda en el Bosque

Mariposa y Silvestre crecieron amando y conservando la naturaleza. Sus padres los enseñaron desde muy pequeños, que debían respetar las leyes naturales para que la vida en nuestro planeta se prolongara y tuviese mejor calidad.

Mariposa y Silvestre se casaron en el bosque. El Señor Don Golondrino, amigo de los jóvenes y guardián del medio ambiente, leyó en el libro de la Ley, las palabras mágicas que sirvieron para casar a los novios, y para que se respetaran y se amaran siempre, pero para que también respetaran y amaran siempre a la Madre Naturaleza.

A la boda asistieron los animalitos del bosque, las florecillas, y el sol alumbró la radiante mañana mientras la brisa movió las campanillas, para que se completara la armoniosa música de la naturaleza y se esparciera el delicado aroma de bosque, que había sido muy bien cuidado por todos para que nadie prendiese fuego en él; ni matase un animalito; ni talara despiadadamente los árboles, o tomara más frutos de los que verdaderamente necesitasen para comer. Por eso después de la ceremonia pudieron comer frutas silvestres, porque había las suficientes para satisfacer sus necesidades y bebieron el agua del arroyo que como todos habían aprendido a no arrojar desperdicios en ella, se conservaba cristalina, pura y fresca; tan fresca, que no necesitaba de hielo para calmar la sed.

La naturaleza es un tesoro y todos los niños deben amar la naturaleza y conservarla para que todos podamos disfrutar de sus maravillas por siempre. Por eso Mariposa y Silvestre siempre fueron felices porque no solo se amaron y respetaron entre ellos, sino que además, siempre amaron y respetaron a la Madre Naturaleza y cuando fueron naciendo sus pequeños hijitos, a todos los enseñaron de la misma forma que ellos habían vivido y el bosque, agradecido, les ofrece sus mejores regalos naturales.

Maria Eugenia Caseiro.

Serie didáctica: Los cuentos de la tía Mary

buhowriter@hotmail.com

Ilustración: Ray Respall Rojas

17 años

Estudiante de la Academia de Bellas Artes San Alejandro.

MARTINA Y EL DUENDE



Martina acaba de perder su último diente de leche. El diente parecía loco por escapar de su encía, porque se desprendió de un solo tironcito. Ahora lo tenía en su mano.

- Es un diente precioso – le dijo la mamá -, seguro el ratoncito de los dientes te deja un regalo esta noche.

Martina sonrió. Sabía que el ratoncito no existía; había atrapado a sus padres levantando la almohada para tomar el diente anterior y colocar a su lado una muñeca; pero hubiera sido muy triste quitarles la ilusión, sobre todo porque quedaba sólo este diente; por tanto decidió callar...

Pero esta noche, por más que quiso mantenerse despierta para verlos entrar con su regalo, los párpados le pesaron tanto que tuvo que sumergirse en el mundo de los sueños, de donde fue repentinamente expulsada por la algarabía ocasionada por el derrumbe de un castillo de piezas desarmables que había colocado junto a la ventana.

Martina se incorporó y sorprendió a un hombrecito de una cuarta de alto sentado en el suelo, soplándose una rodilla que miraba con preocupación. Estaba tan ocupado en soplarse el rasponazo que no observó a la niña. Cuando vino a comprenderlo, ya estaba en sus manos.

- ¡Oh, no! – exclamó el chiquilín -. Se suponía que esto no sucediera.

- ¡Eres un duende! – se asombró Martina, sujetándolo firmemente -. Esto tampoco se suponía que pasara; en último caso esperaba a un ratón y sé que lo del ratoncito es una fantasía de los padres.

Como el duende seguía haciendo esfuerzos por salir, aflojó un poco las manos y lo llevó hasta su cama.

- No creas que me gusta tener prisioneros, te voy a dejar ir, pero al menos dime quién eres y qué haces aquí.

El duende asintió. Martina abrió las manos y él se deslizó debajo de la almohada, para salir a los pocos segundos con el diente en las manos, mirándolo con admiración.

- Es perfecto, pocas veces se ven dientes de esta calidad. ¡Qué desgracia la mía, perder un diente así! ¡Soy el más desafortunado de los duendes!

- Pues no sé para qué puedas querer mi diente, aunque es cierto que es muy bonito, como me cepillo tres veces al día – respondió ella – Tal vez si me explicaras...

El hombrecillo se sentó en la cama con aire desconsolado.

- Nuestra reina siente pasión por los caramelos, así que se rompe los dientes varias veces a la semana. Tenemos a varios especialistas haciendo constantemente dientes de repuesto; me paso la vida de cuarto en cuarto vigilando a los niños que duermen para llevarme sus dientes y los sustituyo por estos, hechos de plástico – sacó de su bolsillo un diente plástico idéntico al de Martina -. Algunos me han visto, pero corro a esconderme en cualquier agujero, de ahí viene la historia del ratoncito. Hoy – dejó escapar un sollozo - ha sucedido lo que nunca antes, ¡he sido atrapado! Cuando regrese a mi reino seré el hazmerreír de todos.

- Espera, no vayas a llorar – dijo Martina -, puedes llevarte mi diente, será un placer ayudar a tu reina y evitar que hagas el ridículo. Pero por favor, apresúrate y déjame el de repuesto. He pasado la semana diciendo que me encantaría que el ratón me dejara una colección de cuentos clásicos.

- ¿De veras? ¿Me lo regalas?

El duende, olvidando su rodilla maltrecha, se puso a saltar de alegría con el diente en la mano. La niña asintió, tomó el diente plástico, lo colocó bajo su almohada y en ese preciso instante sintió un movimiento en el pomo de la puerta. El duende saltó por la ventana a una velocidad increíble; ella se colocó en posición perfecta de niña dormida y cerró los ojos, justo a tiempo para no ser sorprendida por sus padres.

- Coloca con cuidado los libros, que no se vayan a caer – escuchó la voz de su padre -; hoy el cuarto de nuestra hija está más desordenado que nunca. Los padres se marcharon de puntillas y Martina se quedó en cama, con los ojos cerrados.

No estaba dormida, tampoco había sucumbido al deseo de encender la luz de su mesa de noche y echar una ojeada a los libros, ya habría tiempo para eso mañana. Ahora soñaba despierta...

No todos los días se puede salvar la reputación de un duende y ayudar a una reina comedora de caramelos.

EL DIA QUE NO SALIO EL SOL



Aquella mañana los animalitos diurnos demoraron un poco más en despertarse. Los nocturnos, en cambio, hicieron horas extra esperando a que se marchase la

oscuridad y llegara la luz que anuncia el nuevo día.

Pero pasado un tiempo, comenzó a ser evidente que, por algún motivo, el sol no iba a salir.

El búho voló bien alto para averiguar qué pasaba y regresó con la noticia:

Una nube inmensa, pesada y oscura como humo de chimenea, cubría una gran porción del cielo. El pobre sol había quedado atrapado tras su sombra,

imposibilitado de anunciarse con uno de esos amaneceres coloridos a los que los tenía acostumbrados.

Dudando de las palabras del búho, los trepadores subieron a las copas de los árboles, los voladores se izaron sobre ellas y los corredores buscaron el claro junto al lago.

Era cierto, tan cierto como que ya era de día y aún estaban sumidos en una oscuridad casi completa: el sol estaba prisionero tras un enorme nubarrón. Inmediatamente convocaron una gran asamblea de animales. Los habitantes del bosque marcharon en armonía a sentarse alrededor del sabio lobo blanco, que comenzó diciendo:

- Hermanos, hay que rescatar urgentemente al sol de esta nube que lo tiene preso, debemos encontrar rápidamente una solución. Estamos dispuestos a escuchar sus ideas.

Las mariposas y las aves propusieron alzar su vuelo lo más alto posible. Una vez allí, batir alas con todas sus fuerzas, pues sabido de todos es que el viento empuja a las nubes, llevándoselas a otras regiones y de momento en el bosque no sopla la menor brisa.

Algunos estuvieron de acuerdo y allá volaron en bandadas. Pero por más que lo intentaron, la intrusa no se movió ni un poquito. Los voladores regresaron verdaderamente agotados.

Los animales grandes, entre ellos dos familias de osos, propusieron tirarle piedras a la nube; con esto tal vez la asustarían y lograrán que se marchara para siempre.

Unos pocos estuvieron de acuerdo y comenzó una verdadera andanada de enormes piedrotas a volar por los aires. Pero las piedras bajaron a toda prisa, a caer en la cabeza de los que no corrieron a esconderse bajo los árboles, incapaces de alcanzar mayores alturas.

Las arañas tejedoras propusieron hacer una gran red y atrapar a la nube, para luego tirar de ella y llevarla bien lejos del bosque. Nadie estuvo de acuerdo, sencillamente porque una vez hecha la red no sabrían como hacer caer en ella al nubarrón.

Entonces una ardilla roja, tan pequeñita que nadie le hacía caso, pidió la palabra:

- Ayer estuvieron unos niños bajo mi árbol – dijo –, les escuché decir que las nubes están hechas de gotas de agua, y que si se canta muy alto una canción, se llama a esas gotas para que caigan, convirtiéndose en lluvia. Uno de ellos quería cantar, pero cada vez que lo hacía, los otros gritaban: “¡Cállate, que va a llover!”. No sé si es verdad, pero vale la pena probar.

Todos estuvieron de acuerdo, no se perdía nada con intentarlo...

Cantar una canción no era difícil como cazar la nube en una red, ni fatigoso como abanicarla para que se marchara, ni peligroso como lanzar piedras.

Haciendo un gran coro, los animales comenzaron a cantar a la nube para que se transformara en lluvia y dejara libre al buen sol.

Aullaban los lobos, graznaban los cuervos, trinaban las aves, gruñían melodiosamente los osos, bramaban los ciervos, chillaban las ardillas, chirriaban los grillos...

De pronto, una gota cayó sobre la cabeza de la lechuza, que voló por el bosque gritando:

- ¡Más, más, más!

El canto se elevó. Y en apenas unos minutos a esa gota le siguió otra, y ya no eran diez o cien, sino millones de gotas, mientras la nube se iba desvaneciendo, convirtiéndose en lluvia fresca, dando paso a los primeros rayos de luz.

Cuando de la nube quedaban apenas unas gotitas muy finas, el sol las transformó en un bello arco iris, como si agradeciera a los animalitos su canción.

De este modo, comenzó, si bien un poco tarde, el nuevo día en el bosque.

No sabemos si fue gracias a la canción que la nube se transformó en lluvia, si era sólo un juego de los niños para interrumpir las canciones de su amigo, o un cuento más de los que suelen inventarse las ardillas. Lo cierto es que valió la pena intentarlo.

Marié Rojas

Ilustración: (Martina y el duende) Jordi Guasch

Barcelona, España

spritermes@mixmail.com

(El día que no salió el sol) Ray Respall Rojas

17 años

Estudiante de la Academia de Bellas Artes San Alejandro

PEGASSO

(Un Caballito de Colores)



Hace mucho, pero muchísimo tiempo, había nacido un caballito especial. Era hijo de una potra café y de un caballo negro como la noche oscura. Grande fue la sorpresa de mamá potrita, cuando su bebé-caballo, se puso en pie y se dio cuenta de que su hijito había nacido de colores.

- ¡Santo Dios! ¿Qué dirán los vecinos?

¿Por qué no ha salido negro como su padre o cafecito como yo?

Asustada continuó lamiéndolo, pero, en lugar de volverse negro o café, como debía ser, iban apareciendo los colores más brillantes.

- Noo, noo y no. No puedo aceptar a este potrillo como mi hijo - Añadió el papá.

A mamá potrita, se le salieron las lágrimas al escuchar tan duras palabras y continuó lame que te lame, lame que te lame a su pequeño, con la esperanza de quitarle los colores, pero ¡nada era nada!..

Todos los vecinos comentaban el acontecimiento, conversando de aquí por allá.

-¿Será hijo del Dios de las flores?

-¿Por qué saldría con todos los colores?

-¿Será hijo del arcoiris?

Mientras el niño-caballo, en su inocencia, no se daba cuenta de que era distinto, correteaba por el prado, olisqueaba las verdes-hierbas, intentaba emitir sus primeros relinchitos, pero, cuando ,quería jugar con los demás, ellos, se alejaban dejándolo solitario.

Así pasaron los días, las semanas, los meses.

-¿Por qué no me quieren mamita? ¿Por qué mi papá no quiere pasear conmigo? ¿Por qué los caballitos pequeños como yo, se alejan de mi lado?

-Eso, no es verdad, todos te queremos. Espera un poquito y verás como te llaman a jugar, yo sé, que ese día llegará.

Un día, el caballito se acercó a un arroyo transparente y mientras correteaba, escuchó murmurar a las ranas azules:

-Croac, croac, allí viene el hijo del arcoiris.

-Guaratagtag, Guarac,tactac. Está tomando agua el hijo del arcoiris.

Continuaron croando alborotadas, las ranas azules.

Mientras tomaba unos sorbos de agua, puso atención a la imagen que bailoteaba al vaivén de las diminutas olas, percatándose de que había reflejado un caballito parecido a él.

- ¿Por qué tengo tantos colores? ¿Es acaso verdad lo que repiten las ranas

azules?

Y el arroyo contestó:

-Tienes muchos colores, porque te pareces al arcoiris.

Asustado, más que sorprendido, corrió velozmente donde su mamá y le preguntó:

-Mamita, mamita, ¿por qué tengo tantos colores?

Su madre que era la única que le quería mucho y le escuchaba con atención le respondió:

-Yo no sé. Mi hijito. Pero por allí dicen que en el momento que naciste, te miró con mucho cariño el señor Arcoiris.

II

Una noche de luna en que el camino parecía una cinta de plata, el caballito de este cuento, abandonó su hogar y trota, que trota se internó en el bosque.

Temeroso de las sombras que proyectaban los árboles gigantes y hasta de su propia sombra, comenzó a temblar.

-Pucú, pucuuuuuuuúUUU, puuuUUUUcú. Escuchó cercanamente. ¿Qué será? San Chimpaldolfio de los caballitos, a-a-ay údame.

Acertó a tartamudear parándose las orejas y saliéndose los ojos como platos.

-No, no te asustes caballito. Yo soy el búho y amo la oscuridad. Lo que me extraña es que tú, siendo tan pequeño, camines solito por la noche.

-Es que estoy buscando al señor Arcoiris. Acertó a decir, sobreponiéndose un poco.

-¡OooOOOH! ¡PucuuúOOH! - Dijo el búho sacudiéndose las plumas.-¡El arcoiris es bello y tiene lindos colores! El arcoiris se forma con gotas diminutas de frescura y rayitos de sol entre la neblina y el rocío.

-¿Cómo puedo llegar hasta el arcoiris?

-¡UuuuuuuHhhhhhsh! ¡Está muy lejos! Tienes que llegar a la cumbre más alta del nevado.

- Gracias, señor Búho.

Muy de mañanita, el Caballito de los Mil Colores, se despidió del búho que ya estaba durmiéndose y cogió su camino, preguntando por aquí y preguntando más allá; pasando nuevas aventuras llegó por fin hasta la cumbre del nevado más alto, logrando mirar lleno de asombro y entusiasmo, como el arcoiris, formaba con su cabellera un preciosísimo arco de colores.

-¿Es usted el señor Arcoiris? Preguntó esperanzado.

-¡OooooH! ¡Mi caballito de colores! ¡Ven!, ven que te he buscado por los cuatro puntos de la rosa de los vientos, ¡ven que te he esperado, mucho, muchísimo tiempo!

Y extendiendo sus brazos le colocó sobre sus hombros.

-Señor Arcoiris - Preguntó el caballito- Quiero saber, ¿por qué yo no soy un caballito como los demás?

-Porque tú, eres mi hijo querido. Mi hijo predilecto.

- Pero señor Arcoiris, yo no puedo ser feliz, ¡nadie me quiere allá en la tierra porque soy distinto!

- ¡Tontos, más que tontos! Si eres el caballito más hermoso que ojo humano haya podido ver.

- Puede que usted tenga razón, pero mi mamita llora mucho por eso.

-¿Te hace falta tu mamá?

-¡Siiii, bastante! ¡bastante!

-Está bien, está bien, no sea que tú también te pongas a llorar.

Solo para que puedas ver a tu mamá, te quitaré todo los colores, pero nunca podrás ser como los otros.

-¿Entonces, señor Arcoiris?...

-No puedes ser ni negro, ni café. ¿Entiendes? ¿Quieres ser blanco?

-Si, sii, SIIIIII, blanco, blanco.

- Ahora, duérmete caballito entre mis brazos, descansa, descansa un poco que te veo triste y muy cansado.

Y así, con una bella canción de colores, poco a poquito, arrullado por la voz poderosa, serena y armoniosa del arcoiris, el caballito se durmió.

Cuando el sol hubo salido, el caballito se despertó en las alturas, hermosamente blanco, pero de todas formas diferente. Tenía un par de alas como las aves, las que aletearon vigorosas con el viento.

Y cuenta la leyenda que el Caballito de los mil Colores, se convirtió en Pegasso, para mirar a su mamá desde las alturas.

Marietta Cuesta Rodríguez

Cuenca-Ecuador

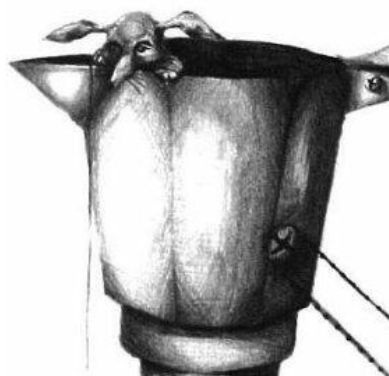
marietta@etapaonline.net.ec

Ilustración: Felipe Alarcón Echenique

Cuba

aechenique2003@yahoo.com

La Cabaña de los Ratones



Nosotros, mis amigos y yo, vivíamos en una cabaña en un lugar donde había colinas y en el invierno hacía frío y había nieve por todos lados. Y vivíamos junto a una familia de ratones que nos hacía compañía y que poco a poco llegamos a quererlos.

La cabaña era de piedra y era grande, con techo de madera y pórtico, con un lugar para sentarse a ver el paisaje por las tardes, cuando terminábamos nuestro trabajo y no hacía frío. Nos gustaba comer chocolate y queso, que traían de un lugar no muy lejos de ahí y que eran traídos por un hombre que conducía una carreta tirada por un solo caballo. Y guardábamos un chocolate para nosotros mismos, para el momento que quisiéramos comerlo. Y a veces quedaba un chocolate en la despensa, a menos que aquellos ratones acabaran con él y entonces había que esperar a que llegara otra dotación.

Cuando todos sabíamos que los ratones andaban por ahí, buscábamos un cubo para atrapar uno y tratar de preguntarle por qué el chocolate les gustaba tanto. Y qué decir de las galletas. Seguíamos las migajas que dejaban mientras comían y caminaban a su madriguera.



A veces seguíamos esos pedacitos de galleta y encontrábamos alguno en otro nivel de la alacena, parado en sus patas traseras, mientras mordisqueaba, sosteniendo el trozo de galleta con sus patas delanteras ágiles, girándola con cada mordisco.

Los ratones sabían que no los molestaríamos, al fin y al cabo eran unos de los únicos visitantes que teníamos. El colmo de las andanzas de los ratones era cuando subían a nuestra ropa acomodada en el ropero y se llevaban algún calcetín o un guante, seguramente para dormir en ellos cuando tenían frío.

Eran tan inquietos y curiosos, tanto que cuando querían subían a la mesa y nos miraban alzando sus naricillas para ver lo que comíamos. Y se quedaban esperando un poco nuestra invitación. De todos modos ellos mismos rodeaban el salero, la jarra de jugo hasta que encontraban un pedazo de pan o unas moras, y se lo llevaban con ellos.

Desde luego que no poníamos ratoneras. Dejamos de ponerlas cuando supusimos que a las ratoneras ya las conocían y sabían cómo quitar el queso sin quedar atrapados. En vez de eso, nos acostumbramos a tenerlos por ahí, olisqueando, caminando por los muebles y las camas, a veces parados en el respaldo del sillón, acompañándonos a leer las noticias que llegaban en las cartas.

Entonces no había doctor por ahí cerca. Si alguien se sentía un poco mal por no usar suéter, entonces debía bajar hasta la villa y pedirle al doctor que lo atendiera. Una vez ocurrió algo que hizo que los ratones logaran nuestra total estima. Sucedió que hubo un invierno verdaderamente frío y la nieve bloqueó todos los caminos. Era imposible ir de la cabaña a la villa, e imposible también llegar a la cabaña de algún otro lugar.

Habíamos guardado algunas cosas para comer y para abrigarnos, así que las usamos y soportamos la tormenta de nieve. Pero también sucedió que uno de nosotros tuvo un mal día y al prepararse un pedazo de pan con un poco de queso, uno de los ratones perdió una piedra brillante y muy bonita que había conseguido, y fue a parar precisamente, nadie sabe cómo, en el almuerzo de nuestro amigo. Sin saber qué iba a pasar, probó el primer bocado y luego el segundo. Tomó un poco de leche para acompañar el emparedado y cuando probó el tercer bocado, de tanto gusto que tenía con comer el emparedado uno de sus dientes dio con la piedrecilla y se quebró.

Nuestro amigo lanzó un chillido tan fuerte que el ratón que había perdido su valioso tesoro fue a enterarse y llegó a la cocina cuando nuestro amigo sacaba la piedra se su boca y la arrojaba hacia el muro. El ratón al fin había encontrado su piedrecilla. Y le dio tanto gusto que cuando nuestro amigo dejó su diente roto junto a su cama, el ratón le llevó una piedra más brillante y más bonita, y la dejó junto al diente.



Al despertar, vimos el diente y la piedra brillante y bonita. Era muy valiosa y nos preguntamos cómo había venido a parar ahí. Hasta que vimos al ratón que llevaba su piedrecilla, caminando por el asiento del sillón, supimos que ellos habían sido quienes habían puesto aquella piedra junto al diente.

Cuando terminó el invierno, seguimos el rastro de migajas y nos encontramos a los ratones como siempre, con un trozo de galleta o sobre el último chocolate de la alacena.

Y les dejamos la pequeña piedra brillante y bonita que habían dejado junto al diente. Uno de ellos, seguramente el que provocó la caída del diente, entró por un agujero y al poco rato salió con otra piedra, más pequeña, pero igual de brillante, que dejó junto al diente.

Desde entonces sabemos que cuando perdemos un diente, encontramos algo lindo y valioso si lo dejamos junto a la cama.

Mario Eduardo Carmona González

México

aquilesnow@yahoo.com.mx

Ilustraciones: Ray Respall Rojas

17 años, Cuba

Me lo contaron un colibrí y una rosa...



Claudia, "la princesa que perdió su sonrisa" vivía en un extremo de la llamada "Ciudad dormida", donde sus habitantes languidecían de tristeza, porque la amiga alegría, huyó de todos los rincones de la ciudad, después que la joven princesa deja de sonreír.

¿Cómo sucedió? Cuando la princesa Claudia cumplió sus quince años, sus padres le prohibieron salir a pasear por

el bosque, correr descalza por la arena; tampoco volvió a escalar la gran montaña azul donde el viejo ermitaño tiene su cabaña y de donde se regresa con los cabellos mojados por un regalo de las nubes. ¡Pobre princesa!

-¡Tengo la solución! ¡Tengo la solución!-dice una pequeñísima ardilla-.

Ha subido por el cuello de la jirafa para dejarse oír:

-¡Queridos amigos, sé de una persona que nos puede ayudar!

-¿Quién es esa persona?-dijeron todos a una voz-.

-Es el príncipe de la Ciudad Fantasía, sólo él tiene el ingenio para devolver la sonrisa a nuestra princesa y la alegría que haga despertar a esta ciudad.

- Pero, ¿cómo vamos a buscarlo?-expresó la liebre-.

-Sí, ¿y cómo el príncipe sabrá de nosotros?-repuso la mariposa-.

-Todo lo tengo muy bien pensado, necesitamos que nuestros amigos de los bosques vecinos nos ayuden, haremos una gran carrera de relevo; la llamaremos: "en favor de la amistad". Entre todos llevaremos el mensaje hasta el príncipe.

-¿Y qué pasará al llegar a los altos cerros?-dijo la vieja lechuza-.

En ese instante se escuchó un gran ruido que despeinó a los árboles; los animalitos se estremecieron: era el viento. Cuando se calmó el gran remolino creado a su alrededor, todos escucharon una voz que solía ser de mil matices y ahora era cálida y suave.

-Yo también los ayudaré, atravesaré los cerros y seré el corredor de la última distancia, la que para ustedes sería muy peligrosa.

-¿Y hablarás con el príncipe?-apuntó el colibrí-.

-¡Claro que lo haré! Quiero volver a oír el canto de la princesa, ese que siempre llevé en mis ondas y en mis giros.

-¡Qué viva el viento! ¡Qué viva la ardilla!-.

Entusiasmados, emprendieron manos a la obra, nadie quería quedarse atrás, los más rápidos y los más lentos; ligeros o pesados organizaron el gran relevo. En pequeñas mochilas llevaban agua y alimentos, ¡qué animosos corrían! y atravesando caminos estrechos, empedrados, subiendo montañas, nadando y hasta a veces dando vueltas -como le ocurrió al erizo- le llegó al viento su turno;

este, en rápida ráfaga, vadeó el peligroso obstáculo de los altos cerros, esos que rompían una y otra vez sus ondas; hasta que finalmente, ante él, la bella Ciudad Fantasía.

Así, tratando de calmar el remolino de hojas que lo perseguía, se inclinó ante el monarca de ojos sonrientes.

-Pues ¿qué te trae con tanta prisa amigo viento?

El viento suspiró antes de contestar, porque, contrario a lo que pudiera pensarse, estaba muy sofocado:

-Querido príncipe, vengo del otro lado del mundo, ayudo a mis amigos de la Ciudad Dormida, ellos languidecen por minutos después que la princesa Claudia dejó de sonreír.

El príncipe frunció el entrecejo al oír la noticia y el viento prosiguió:

-Sólo usted posee el ingenio para salvar a la querida niña y a su ciudad de morir en la tristeza.

- No te preocupes amigo, he oído de la ciudad y su princesa; también sé los prodigios que produce la alegría en el alma, sin ella, hasta el Sol se extinguiría. Partiré de inmediato.

El príncipe dispuso algunos asuntos en el reino, montó en su caballo de crines plateadas y le dijo al oído:

-Vamos, compañero, no tenemos tiempo que perder, sólo haremos algunos altos en el camino.

A la salida de la Ciudad Fantasía vivía el juez gnomo, allí esperaba al príncipe con un hatillo entre los brazos.

-Toma príncipe, esto lo necesitarás.

El príncipe no se sorprendió, el pequeño gnomo todo o sabía, agradeciéndole continuó su marcha.

De todos los bosques acudían amigos; el príncipe hablaba con ellos y luego volvían con cargas casi más pesadas que sus cuerpos. El príncipe detuvo a ratos su marcha para recoger: dos margaritas silvestres, una estrella reluciente, una gota de rocío, una pequeña y perlada concha de mar. A él llegó el sinsonte a entregar su canto, la paloma a ofrecer su vuelo; el lindo amanecer entregó todo su perfume y el arroyuelo cantor entregó su transparencia.

Crecía y crecía cada vez más la gran mochila del príncipe; él gustoso la cargaba y... ¿qué conversa con ese señor de vieja armadura? ¡increíble!, es el singular caballero andante con su fiel escudero, quienes junto a las aventuras de molinos y doncellas también se han acomodado en el gran morral, apretujados entre una lluvia de sueños y el aroma del bosque.

La distancia se acortaba cada vez más, muchas veces las crines plateadas resplandecieron con el Sol y brillaron con la Luna, pero ni el príncipe ni su caballo querían detenerse; hasta que allá en el horizonte se dibujó clara la gran montaña azul, donde el viejo ermitaño tejía las historias bañadas de rocío. Él mismo acomodó algunas cosas en la mochila del joven monarca para salvar la última distancia: la varita mágica y las historias infantiles, que casi se caían;

arregló la nariz del payasito de cuerda y las manecillas del reloj que se habían desajustado con los saltos del camino -estos últimos fueron los obsequios del juez gnomo-.

Al fin llegó el príncipe a las puertas de la Ciudad Dormida. Feliz con su preciosa carga no se detuvo al llegar, siguió cabalgando por el jardín, hasta descubrir a la princesa del rostro más bello y más triste del mundo, entonces le dijo:

-Princesa, te he traído el mejor tesoro, ese que sólo la naturaleza posee, y otros que gustosos quisieron acompañarme porque son pruebas de sabiduría, amor y amistad: los dones más preciados para hacer florecer la alegría y la felicidad eternamente. Yo mismo estoy aquí gracias al esfuerzo de buenos corazones amigos.

Muchos ojitos seguían atentos los acontecimientos detrás de los arbustos del jardín, y poco a poco fueron acercándose hasta llegar junto a los jóvenes. La expresión de la princesa comenzó a animarse y cuando la ardillita y los sinsontes soltaron las cintas que cerraban la mochila, siete colores brillantes surgieron para cubrir en un puente luminoso el bosque de la Ciudad Dormida. Una linda melodía multiplicó el viento; los regalos salieron a buscar un espacio; todo se llenó de historias, sueños, flores, y rocío. La princesa Claudia sonreía, sonreía; las mariposas danzaban en sus cabellos; sus ciudad bailaba. La princesa, feliz, besó al viento para que su agradecimiento llegara a todos los amigos.

Ya nadie duerme. Los dos jóvenes tomados de la mano y seguidos por sus fieles amigos van escalando felices... la montaña azul.

Marlene Álvarez Aróstegui

Cuba

dpadron@estudiantes.uci.cu

wpadron@cimex.com.cu

Ilustración: Dorka Sofia Hollosi.

Hungría

4 años.

«LA REBOLUSIÓN DE LAS PALAVRAS»



¡¡Qué horror!! ¿Quién escribió esto? ¿Cuándo aprenderán a escribir bien? - dijo Carmen muy enojada.

Carmen era la maestra del grado adonde iban Pedrito, y sus compañeros.

- ¡Pobre Señorita Carmen! -pensaba Pedrito, porque la quería mucho, quizás o como a su madre ¿Quién había dicho que la maestra era la segunda madre? No importaba quién. La cosa era que Pedrito la quería mucho y le daba mucha pena hacerla disgustar como los otros chicos. Pero... ¿cómo podía hacer para mejorar? Tenía una pésima ortografía y no encontraba el remedio para esa enfermedad. Además si le preguntaba a los compañeros les pasaba igual.

Pedrito era un chico de diez años a quien no le gustaba mucho la escuela. Ciertamente ¿a quién le gusta la escuela a los diez años? Además, la vida fuera de la escuela ¡era tan hermosa y entretenida! ¿Por qué tenía que perder tantas horas de esa maravillosa vida para ir al colegio?

-Porque debés ir, porque la escuela es obligatoria, porque no quiero que seas un burro -era lo que invariablemente respondía su mamá todas las veces que Pedrito le hacía las consabidas preguntas.

Los otros chicos decían lo mismo.

-A mí tampoco me gusta. ¿Para qué la habrán Inventado? Es tan lindo jugar, saltar, correr, divertirse

Además a Pedrito le gustaba ir a pescar al río, como le había enseñado su papá y darse algún chapuzón en los días calurosos, descubrir lugares nuevos, trepar a los árboles y espiar la vida de los pájaros, observar los animales en el campo y sentir el olor inconfundible de la naturaleza, llenarse los pulmones con todo ese aire fresco y perfumado.

La Señorita Carmen tenía mucha paciencia. Una y mil veces repetía las enseñanzas, a veces hasta se quedaba ronca. Por momentos perdía la paciencia y sus lindos ojos se oscurecían, pero al ratito nomás, comenzaba a sonreír y era como si saliera el sol otra vez, porque en su cara brillaba una hermosa sonrisa. Como sus enojos duraban poco, los desastres persistían. Si ella dictaba “Las aves vuelan rápidamente a sus nidos en los árboles», lo más probable era que los chicos escribieran: «Las abes buelan rápidamente a sus nidos en los árvoles».

-¡¡¡AJJJ!!! ¡¡¡Qué horror!!! -dijo alguien. ¿Quién habló? Preguntó la Señorita Carmen. Nadie contestó, entonces nadie había hablado. Pero... ¿de dónde había venido esa vocecita? Lo que se había escuchado era la voz de las palabras que ya estaban cansadas, CAN - SA - DAS de que los chicos las usaran tan mal!... Al fin y al cabo ellas eran muy amigas de la Señorita

Carmen, cantaban y reían con ella, le decían hermosas poesías y le contaban bellísimos cuentos. ¿Cómo no ser amigas? ¡Habían estado tantos años juntas! Ella siempre las llamaba para enseñarles a sus alumnos el valor del lenguaje. Pero... ¿qué les importaba a los chicos? -pensaron las palabras. Entonces decidieron hacer una revolución: la revolución de las palabras. ¿Cómo era eso? Veamos. Si algún chico escribía «abitar, abitante, abitación», las haches se ponían a correr y se colocaban delante de las palabras, y así, entonces, se leía: «habitar, habitante, habitación».

Con pedazo y trozo pasó de otra forma: Pedrito escribió «pedaso» y «troso» y las zetas se pusieron a llorar tan fuerte que nuestro protagonista las colocó correctamente en su lugar. Las eses contentas se fueron a descansar a sus lugares.

Un día Mili escribió «salvava» y «vrotava». Ese fue el día en que precisamente, se armó la gorda, porque las ves cortas fueron a buscar a las bes largas y les dijeron que eran unas haraganas imperdonables, ya que nunca querían trabajar.

- ¡No y no! - dijeron las bes, lo que pasa es que Mili nunca se acuerda de usarlas y ellas, cansadas de esperar se duermen. ¡Total si nunca las llamaban!...

Así, de una forma u otra, unas llorando y otras enojándose, consiguieron que los chicos escribieran bien lo que la «Seño» Carmen les dictaba con tanto amor y paciencia. Si algún día no se acordaban de alguna letra en alguna palabra difícil, buscaban un Señor gordo muy simpático y bonachón que en un santiamén los ayudaba. Todos lo llaman DICCIONARIO. ¿Lo conocés? Si te hacés amigo de él nunca te pasará lo que les pasó a los alumnos de la Señorita Carmen.

Mavira Dillon

Argentina

maviradillon@yahoo.com.ar

Ilustración: Ray Respall Rojas

17 años, Cuba